



## **Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores**

### **Diário da Sessão**

**VII Legislatura**

**Número: 84**

**III Sessão Legislativa**

**Horta, Quinta-Feira, 18 de Setembro de 2003**

**Presidente:** *Deputado Bento Barcelos (substituído no decorrer da Sessão pelo Sr. Deputado Fernando Lopes)*

**Secretários:** *Deputados António Loura e Raúl Rego*

### **Sumário**

Os trabalhos tiveram início às 10 horas e 20 minutos.

#### **Período de Antes da Ordem do Dia:**

Continuação do debate sobre a declaração política, apresentada pelo PSD. Usaram da palavra os Srs. Deputados Dionísio de Sousa (*PS*), José Manuel Bolieiro (*PSD*), Vasco Cordeiro (*PS*), Victor Cruz (*PSD*), Fernando Lopes (*PS*), José Decq Mota (*PCP*) e Paulo Gusmão (*PP*).

Produziram intervenções de interesse político relevante para a Região os Srs. Deputados Fernando Lopes (*PS*) e Bento Barcelos (*PSD*).

Na sequência destas intervenções, usaram da palavra, para esclarecimentos, os Srs. Deputados Vasco Cordeiro (*PS*), José Decq Mota (*PCP*), Francisco Barros (*PS*),

Bento Barcelos (*PSD*), Alvarino Pinheiro (*PP*), bem como o Sr. Secretário Regional da Economia, *Duarte Ponte*.

**Período da Ordem do Dia:**

**1. Continuação do debate sobre o relatório relativo à Petição – “Construção de um novo edifício escolar na Freguesia das Manadas, Concelho das Velas”,** em que intervieram os Srs. Deputado José Rego (*PS*) e Paulo Gusmão (*PP*).

**2. Proposta de Resolução – “Construção de um novo edifício escolar (EB/JI) na Freguesia das Manadas, Concelho das Velas”,** apresentada pelo PSD.

**3. Proposta de Resolução – “Recomenda ao Governo Regional que, em colaboração com a Câmara Municipal das Velas, promova a construção de um novo edifício escolar que sirva, com os necessários requisitos de qualidade, os alunos residentes na Freguesia das Manadas”,** apresentada pelo PS.

**4. Proposta de Resolução – “Construção da Escola EB/JI da Freguesia das Manadas, Concelho das Velas”,** apresentada pelo PSD.

**5. Proposta de Resolução – “Recomenda ao Governo Regional que, ao fechar escolas com vista à concentração de alunos, dê prioridade às obras de remodelação e beneficiação do edifício que será utilizado na Freguesia das Manadas, Concelho das Velas,** apresentada pelo PP.

Após a apresentação destas Propostas de Resolução pelos Srs. Deputados Mark Marques (*PSD*), Manuel Silveira (*PS*), José Decq Mota (*PCP*) e Paulo Gusmão (*PP*), usaram da palavra o Sr. Secretário Regional da Educação e Cultura, *Álamo de Meneses*, bem como os Srs. Deputados José Rego (*PS*), Francisco Sousa (*PS*), Joaquim Machado (*PSD*), António Gomes (*PS*), Paulo Valadão (*PCP*) e José Decq Mota (*PCP*).

Submetidas à votação, as Propostas de Resolução, apresentadas pelo PSD e pelo PCP foram rejeitadas, tendo sido aprovadas por maioria as Propostas de Resolução, apresentadas pelo PS e pelo PP.

Proferiram declarações de voto, em relação à votação das Propostas de Resolução acima referidas, os seguintes Srs. Deputados:

Proposta de Resolução do PSD - Mark Marques (*PSD*), Francisco Sousa (*PS*), Paulo Valadão (*PCP*) e Paulo Gusmão (*PP*).

Proposta de Resolução do PS – José Decq Mota (*PCP*) e Mark Marques (*PSD*).

Proposta de Resolução do PCP – José Decq Mota (*PCP*).

Proposta de Resolução do PP – José Decq Mota (*PCP*) e Paulo Gusmão (*PP*).

#### **6. Proposta de Resolução – “Conta da Região Autónoma dos Açores, referente ao ano de 2000”.**

Após a apresentação feita pelo Sr. Secretário Regional da Presidência para as Finanças e Planeamento, *Roberto Amaral*, participaram no debate os Srs. Deputados Duarte Freitas (*PSD*), Alvarino Pinheiro (*PP*), Andreia Cardoso (*PS*) e José Decq Mota (*PCP*).

Submetida à votação, a Conta da Região foi aprovada por maioria.

#### **7. Proposta de Resolução – “Conta de Gerência da Assembleia Legislativa Regional dos Açores, referente ao ano de 2002.**

Posta à votação, a mesma foi aprovada por unanimidade.

#### **8. Proposta de Resolução – “Orçamento Suplementar da Assembleia Legislativa Regional dos Açores, referente ao ano de 2003.**

Submetida à votação, a mesma foi aprovada por unanimidade.

#### **9. Proposta de Resolução – “Orçamento da Assembleia Legislativa Regional dos Açores, referente ao ano de 2004.**

Posta à votação, a mesma foi aprovada por unanimidade.

#### **10. Projecto de Decreto Legislativo Regional – Segunda alteração ao Decreto Legislativo Regional nº 2/99/A, de 20 de Janeiro – adaptação do sistema fiscal nacional, alterado pelo Decreto Legislativo Regional nº 33/99/A, de 30 de Dezembro, apresentado pelo PSD.**

Na discussão deste diploma usaram da palavra os Srs. Deputados Duarte Freitas (*PSD*), que fez a apresentação, Andreia Cardoso (*PS*), Lizuarte Machado (*PS*) e José Decq Mota (*PCP*).

A continuação do debate deste diploma ficou agendada para o dia seguinte.

Os trabalhos terminaram às 20 horas e 10 minutos

---

**Presidente:** Srs. Deputados, bom dia.

Vamos proceder à chamada dos Srs. Deputados.

*(Eram 10 horas e 20 minutos)*

*Procedeu-se à chamada à qual responderam os seguintes Deputados:*

***Partido Socialista (PS)***

**Andreia** Martins **Cardoso** da Costa

**António** das Neves Lopes **Gomes**

**António** José Tavares de **Loura**

**Dionísio** Mendes de **Sousa**

**Fernando** Rosa Rodrigues **Lopes**

**Francisco** Cardoso Pereira **Oliveira**

**Francisco** Couto de **Sousa**

**Francisco** Sérgio Frade Frota Tavares **Barros**

**Gilberta** Margarida de Medeiros Pavão Nuno **Rocha**

**Hernâni** Hélio **Jorge**

**José Humberto** Medeiros **Chaves**

**José** Carlos Gomes **San-Bento** de Sousa

**José** de Sousa **Rego**

**José** do **Nascimento** de **Ávila**

**Lizuarte** Manuel **Machado**

**Luís** **Paulo** de Serpa **Alves**

**Manuel** **Avelar** da Cunha **Santos**

**Manuel** Fernando Soares de Oliveira **Campos**

**Manuel** **Herberto** Santos da **Rosa**

**Manuel** Soares da **Silveira**

**Maria Fernanda da Silva Mendes**

**Maria da Natividade da Luz**

**Nélia Maria Pacheco Amaral**

**Nuno Alexandre da Costa Cabral Amaral**

**Osório Meneses da Silva**

**Paulo Manuel Ávila Messias**

**Renato Luís Pereira Leal**

**Vasco Ilídio Alves Cordeiro**

***Partido Social Democrata (PSD)***

**António Bento Fraga Barcelos**

**Clélio Ribeiro Parreira Toste Meneses**

**Duarte Nuno D'Ávila Martins de Freitas**

**Humberto Trindade Borges de Melo**

**João Manuel Bettencourt Cunha**

**Jorge Alberto da Costa Pereira**

**José Francisco Salvador Fernandes**

**José Joaquim Ferreira Machado**

**José Manuel Cabral Bolieiro Dias**

**José Manuel Avelar Nunes**

**Luís Henrique de Aguiar Sequeira de Medeiros**

**Manuel Ribeiro Arruda**

**Mark Silveira Marques**

**Raúl Aguiar Rego**

**Sérgio Manuel Bettencourt Ferreira**

**Victor do Couto Cruz**

***Partido Popular (PP)***

**Paulo Domingos Alves de Gusmão**

***Partido Comunista Português (PCP)***

**José Eduardo Bicudo Decq Mota**

**Paulo António de Freitas Valadão**

**Presidente:** Estão presentes 47 Srs. Deputados. Está aberta a sessão. Pode entrar o público.

Não tendo chegado à mesa nenhum expediente, vamos retomar a discussão sobre a declaração política, apresentada ontem pelo PSD e estava inscrito o Sr. Deputado Dionísio de Sousa a quem dou a palavra.

**Deputado Dionísio de Sousa (PS).** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados:

A declaração política, apresentada pelo Sr. Deputado José Manuel Bolieiro é, efectivamente, uma declaração para esquecer, mas também para esclarecer em muita coisa.

Para esquecer, porque se situa, lamentavelmente, naquele registo habitual a que já nos habituou o PSD, ou seja, o PS promove a revisão da Lei das Finanças Regionais e o PSD diz que tem algumas ideias, manda um papelinho dizendo que isso é apenas o início de alguma coisa que o seu grupo de trabalho fará.

O PS apresenta uma revisão do Regimento e o PSD apresenta uma carta de princípios sobre o funcionamento da Assembleia.

O PS apresenta um projecto de revisão constitucional e o PSD diz que já teve umas ideias e que agora esforçadamente à última da hora concretiza, porque o problema de uma revisão constitucional não é o entendimento que nós necessitamos para chegar até aqui. Esse é o mais fácil, o mais difícil é pôr o País a falar duma revisão constitucional para as Regiões Autónomas e é aí que começam os projectos verdadeiramente existentes.

Efectivamente o PSD tinha especiais condições para fazer isso, porque, por exemplo, tem o seu líder na Assembleia da República que podia efectivamente levar esse projecto, pré-projecto ou algumas ideias, porque tem iniciativa legislativa, mas o líder do PSD tem-se caracterizado por fugir à frente dessas questões, estando na Assembleia Regional quando devia estar na Assembleia de República, ficando, por exemplo, surpreendido que o PS tenha dado sequência a uma decisão duma

Comissão sobre o sistema eleitoral que tinha como finalidade parar o processo de trabalho de revisão do sistema eleitoral, porque era necessário rever a Constituição e o PS fez-se ao caminho e tem um projecto para revisão da Constituição, iniciado por altura em que se tomou essa decisão a nível regional e terminado há poucos dias.

Foi apresentado ao País, numa perspectiva nacional, na Assembleia da República, apresentado nesta Assembleia e apresentado à comunicação social.

Por fazermos isso, dizem-nos que usamos modelos de mediatização excessiva.

Nós fizemos tudo isso com uma conferência de imprensa em Lisboa, apresentando um projecto, com uma declaração política feita aqui e com uma conferência de imprensa. O PSD não fez nada disso, mas teve a RTP, logo pela manhã, às ordens do seu líder, que se seria de esperar que à tarde tivesse na Assembleia Regional, mas como é habitual também não esteve na Assembleia Regional, porque o PS apresentava alguma coisa que ele teria de responder e deixou para outro fazer por ele.

Efectivamente eu conheço líderes que fogem depois de terem obra feita.

**Deputado João Cunha (PSD):** De que é que será que o Presidente do Governo foge?

**O Orador:** Não conhecia nenhum que andasse à frente da obra que tem que fazer, mas fiquei a conhecer.

Tudo isto tem a ver com a revisão constitucional e com as iniciativas que devem ser tomadas em relação a quem quer a revisão constitucional e a quem quer a revisão do sistema eleitoral. Estas eram as iniciativa tomadas, mas tirando essa parte para esquecer, há a outra parte que fica por esclarecer da declaração política, Sr. Deputado José Manuel Bolieiro.

O Sr. Deputado diz que o PS alterou a sua posição, porque o Sr. Presidente teria dito que não havia, e não há, a preocupação do aumento geral de competências para a Região. É essa a vossa falta de perspectiva que nós desmontamos desde 96.

**Presidente:** Sr. Deputado, eu pedia que fosse concluindo.

**O Orador:** Desde esta data que nós fizemos uma convenção para a nova autonomia em que propúnhamos precisamente isso.

Não se trata de aumentar, trata-se de clarificar, de esclarecer e de blindar na Constituição as nossas competências. Trata-se de fazer agora, para as competências legislativas, aquilo que se fez em 97, pela nossa mão, para as competências no domínio das Finanças Regionais. Trata-se de dar segurança jurídica. É esse o objectivo desta revisão, como foi esse, desde sempre, o objectivo da nova autonomia, que é para deitar por terra aquela pseudo dinâmica, pseudo autonomia evolutiva do PSD, que vem apenas provar essa ambiguidade constitucional.

Os senhores têm feito a autonomia andar para trás e não progredir. Nós queremos consagrar as competências legislativas na Constituição, tal como temos consagradas as competências em matéria financeira.

Na Constituição ficará de forma que também não desconfiguramos o modelo. O modelo é o mesmo, agora fica é independente das interpretações que têm sido feitas e que, para além daquilo que está na Constituição, trazem margens de limitação e que, já que vem a “talhe de foice”, os senhores não resolvem, porque mantêm lá conceitos tão antigos, como competências próprias dos órgãos de soberania. Por esse caminho nós nunca fomos.

**Presidente:** Sr. Deputado, agradeia que terminasse.

**O Orador:** Eu já termino, Sr. Presidente.

Desde 1992 que convencemos os açorianos que havia outra autonomia, uma nova autonomia e é esse o caminho que nós prosseguimos.

Não nos aproximamos do PSD, afastamo-nos cada vez mais, trilhando o nosso próprio caminho.

Muito obrigado.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado José Manuel Bolieiro.

**Deputado José Manuel Bolieiro (PSD):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Secretário Regional:

Desta vez não me mostro surpreendido com o tom e o estilo da intervenção do Deputado Dionísio de Sousa, que não sabe fazer outra coisa senão procurar censurar, em todas as circunstâncias, com pouca habilidade, devo reconhecê-lo, o trabalho que o PSD faz.

**Deputado Dionísio de Sousa (PS):** Incoerente, Sr. Deputado!

**O Orador:** Contraria, com a leviandade de quem não respeita o que está em debate, apesar da solicitação do Presidente do seu Grupo Parlamentar.

Limita-se a desmerecer o anúncio das propostas do PSD. Mas não esclarece a questão que ontem ficou pendente e que justificou a passagem deste debate para hoje.

O Sr. Deputado intervém para desviar as atenções, não esclarece coisa nenhuma, só fala para ouvir a sua intervenção.

Sr. Deputado Dionísio de Sousa, Srs. Deputados do Partido Socialista:

Ontem ficou por esclarecer a posição do Partido Socialista, quanto à alteração do sistema eleitoral, que justificava a revisão constitucional.

Devo esclarecer que na Comissão Eventual que estudou a revisão do sistema eleitoral, não havia, por parte de nenhum partido político, qualquer proposta concreta para alteração do sistema eleitoral.

Por outro lado, foi dito que a Comissão, depois dos estudos que solicitou, não se revia em nenhum deles pelo que ela própria iria formular um Projecto de Decreto Legislativo Regional.

Também ficou dito que estando em curso o período de revisão constitucional e havendo consensualidade em dois pontos, podíamos suscitar na próxima revisão constitucional uma reserva de iniciativa legislativa nesta matéria, para a Assembleia Legislativa Regional, ou, então, como todos defenderam, a defesa do direito de voto aos emigrantes.

No processo da revisão constitucional, a Comissão acompanhará os trabalhos no sentido de incentivar a consagração da reserva de iniciativa legislativa e, por outro lado, resolver o problema do voto dos emigrantes.

Por isso, gostava que o Partido Socialista esclarecesse qual a sua posição quanto à alteração à lei eleitoral que, para além desta preocupação de acompanhamento da comissão, justifica primeiro a revisão constitucional e só depois a alteração da lei eleitoral.

Muito obrigado.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Vasco Cordeiro.

**Deputado Vasco Cordeiro (PS):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, S. Secretário Regional:

Ontem no debate o Deputado Alvarino Pinheiro, e tenho pena que não esteja presente, colocou algumas questões relativamente à proposta do Partido Socialista e, se bem me recordo, questões que iam no sentido de “mas então o nosso sistema é inconstitucional?”. O Deputado Alvarino Pinheiro ainda brincou dizendo: “Ainda bem que não estão muito órgãos de comunicação social, porque isso era uma desgraça”.

Perguntava ainda: “A proposta de revisão constitucional do PS já deu entrada?”

“Qual é a vossa proposta relativamente ao sistema eleitoral? Pergunta que foi secundada pelo Partido Social Democrata, embora em termos diferentes.

Eu julgava sinceramente desnecessário voltarmos aí, mas de qualquer das formas gostava de relembrar à Câmara e a todos aqueles que nos ouvem que a razão pela qual o Partido Socialista defende uma revisão da Constituição, antes duma revisão do sistema eleitoral, tem a ver com os relatórios da Comissão Eventual de Revisão do Sistema Eleitoral, aprovados por unanimidade.

O parecer do Professor Carlos Blanco de Moraes, sob o título de “a problemática relativa à inclusão da disciplina jurídica do sistema eleitoral no Estatuto Político-Administrativo”, que consta do relatório, em termos de conclusão diz o seguinte: “As mudanças sucessivas ocorridas na natureza da reserva parlamentar não deixaram de suscitar questões de constitucionalidade a propósito da sua presença nos estatutos de autonomia.”

Mais adiante, o Professor Carlos Blanco de Moraes diz o seguinte: “Assim, se uma nova revisão estatutária se propuser alterar o sistema eleitoral da Região Autónoma dos Açores, modificando os artigos 12º. a 19º., ela será rotundamente inconstitucional, *por vício de forma*”.

Depois, o relatório da Comissão, aprovado por unanimidade, diz o seguinte: “Julga-se que a solução preferível assentaria na consagração constitucional de uma reserva de iniciativa originária das Assembleias Legislativas Regionais relativamente aos procedimentos de aprovação ou de alteração da lei orgânica relativa à eleição de deputados a estas últimas, um pouco à semelhança do regime estatutário.”

Penso que está claro por que razão é que se tem que alterar a Constituição antes de mexer na lei eleitoral, porque se não o fizermos será rotundamente inconstitucional. Devo confessar que estranho as perguntas do PSD sobre esta matéria, porque o PSD aprovou esta posição.

**Deputado José Manuel Bolieiro (PSD):** Aprovou o relatório.

**O Orador:** Sr. Deputado, aprovou o relatório e não aprovou essa posição. Não vamos por aí, porque isso é o sintoma de que, em relação a esta matéria, os senhores querem empatar.

Os senhores aprovam uma coisa que diz que se deve alterar a Constituição antes de rever o sistema eleitoral.

Os senhores aprovam uma coisa que diz que a solução preferível está na consagração constitucional duma reserva de iniciativa original das Assembleias Legislativas Regionais.

Os senhores aprovam uma coisa em que se diz que, se numa nova revisão estatutária se propuser alterar o sistema eleitoral da Região Autónoma dos Açores, ela será rotundamente inconstitucional por vício de forma.

O Partido Socialista apresenta uma proposta de revisão constitucional que consagra aquelas que foram as propostas da Comissão e o PSD vem perguntar: “Por que é que os senhores querem rever a Constituição antes de rever o sistema eleitoral e o que é que os senhores defendem em relação ao sistema eleitoral para rever a Constituição?”

**Presidente:** Sr. Deputado, agradeça que concluisse.

**O Orador:** Já termino, Sr. Presidente, sendo certo que entrarei na sua generosidade, como o Sr. Deputado José Manuel Bolieiro e os Deputados que me antecederam, nomeadamente o Deputado Dionísio Sousa.

Em relação às perguntas formuladas pelo Deputado Alvarino Pinheiro, devo dizer-lhe que o PS não desencadeou formalmente ainda um processo de revisão constitucional. Aliás, isso foi claro nas tomadas de posição do PS. O PS ainda não entregou formalmente na Assembleia da República o seu projecto, mas desencadeou um debate político e propôs uma determinada metodologia.

Sr. Deputado Alvarino Pinheiro, o senhor sabia disso. Toda a gente sabe disso e só o Sr. Deputado Alvarino Pinheiro é que não sabia que o PS não desencadeou formalmente ainda o processo de revisão constitucional. Está no seu direito.

Nós propusemos um determinado compromisso político aos partidos e propusemos uma determinada metodologia. Nós temos uma proposta concreta e estamos à espera que os senhores digam alguma coisa em relação a isso. Penso que é razoável.

Por último, o que é que o PS defende em termos de revisão do sistema eleitoral?

Aquilo que o PS defende na revisão do sistema eleitoral é exactamente aquilo que tem sido o compromisso político assumido na Comissão de revisão. Nós estamos dispostos a trabalhar no seio da Comissão de Revisão do Sistema Eleitoral para se chegar a uma solução de consenso.

Perguntar neste momento e querer que o Partido Socialista, em plenário, diga “nós defendemos esta ou aquela solução”, é comprometer aquele que foi o acordo político de discutir esta matéria em sede de Comissão de Revisão do Sistema Eleitoral.

Penso que estão explicadas as dúvidas de por que razão é que se tem que alterar a Constituição antes de mexer no sistema eleitoral. Esta foi, inclusive, a posição do PSD/Açores o ano passado e em Março deste ano.

Muito obrigado.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Victor Cruz.

**Deputado Victor Cruz (PSD):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Sr. Membro do Governo:

Peço a palavra para, em nome do Partido Social Democrata, clarificar um aspecto que tem a ver com esta importante questão da revisão constitucional, mas que tem também a ver, Srs. Deputados, com a revisão do sistema eleitoral.

Esta matéria, como todos nós sabemos, é muito importante e não vale a pena reafirmar aquilo que muito bem o Presidente do Grupo Parlamentar do PSD já disse. O PSD não está nada preocupado que se diga se tem ou não tem propostas sobre essa matéria. O PSD sempre as teve, elas têm vantagem de serem públicas, a publicidade das mesmas tem data, tem assinatura e sobre essa matéria estamos conversados.

Eu queria que ficasse aqui bem clara a posição política do Partido Social Democrata que tem a ver com a matéria da revisão do sistema eleitoral, começando por lembrar

que no dia em que a actual Direcção do PSD foi eleita em Congresso, anunciámos publicamente que gostaríamos muito de conversar com as restantes direcções político-partidárias e nesse sentido foi enviada uma carta aos líderes do PS, do PP e do PCP para conversarmos sobre o sistema eleitoral. Nessa altura ficou dito que, e continuamos a achar que era o melhor caminho, o momento ideal para fazer esta alteração era na primeira metade da legislatura. Regra geral é assim mesmo.

A altura apropriada para fazer uma revisão do sistema eleitoral, que é por natureza a regra do jogo democrático, é a primeira metade duma legislatura e nunca na véspera das eleições.

A verdade que é depois o Partido Socialista, com toda a legitimidade e com a maioria que tem, apresentou aqui uma proposta para que todos pudéssemos reflectir sobre essa e muitas outras questões e o PSD nessa altura, como agora, e como amanhã continua disponível para fazer a sua reflexão sobre essa matéria.

Também é preciso que fique aqui bem claro que aquilo que o Sr. Deputado Vasco Cordeiro disse sobre o sistema eleitoral, citando ilustres constitucionalistas, nós já sabíamos há muito tempo.

Nesse aspecto a Comissão, que teve utilidade, teve valor, que aprofundou um conjunto muito variado de questões, não trouxe nada de novo.

O Sr. Deputado Dionísio de Sousa, junto comigo e outros Deputados que estão nesta Casa, fez parte de outras tentativas de revisão do sistema eleitoral e nessa altura conversámos sobre isto muitas vezes.

Há muito tempo que vários juristas dizem, mesmo antes desta Comissão ser criada, aquilo que o Sr. Deputado Vasco Cordeiro disse que o Dr. Blanco de Moraes tinha dito e, portanto, este problema já está identificado há muito tempo.

Se a pergunta do porquê rever a Constituição antes de rever o sistema eleitoral já está respondida, falta responder a uma: porquê rever o sistema eleitoral antes das eleições? Esta é a questão política sobre a qual me quero pronunciar.

O PSD continua disponível para rever o sistema eleitoral, continua a dar o melhor do seu esforço para reflectir sobre essa matéria na Comissão que foi criada justamente para pensarmos todos em conjunto, porque essa é a única alternativa e única via possível, sobre a revisão do sistema eleitoral e sobre a revisão constitucional.

Agora, o PSD quer afirmar aqui um princípio de comportamento político que não é de obstáculo à revisão do sistema eleitoral, pelo contrário é de estímulo, mas o PSD a um ano de eleições, só dará a sua opinião favorável a uma nova solução, em termos de sistema eleitoral, se ela tiver a unanimidade dos partidos políticos na Assembleia Legislativa Regional dos Açores, sobre a forma de resolução, de posições políticas ou a forma que melhor se entender adequado.

Esta questão política, para além de muitas outras de importância também relevante que estão aqui a ser debatidas, parece-me uma questão de princípio que, em nome do Partido Social Democrata, nós não queríamos deixar passar esta oportunidade para sublinhar e reafirmar. Isso é um estímulo, não é um obstáculo.

Agora, a um ano de eleições, quando nós já sabíamos aquilo que agora se diz que era um problema, só com unanimidade dos partidos que foram escolhidos pelos açorianos para representarem o povo açoriano é que o PSD dará a sua concordância a uma revisão do sistema eleitoral, com ou sem revisão constitucional, passando pela Assembleia da República.

Esta é a posição clara do Partido Social Democrata dos Açores. É um princípio que acho que devia ser afirmado hoje nesta Assembleia, não perdendo, portanto, essa oportunidade.

Muito obrigado, Sr. Presidente.

**Vozes da bancada do PSD:** *Muito bem! Muito bem!*

*(Aplausos das bancadas do PSD e do PP)*

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Vasco Cordeiro.

**Deputado Vasco Cordeiro (PS):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Eu devo saudar o Deputado Victor Cruz por secundar aquele que é um compromisso político do Partido Socialista desde Março de 2000.

Em Março de 2000, na intervenção final do Congresso do Partido Socialista, o Presidente do PS disse: “Não será por causa do PS que se deixará de fazer uma revisão do sistema eleitoral”.

Com a mesma sinceridade com que os senhores saudaram o PS pela sua proposta da televisão, saúdo claramente o PSD pelo facto de estar disponível para alinhar connosco nos termos já definidos pelo Presidente do PS.

Gostava também de esclarecer mais dois aspectos e que se prendem com o seguinte: Folgo em ver que a questão de saber porquê se deve rever a Constituição antes do sistema eleitoral, está esclarecida.

O Deputado Victor Cruz diz que em termos de propostas de revisão constitucional estamos conversados e eu gostava de perguntar o seguinte: as propostas do PSD são essas? Se isto é a totalidade da conversa do PSD em relação a esta matéria, vamos reunir e vamos conversar.

Se o PSD quer passar a fazer aquilo que o PS fez, ou seja, articular e se acha que ainda falta fazer isso, muito bem, estamos aqui para isso, – o Sr. Deputado é jurista e sabe tão bem quanto eu que a passagem a letra de lei de determinadas soluções tem múltiplas variáveis e pode ter muitas nuances – agora se toda a conversa é, como o senhor disse “estamos conversados”, o que interessa é clarificar.

O Sr. Deputado Victor Cruz diz que aquilo que os constitucionalistas dizem não é nada de novo. Realmente pode não ser nada de novo, mas quem colocou a questão sobre qual era o magno problema de constitucionalidade à volta desta matéria não fui eu.

Por agora era só isto que eu tinha a dizer.

Muito obrigado.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Fernando Lopes.

**Deputado Fernando Lopes (PS):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados:

Eu intervenho neste debate no seguimento da intervenção do Sr. Deputado Victor Cruz a quem eu tinha pedido esclarecimentos, em sessão plenária anterior, sobre a posição do PSD e uma vez que o Sr. Deputado tinha colocado em público a posição que agora voltou a reafirmar e que diz ser originária do Congresso do PSD, dizendo que para procurar um entendimento sobre a revisão do sistema eleitoral era bom que as direcções partidárias se entendessem e se encontrassem, eu perguntei-lhe na altura

qual era a importância que dava ao trabalho da Comissão, tendo reafirmado que esse trabalho era útil.

Hoje vejo que, de facto, o tom com que tratou algumas das conclusões dos trabalhos técnicos da Comissão é de que “todos nós já sabíamos isso”. Então se sabíamos isso, por que é que andámos a gastar tempo e dinheiro a esta Assembleia numa Comissão? Na primeira reunião tivessem posto isso em cima da mesa.

Se as direcções partidárias conseguem resolver tudo, para que é que os açorianos elegem os Srs. Deputados? São meros correios de transmissão para as direcções partidárias que se hão-de reunir num esconso de qualquer sítio para resolver nas costas dos açorianos, em vez de se resolverem publicamente aqui nesta Casa?

Sr. Deputado Victor Cruz, eu não esperava isso de si, porque o senhor fez-se e cresceu nesta Casa e é um digno parlamentar, mas a forma como afirmou isso é minorizar o trabalho desta Casa, é minorizar o trabalho de todos nós como deputados.

Para fazer o trabalho técnico não são precisas Comissões, basta que os politburgos dos partidos se reunam e resolvam. Isso é passar um atestado de incompetência a esta Assembleia e demonstrar que ela não é necessária, porque para isso os politburgos lá estão para resolver nos segredos dos deuses.

Tenho muita pena de ter que lhe dizer isto, mas não esperava esta atitude da sua parte, porque o senhor em múltiplas ocasiões tem feito tudo para defender esta Casa. De facto fiquei desiludido pela forma como apresentou esta questão. Provavelmente a interpretei mal e espero os seus esclarecimentos.

Muito obrigado.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Victor Cruz.

**Deputado Victor Cruz (PSD):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Começando pelo fim eu aconselhava o Sr. Deputado Fernando Lopes que da próxima vez que achar que interpreta mal as minhas palavras, em vez de me acusar, pergunte que eu explico melhor se é que já não expliquei.

**Deputado Fernando Lopes (PS):** Não explicou.

**O Orador:** Para justificar o trabalho que eu próprio disse agora mesmo que era útil, ao contrário do que o senhor diz. Eu não sei onde é que o senhor foi buscar esta agressividade, esta razão e motivação para falar.

Eu acabei de dizer que era útil, agora o Sr. Deputado não me peça para fingir que não sabia uma coisa que eu já sabia.

O que o ilustre jurista Dr. Blanco de Moraes diz, eu já sabia, assim como o Sr. Deputado Dionísio de Sousa também, – e estou a citá-lo, porque foi um trabalho interessante que tivemos e que, infelizmente, teve consequências - mas já há muito tempo que muitos juristas dizem que a actual formulação legal, estatutária, o facto do sistema eleitoral estar no estatuto e, portanto, reservando para a Assembleia Legislativa Regional dos Açores a iniciativa, que é duvidoso e que alguns dizem que é inconstitucional. Há muito tempo que a gente sabe disso e já conversámos sobre isso muitas vezes.

Vou fingir agora que não sabia disso só porque houve uma Comissão?

A Comissão foi útil em muitas outras coisas e podia ter sido útil inclusive na formulação, e não estava proibida disso, duma proposta consensual.

Ninguém está dizendo que a Comissão trabalhou mal, que a culpa foi de alguém e ninguém está a desvalorizar o Parlamento. Nós estivemos lá, nós trabalhamos, tivemos atentos e penso que sobre este assunto estamos entendidos.

Em relação ao líder do PS ter dito que não será pelo PS que se deixará de fazer a revisão do sistema eleitoral, muito bem. Se o PS quer valorizar essa declaração agora, eu não a deixo valorizar, porque tenho uma noção muito clara sobre essa matéria. Esta é daquelas matérias que sozinho ninguém chega lá.

Portanto, para mim tanto faz se parte primeiro, se parte depois, se corre mais depressa, se já tem propostas, quem é que apresentou propostas primeiro ou se já tem articulado.

Se alguém pensa que está muito adiantado, vai ter que se sentar à espera de cortar a meta, porque não corta a meta sem os outros.

**Deputado Joaquim Machado (PSD):** *Muito bem!*

**O Orador:** Felizmente que nesta matéria é assim. Há exigências relativamente às grandes questões e, portanto, ninguém vai cortar esta meta da revisão constitucional

sozinho, porque vai ser preciso consenso e até acho que estamos num momento histórico em que eles são possíveis em relação a muitas matérias, no plano regional e no plano nacional. Essa oportunidade, mais dia menos dias, mais mês menos mês, mais depressa ou mais devagar, não deixará de ser aproveitada por todos os partidos políticos, naquilo que vai ser considerado um dos factos mais importantes n aprofundamento da autonomia e depois ninguém vai dizer fui eu que cheguei primeiro ou cheguei depois.

Dizer que não será pelo PS que se deixará de fazer a revisão do sistema eleitoral, não é exactamente a mesma coisa do que dizer que de hoje para a frente, quanto mais perto das eleições ela só se faz se houver unanimidade, porque, pelo PS, a revisão podia ser feita só pelo PS e PSD, mas isso não é exactamente a mesma coisa do que eu disse, embora tenha também o seu valor. O que eu digo é mais do que isso: não será pelo PSD que se deixará de fazer a revisão do sistema eleitoral, agora daqui para a frente e até às próximas eleições, com a proximidade destas, o PSD terá propostas, mas só dará o seu assentimento à revisão do sistema eleitoral se ela tiver unanimidade dos partidos políticos.

Se isto é ou não a mesma coisa que disse o líder do Partido Socialista, não me parece que seja.

Não é por isso que nós fazemos debates prolongados, porque essa não é para mim uma questão importante. Para nós o que é importante é que fique muito clara a posição do Partido Social Democrata.

Quanto às propostas concretas e ao articulado, o PSD dentro de muito pouco tempo terá oportunidade de apresentar todas as suas propostas consensualizadas com o PSD/Madeira, com o PSD Nacional numas jornadas parlamentares nacionais que se realizarão no Funchal no dia 13 e 14 em que vamos ter oportunidade de discutir e aprofundar esta questão.

Como ontem disse o Sr. Deputado José Manuel Bolieiro, já há muita matéria das nossas propostas que só falta passar a articulado e que já são consensuais no Partido Social Democrata no plano nacional. Existem outras que ainda não o são, mas o PSD não prescinde delas e quer até à última da hora tentar convencer todos aqueles que estão à nossa volta, inclusive a direcção nacional, da bondade, da justiça e da forma

certeira como temos defendido várias coisas. Eu lembro-me, por exemplo, que em relação à extinção do cargo de Ministro da República o meu partido, no plano nacional, não queria e foi da persistência do PSD/Açores, junto da direcção nacional, que o PSD Nacional nas últimas eleições legislativas nacionais, apresentou na sua proposta a extinção do cargo de Ministro da República.

Portanto, há coisas que nós devemos reafirmar e não desistir, sendo certo que no dia que se conseguir alterações, não só internamente, mas com os outros partidos, é preciso encontrar uma solução.

Queria deixar ainda aqui mais uma nota muito clara.

Eu acho que esta posição política do PSD não é um obstáculo à revisão do sistema eleitoral e penso que estamos num bom momento para, mais cedo ou mais tarde, fazer uma boa revisão da Constituição para a Autonomia Político-Administrativa dos Açores e isso deve-se a todos sem excepção, a não ser que a meio do caminho alguém demonstre o contrário.

Isto é uma posição responsável e o PSD acredita nisso e sente que vai ser possível, mas temos que trabalhar para isso, com algumas condições e requisitos políticos. O nosso posicionamento sobre esta matéria é muito claro.

Muito obrigado, Sr. Presidente.

**Vozes dos Srs. Deputados Mark Marques do PSD e Alvarino Pinheiro do PP:**

*Muito bem! Muito bem!*

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado José Decq Mota.

**Deputado José Decq Mota (PCP):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Secretários Regionais:

Com muita economia de tempo, porque ele está destinado para outros fins, apenas queria, reafirmando que o Grupo Parlamentar do PCP não vai entrar na discussão de propostas concretas apresentadas, fazer uma curtíssima declaração política de trinta segundos.

O Grupo Parlamentar do PCP e o PCP/Açores valorizam, como merece, a declaração que o Presidente do PSD/Açores e Deputado nesta Casa, Dr. Victor Cruz, acabou de fazer relativamente à necessidade de, a partir deste momento, haver unanimidade dos partidos para poder haver uma revisão do sistema eleitoral.

Muito obrigado.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Vasco Cordeiro.

**Deputado Vasco Cordeiro (PS):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Houve alguns aspectos que na intervenção anterior não tive oportunidade de esclarecer e gostava de o fazer agora e que têm a ver com as propostas concretas do PSD.

Sr. Deputado Victor Cruz, eu tenho perfeita consciência de como é que essas coisas se processam e, portanto, não há problema nenhum sobre isso.

O PS manifestou na sua declaração política a vontade de que, e havendo propostas concretas de todos os partidos, passássemos a uma abordagem mais alargada destas matérias.

Em relação a esta questão não faço mais comentários, uma vez que o PSD está a desenvolver os seus esforços internamente e não tenho que me pronunciar sobre isso.

Em relação à questão que foi colocada da primeira ou da segunda metade da legislatura, parece-me que há que atender aqui a um aspecto: assente como está a necessidade duma revisão constitucional para se mexer no sistema eleitoral, devo lembrar que a Assembleia da República só assumiu poderes constituintes em finais de 2002.

Uma revisão constitucional extraordinária sobre esta matéria seria muito difícil e, portanto, parece-me claro que há aqui questões de calendário constitucional a que temos que atender.

Agora, eu gostaria de reafirmar, em nome do Partido Socialista, que nós entendemos ser possível que as próximas eleições legislativas regionais decorram num quadro constitucional e legal em que não suscitem quaisquer dúvidas, independentemente de quaisquer resultados.

O facto de nós termos um sistema eleitoral que não é merecedor de reparos e em que se elimina as questões que actualmente se colocam, é um valor em si que o PS preza a este ponto. Penso que concordará comigo.

Em relação à questão do consenso, o Sr. Deputado Victor Cruz entende manifestar aí uma distinção entre a questão da unanimidade e a declaração que foi feita pelo Partido Socialista. Da nossa parte foi sempre entendido que era necessário todos os partidos chegarem a um consenso sobre esta matéria. Sr. Deputado Victor Cruz, não vale a pena essa declaração do Presidente do PS/Açores, mas a prática do PS/Açores.

Por que razão é que propusemos a criação duma Comissão Eventual? Por que é que propusemos o acordo político de nenhum partido avançar com propostas isoladas? É ou não é por causa disso?

Aliás, em relatórios ou em actas da Comissão constam declarações do Partido Socialista sobre esta matéria, nomeadamente valorizando a possibilidade de consenso e de se chegar a uma solução que satisfaça todos aqueles que podem ser abrangidos por esse sistema e, portanto, estamos absolutamente em igualdade de circunstâncias.

Por último, folgo em saber que é possível rever o sistema eleitoral da Região Autónoma dos Açores, que o PSD está disponível para isso, assim como estão disponíveis todos os partidos políticos.

Muito obrigado.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Paulo Gusmão.

**Deputado Paulo Gusmão (PP):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Em primeiro lugar, gostaria de pedir a Vossa Excelência autorização para falar neste momento e perguntar ao Sr. Deputado Vasco Cordeiro se ele entende que é conveniente falar agora ou se o debate já acabou neste momento?

**Deputado Vasco Cordeiro (PS):** O senhor tem estado a dormir.

**O Orador:** Muito obrigado.

Desta vez estive mesmo a dormir a meio do debate, que foi durante a noite.

(Risos da Câmara)

Assim, Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, com a amável e educada autorização, também gostaria aqui de manifestar a nossa congratulação e a nossa simpatia pela declaração política que foi feita pelo Sr. Deputado Victor Cruz. Isto sim, parece que foi um facto novo aqui trazido à Assembleia Regional, um facto novo aqui trazido ao debate.

Em relação a esta matéria, mais uma vez o Partido Socialista vem de arrasto e ainda bem que concorda com esta novidade que foi aqui trazida neste momento, porque na parte restante não houve nada de novo.

Aquilo que o Partido Socialista tem tentado é fazer acreditar a cada um de nós que tinha uma proposta fundamental já para o próximo acto eleitoral e não ser acusado de ter por trás de si algum sistema inconstitucional, mas que mais não passa do que ter levado um artigo que foi resultado e consenso da Comissão, que foi resultado, aliás, do parecer técnico, verdade seja dita, que foi encomendado com esse fim e que já deveria estar na Assembleia da República para uma eventual revisão.

Querer apropriar-se dessa ideia, quando ela era consensual, parece-me que não é muito cordial, porque tirando isso não se viu mais nada. Já falámos de ideias, já falámos de propostas e todos as têm. O Partido Social Democrata já apresentou as suas, julgo já ter ouvido há tempos o PCP dizer também que já as tinha e nós próprios já o dissemos e já entregámos ao nosso Grupo Parlamentar na Assembleia da República e nem por isso é motivo do alarido que foi feito em redor de coisa nenhuma.

A questão que fica, e essa, sim, é que é importante, é sobre duas coisas completamente distintas, uma é alterar o artigo da Constituição que mais não é do que o resultado daquilo que todos pensamos e a outra é a precipitação de querer rever o sistema eleitoral à pressa, quando no fundo não há nenhuma ideia apresentada.

Portanto, se há alguma coisa que se quer mudar e que se acha que as próximas eleições exigem que tenha um novo sistema, que se diga o que é que se quer. Se não é o caso, então é apenas um simples artigo que com tempo lá estará para ser revisto e com tempo, quando houver consenso entre todos, será alterado o sistema eleitoral da

Região que, ao fim e ao cabo, o que afinal se veio a concluir foi que a única inconstitucionalidade seria essa mesma alteração.

No fundo e na prática, tirando a declaração que foi feita pelo PSD e que é importante para o futuro desta mesma discussão, o partido maioritário na Região o que é que afinal quer e trouxe de novo sobre isto.

Em conclusão, se eu fosse jornalista não conseguia dizer nada sobre isto.

**Deputado Alvarino Pinheiro (PP):** *Muito bem!*

**Deputado Dionísio de Sousa (PS):** Mesmo sem sê-lo, não conseguiu!

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Vasco Cordeiro.

**Deputado Vasco Cordeiro (PS):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Secretário Regional:

Sr. Deputado Paulo Gusmão, tivesse o senhor continuado a dormir e teríamos ganho mais.

Ao terceiro dia o PP acorda para o debate. Tivemos aqui terça-feira uma declaração política do PS sobre a revisão constitucional, tivemos aqui ontem uma declaração política do PSD sobre o mesmo e hoje o PP já entregou propostas ao seu grupo parlamentar e já tem tudo tratado.

**Deputado Alvarino Pinheiro (PP):** Temos desde ontem.

**O Orador:** Ainda bem que assim é e não o critico por causa disso.

Agora, há aqui uma coisa que me parece clara, é que o PP foi pouco cuidadoso, perdeu as folhinhas que eu lhe mandei, porque nessas folhas está o articulado da proposta de revisão constitucional do PS e não é nada daquilo que o senhor disse ou se calhar enganei-me e mandei as folhas em branco, o que também é possível.

O Sr. Deputado pegue nas folhas e leia-as e vai ver que a sua declaração não tem nada a ver com aquilo que foi a declaração política do Partido Socialista e a proposta de revisão constitucional.

Moral da história: o Sr. Deputado Paulo Gusmão durma mais um bocadinho, porque, segundo parece, só lhe faz bem.

Muito obrigado.

**Presidente:** Para uma intervenção no âmbito de assuntos de interesse político relevante, dou a palavra ao Sr. Deputado Fernando Lopes.

**Deputado Fernando Lopes (PS):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados:

Uma delegação da Assembleia Legislativa Regional participou, como convidada, pela primeira vez na Conferência Nacional das Assembleias Estaduais dos Estados Unidos da América e verificou-se a feliz coincidência deste evento se realizar no Estado irmão da Califórnia.

Deu-se assim seguimento às intenções de aprofundar as relações de amizade, de cooperação e de entre ajuda, manifestadas na Resolução 15/2002/A que aprova a geminação da Região Autónoma dos Açores e do Estado da Califórnia.

A delegação açoriana, constituída por mim próprio, Vice-Presidente da Assembleia Legislativa Regional, pelo Deputado Vasco Cordeiro do Grupo Parlamentar do PS, pelo Deputado Duarte Freitas do Grupo Parlamentar do PSD, pelo Deputado José Decq Mota do Grupo Parlamentar do PCP, teve a oportunidade de constatar a dimensão política deste evento, bem como a sua relevância internacional comprovada pela presença de inúmeras delegações internacionais.

A dimensão internacional deste evento mereceu da parte dos organizadores da Conferência Nacional das Assembleias Estaduais, bem como da Fundação Californiana para as Relações internacionais, uma recepção dedicada aos parlamentares internacionais, nos quais encontramos parlamentares de países tão diferentes como países de expressão portuguesa, como o Brasil ou países europeus como a Alemanha ou países da América Latina.

Das duas intervenções da sessão de boas vindas aos conferencistas, uma especial foi dedicada às tendências dos parlamentos dos países desenvolvidos, ou seja, estamos perante um evento em que se coloca lado a lado não só a análise do que se passa ao nível parlamentar estadual nos Estados Unidos, mas também a reflexão sobre as tendências nos parlamentos no Mundo Ocidental e em especial nos países desenvolvidos.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados:

Da multiplicidade de eventos que não descreverei aqui em pormenor e que preencheram a semana de trabalho, importa realçar, por reflectirem os grandes temas em debate, as conferências nas sessões plenárias sobre a economia americana em 2003, a economia e a saúde e fortalecer a educação, para fortalecer a América.

Verificamos assim que, independentemente das diferenças de sistemas existentes nas sociedades desenvolvidas e em particular na sociedade Norte americana e nas sociedades europeias, existe uma agenda geral e um debate não conclusivo sobre a melhor forma de gerir o sistema de saúde e, por outro lado, melhorar a educação dos cidadãos.

Estas são preocupações transversais em todos os parlamentos dos países desenvolvidos.

Outros temas que, pela sua transversalidade, são hoje actuais para os parlamentares americanos ou europeus e merecem aqui uma referência especial, são as parcerias no sector público e privado e a sua avaliação em áreas tão diferentes como os transportes, a educação e a saúde.

Por vezes tem-se a sensação que determinadas questões são meramente questões que são discutidas dentro das fronteiras do nosso país, como por exemplo estas parcerias, que seriam, por exemplo, uma inovação do anterior governo nacional presidido pelo Sr. Eng<sup>o</sup>. António Guterres, mas não, chegámos à conclusão que, de facto, esta é uma discussão actual que percorre a maior parte das sociedades políticas europeias, sobre a qual existem estudos em sociedades como o Canadá ou como os Estados Unidos e que merecem honras de sessões numa conferência de âmbito nacional e da relevância que esta tem.

Por isso mesmo, foi importante a presença desta delegação açoriana nesta Conferência Nacional das Assembleias Estaduais.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados:

Por último, não fazendo um relatório exaustivo desta visita, não queria terminar sem referir que o convite, que nos honrou, para estarmos presentes teve a impressão digital do Senador Jimmy Costa que é um infatigável promotor de causas públicas e, em particular, do desenvolvimento das relações entre o Estado da Califórnia e os Açores.

O seu activo acompanhamento da nossa visita contribuiu decisivamente para o seu enriquecimento e para uma maior visibilidade da nossa presença.

Como sempre em conferência, sejam elas de natureza política ou outras, para além dos eventos que constam no programa, é importante referir as oportunidades

múltiplas de contacto com parlamentares e com funcionários de diferentes parlamentos que manifestaram, por um lado, interesse em saber mais sobre os Açores, em saber mais sobre as particularidades do nosso sistema de governo, como funciona a nossa Assembleia Legislativa Regional.

Por tudo isto, esta missão valeu a pena, porque deu mais visibilidade aos Açores, deu mais visibilidade à Assembleia Legislativa Regional e, com certeza, enriqueceu a experiência daqueles que participaram e fizeram parte desta delegação e que também entrarão com certeza, para os trabalhos que aqui prosseguem e no futuro poderão gerar alguns pontos.

Disse.

Muito obrigado.

*(Aplausos da bancada do PS, PSD, PCP e Governo)*

**Presidente:** Para esclarecimentos tem a palavra o Sr. Deputado Vasco Cordeiro.

**Deputado Vasco Cordeiro (PS):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Gostaria, em primeiro lugar, de salientar a importância da intervenção do Deputado Fernando Lopes que, como Vice-Presidente desta Assembleia, chefiou a delegação que participou neste encontro.

Gostaria sobretudo de referir a importância que o próprio encontro se reveste para a nossa Região e em particular para a Assembleia Legislativa Regional, por dois motivos principais:

Não só por causa, conforme foi referido, das matérias que foram abordadas em múltiplas sessões, quer plenárias, quer sectoriais e que permitiram o confronto de experiências, o confronto de posições, mas também pelos contactos que foi possível estabelecer.

Eu recordo que os Açores eram a única representação portuguesa que estava entre 190 participantes internacionais, de todos os continentes e nessa medida, na perspectiva do Grupo Parlamentar do PS, penso que foi uma iniciativa extremamente

importante para esta Assembleia, uma iniciativa que, na minha opinião, deve continuar no futuro.

É necessário a Assembleia reforçar os laços com outras congéneres internacionais, é necessário aproveitar este tipo de eventos para contactar com múltiplas realidade e com múltiplos órgãos de natureza semelhante a esta Assembleia e, por isso, gostaria de, em nome do Grupo Parlamentar do PS, relevar a importância do acto, relevar a importância que este tipo de sessões têm para a nossa Região.

Por último, não poderia deixar de fazer uma referência a esta questão sem também, da parte do Grupo Parlamentar do PS, saudar efusivamente os cuidados e as atenções que o Senador Jimmy Costa teve para com esta delegação, que pode legitimamente ser considerado um grande amigo dos Açores e que tudo fez para ajudar, para que nada faltasse à delegação açoriana neste encontro.

Portanto, é esta palavra de reconhecimento que também gostaria de deixar, neste momento, em nome do Grupo Parlamentar do Partido Socialista.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Duarte Freitas.

**Deputado Duarte Freitas (PSD):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Para referir do agrado e da oportunidade da intervenção do Sr. Deputado Fernando Lopes, que chefiou a delegação da Assembleia Legislativa Regional dos Açores neste Encontro de Senadores Estaduais dos Estados Unidos e referir também do agrado e da aprendizagem que tivemos ao participar nessa delegação, porque é importante, e cada vez mais, termos esta noção de uma realidade que tem múltiplos problemas sociais e políticos, que cada vez mais não são só nossos, como disse o Sr. Deputado Fernando Lopes.

Acabámos por ver debates, reflexões e matérias que são, diariamente, preocupação e reflexão nossa e neste mundo cada vez mais interligado, cada vez mais globalizado é necessário também irmos acompanhando e irmos tendo contactos com outras realidades.

De facto, aquela Conferência tem uma dimensão extraordinária, não só por agrupar os parlamentos estaduais dum enorme país como os Estados Unidos, mas também pela abertura que existe e pela participação de múltiplas delegações, como já foi

referido, de vários países que trocam experiências, trocam informações e conhecimentos, não só com os senadores estaduais americanos, mas também connosco, com outras delegações de outros países estrangeiros que lá se deslocam.

Quero também relevar aquilo que foi dito da feliz coincidência de se ter passado na Califórnia, porque de alguma forma, a nós açorianos, os Estados Unidos e em particular a Califórnia são um pouco de nós, um pouco dos Açores que lá está e são um pouco de Portugal, através dos Açores.

É também importante reflectirmos sobre esta questão de alguma projecção mundial e atlântica que Portugal tem, por via das nossas comunidades emigrantes e nestas, de facto, nos Estados Unidos, na zona de Massachusetts e Rhode Island e especialmente na zona da Califórnia e no Canadá as comunidades açorianas têm um peso muito grande e não podem ser esquecidas por motivos culturais, sociais, mas também por motivos mais práticos, como são os económicos.

Portanto, foi feliz esta coincidência de se passar na Califórnia, nosso Estado irmão.

O Senador Jimmy Costa teve um papel fundamental neste evento, como todos nós sabemos.

É preciso estreitar os laços com outros agentes políticos dos Estados Unidos, até porque as comunidades açorianas ali residentes, algumas mais do que outras, começam a ter alguma importância também política e alguns políticos americanos começam a relevá-la. Aí temos também algum caminho a trilhar para que, através deste by-pass possamos chegar, de alguma forma, a alguns centros de decisão desse país, mas também porque há alguns anos atrás aderimos à então Comunidade Económica Europeia, agora União Europeia, e como Região pertencente a Portugal, os Açores também estão nesse desafio e nesse trabalho de intensificar as nossas relações com a União Europeia, mas é preciso não esquecer, e essa matéria foi recentemente bem vincada pelo governo português, a vocação Atlântica de Portugal. Os Açores, não só pela sua posição geográfica, como pela sua componente histórica, pelas comunidades que tem, nomeadamente nos Estados Unidos e no Canadá, podem ter um papel muito importante neste trabalho que nos faça ser participantes integrantes desta União Europeia, mas também com a consciência da nossa

projeção Atlântica que se releva neste matéria, em termos geográficos, históricos e culturais, em particular, através das nossas comunidades que lá residem.

Por isso, cada vez mais este Parlamento e a Região Autónoma dos Açores deve participar, integrar-se e preocupar-se com as nossas comunidades, deve preocupar-se com estas relações com outros parlamentos, com outras instituições congéneres noutras zonas do mundo, porque a ser assim estamos a melhorar a nossa autonomia, a nossa democracia, o nosso conhecimento, mas também estamos a ser representantes e a ter um papel importante naquilo que Portugal é e pode vir a ser no mundo.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado José Decq Mota.

**Deputado José Decq Mota (PCP):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Umhas palavras muito breves e muito simples, apenas para cumprimentar o Sr. Deputado Fernando Lopes pela oportunidade da sua intervenção, para a subscrever na íntegra, para, em nome do Grupo Parlamento do PCP, sublinhar e afirmar a importância da participação neste tipo de eventos.

Quero salientar também a forma interna como a própria delegação funcionou entre si e com o representante do Governo no mesmo evento, o Sr. Secretário Regional Álvaro Meneses, e manifestar, tal como já foi feito, a importância de que se dê continuidade à participação de delegações da Assembleia neste tipo de acontecimentos que, sendo de carácter geral, são profundamente enriquecedores de práticas, de estilos, de forma de ver e, principalmente, de formas e momentos de reflexão sobre os grandes problemas que se vão desenrolar.

Era apenas esta breve declaração.

Muito obrigado.

**Presidente:** Srs. Deputados, não temos mais inscrições, vamos fazer um curto intervalo.

(Eram 11 horas e 25 minutos)

(Neste momento o Sr. Deputado Bento Barcelos foi substituído na Presidência da Mesa pelo Sr. Deputado Fernando Lopes)

**Presidente:** Srs. Deputados, vamos retomar os nossos trabalhos.

(Eram 12 horas e 10 minutos)

Para uma intervenção tem a palavra o Sr. Deputado Bento Barcelos.

**Deputado Bento Barcelos (PSD):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Secretário Regional:

Trago a este período antes da ordem do dia dois assuntos, um que é do conhecimento público e o outro não, que se revestem, assim creio, de interesse não só para a Ilha Terceira mas também para a Região.

O Governo Regional tem nos dois problemas todas as responsabilidades, mesmo que num caso esteja envolvida uma empresa pública, e depende essencialmente do Governo Regional a decisão, a acção, a competência, para resolver para o futuro estas situações, que prejudicam o desenvolvimento dos Açores, a sociedade, os açorianos ou quem se encontre entre nós.

Por vezes e neste caso tal se confirma, bastava e basta a capacidade de decidir a tempo, definir regras claras, fazê-las cumprir com competência e bom desempenho e exigir responsabilidade quando tal não aconteça.

No auge do Verão e em pura época de maior atracção turística, eis que os turistas e os promotores turísticos se deparam com o encerramento dos principais trilhos propiciadores dos passeios pedonais pelo interior da Ilha Terceira, que foram objecto de promoção turística de âmbito nacional e internacional feita pela Secretaria Regional da Economia, isto porque o Governo não diligenciou a limpeza, a conservação e a sinalização atempada desses trilhos, por forma a mantê-los em condições de acessibilidade e de segurança, para serem utilizados pelos turistas e visitantes com apetência por este tipo de turismo, que está a crescer por esse Mundo fora e que nos Açores tem já um verdadeiro significado.

A questão do encerramento dos trilhos para passeios pedonais da Ilha Terceira e a ausência de documentação turística referente a este tipo de turismo tem de tal ordem significado que continua a despertar preocupações nas entidades privadas relacionadas com o turismo e as críticas dos turistas e identifica uma falta de cumprimento das responsabilidades que cabem ao Governo Regional.

De facto, após a realização de investimentos importantes em unidades hoteleiras e estando em curso a construção de outras unidades, nos Concelhos de Angra do Heroísmo e Praia da Vitória, quando se aposta no turismo como sector basilar para o desenvolvimento económico da Região e sendo visível que a Ilha Terceira está a fazer um esforço significativo nesse sentido, não é admissível que esteja vedado aos turistas com apetência e gosto pelo conhecimento do território, da geologia, da biologia, do ambiente e da ecologia, etc., o acesso aos passeios pedonais pelo interior da ilha percorrendo os trilhos existentes.

Não é aceitável, que tendo-se esgotado a documentação alusiva a estes percursos turísticos e à especificidade deste turismo, que possibilita um melhor conhecimento das nossas potencialidades e consequentemente funciona como um atractivo peculiar para a visita aos Açores, não tenha sido repostos o stock dos desdobráveis ou panfletos turísticos em questão, para a sua continuada disponibilidade e cedência aos turistas.

Não é também aceitável os argumentos apresentados pelo Secretário Regional da Economia na tentativa de justificar o encerramento dos trilhos, alegando ser uma situação transitória, ou porque está a ser feito um estudo dos trilhos na Região para a redefinição dos seus traçados, para garantir a integridade dos seus utilizadores, etc., etc.

Tudo isso e outras iniciativas complementares deverão e poderão ser feitas, mas não são desculpas competentes e credíveis para que os trilhos na Ilha Terceira, neste Verão de 2003, não estejam nas condições adequadas, no mínimo, nas que existiam nos anos anteriores. É a tentativa não conseguida de justificar o injustificável.

Dirigirem-se a esta ilha turistas, que propositadamente ou não, têm como objectivo visitar a ilha, desfrutá-la em termos turísticos, culturais, ambientais, incluindo no seu programa os passeios pedonais e não satisfazerem os seus planos, é desrespeitar a

escolha destes turistas, é frustrar os seus objectivos, é negar um direito que têm, quando muitos deles, foram sensibilizados para virem à Ilha Terceira para fazerem estes passeios pelos trilhos existentes, que constituíram, como disse, objecto de oferta turística.

Aliás, foi o que aconteceu com uma equipa de professores e alunos estrangeiros, que visitaram a Terceira de propósito, para a conhecerem na vertente da investigação no âmbito das suas particularidades ambientais, geológicas, florestais, etc., o que desencadeou uma reacção pública visível e compreensivelmente justificável. Tal ficará triste e lamentavelmente gravado na memória destes visitantes, que passarão a outros as suas impressões, o que representa seguramente uma negação e um retrocesso ao esforço do desenvolvimento turístico que está em curso e que urge levar por diante.

Se nos anos transactos foi a Associação Espeliológica “Os Montanheiros” a entidade privada que cooperou com o Governo Regional no âmbito do Turismo, na realização da limpeza, manutenção e conservação dos trilhos, através da celebração de um protocolo que garantia essa prestação de serviços a troco de uma compensação financeira, no montante de 2250 € (450 contos), não se percebe que tal não se tivesse verificado no presente ano.

A Associação “Os Montanheiros”, é a entidade que tecnicamente e no terreno melhor conhece estes percursos, alguns preparados pelos seus associados, de entre os quais se contam quadros técnicos ao nível do ambiente, da geologia, da biologia, etc., não só mantinha a limpeza e a conservação dos trilhos, mas também as marcações e a sinalética, aliás, entidade pioneira na Ilha Terceira na organização de passeios pedestres pelo interior e litoral da ilha, reunindo assim as condições exigidas para continuar a prestar esse serviço ao turismo e aos seus operadores.

Sabe-se que à Associação em causa não chegou qualquer proposta de protocolo, pelo que não se compreende se o problema foi a falta dos 2000 e tal euros, o que será inacreditável, ou se seria objectivo envolver outra qualquer instituição na prestação deste serviço.

Será uma questão de financiamento? Ou será uma questão de desgoverno?

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Secretário Regional:

Se a opção era encontrar novas parcerias, porque não se pensou envolver as Câmaras Municipais e as Juntas de Freguesia, que têm mostrado ao longo dos últimos anos um grande interesse pelo desenvolvimento do turismo, através de investimentos realizados, da cooperação com outras entidades no melhoramento e alindamento dos concelhos e das freguesias, pelo que também seria uma boa solução o envolvimento das autarquias locais na resolução deste problema.

Entendemos, que ainda para este ano turístico, é urgente que se faça a recuperação dos trilhos, por forma a minimizar esta grave lacuna e os prejuízos pessoais dos turistas e do turismo no seu todo, e o Governo Regional não terá outra saída senão a de pôr mãos à obra nesse sentido, já que o Governo e os seus serviços no âmbito do turismo, não podem, nem devem deixar passar mais tempo sem uma iniciativa urgente para repor a normalidade desta oferta turística, que não invalidada que tome outras iniciativas de carácter mais estrutural quanto aos trilhos a nível da Região.

Com tudo isto, ficaram empresas de turismo e alguns turistas lesados, com consequentes prejuízos para o turismo no seu todo, ficou a má impressão pública do Governo não corresponder à oferta turística que foi divulgada pelo próprio Governo e foi dado um passo atrás na prática dos percursos naturais, dos trilhos natureza, com a agravante de a Região, em forma de remedeio, ir gastar muito mais dinheiro, em relação à solução praticada anteriormente.

Estou mesmo a ver os operários das obras públicas a fazerem esse trabalho, retirando-se de outros trabalhos para os quais estão mais habilitados e são da sua competência, estou mesmo a ver que poderão ser empresas de jardinagem ou do género a fazê-lo, o que, de certo, será tudo mais oneroso para o erário público e nunca reporá o atraso e os prejuízos de vária ordem verificados.

É lamentável que tudo isto tenha acontecido e esteja a acontecer.

**Deputado Clélio Meneses (PSD):** *Muito bem!*

**O Orador:** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Secretário Regional:

Como referi, outra questão me trás a esta tribuna.

A nossa realidade arquipelágica dificulta a operacionalização dos mais diferentes serviços públicos e privados e por isso é preciso um contínuo esforço no sentido de tornar mais eficiente a prestação dos mesmos.

E há serviços, no âmbito da emergência, da saúde, da protecção civil, etc., que têm que primar pela rapidez, pela segurança, pela melhor operacionalidade.

Há poucos dias, o Centro de Saúde da Ilha Graciosa solicitou, com urgência, ao Hospital de Angra, duas unidades de sangue, ou seja, 1 litro de sangue.

O serviço de imunohemoterapia, mais conhecido por Serviço de Sangue, correspondeu ao solicitado e fez chegar ao aeroporto das Lajes a mala térmica contendo o sangue para ser despachado no primeiro voo da SATA para a ilha Graciosa.

Antes de mais, não é compreensível que seja o balcão de cargas a despachar, neste caso, uma mala térmica contendo sangue, que tem sempre um carácter urgente, balcão este que fecha às 17 horas nos dias úteis e está fechado nos fins de semana e todos os dias feriados ou santificados, bem como exigir-se que a mala térmica esteja uma hora antes da partida do avião, ou seja, se for solicitado o transporte de sangue com muita urgência e se o mesmo chegar ao balcão de cargas da SATA em cima da hora do voo, o transporte já não é feito.

Entendo, desde já, que é preciso que o Governo dê instruções à SATA, para aceitar excepções e este é, verdadeiramente, um serviço de urgência e de excepcionalidade, por forma a que o despacho possa ser feito no Balcão do Check-in em qualquer hora ou em qualquer dia desde que este esteja aberto e haja voos previstos.

Mas o mais caricato ainda, é que a mala térmica contendo as duas unidades de sangue não seguiu nesse voo, porque, pela primeira vez, segundo consta, foi solicitado pela SATA no preenchimento da carta de porte, o número de contribuinte do Hospital, informação que o funcionário não sabia e não a pode colher telefonicamente, tendo-se deslocado ao Hospital para o efeito e regressado ao Aeroporto para apanhar ainda o voo.

Mas, não obstante o avião estar ainda na placa, não transportou o sangue, que ficou retido no Aeroporto, sem o seu devido acondicionamento e sem o conhecimento do Hospital, que pensava que o sangue tinha seguido para a Graciosa. Só no dia seguinte é que o mesmo foi transportado, mas já não foi administrado ao paciente, por não se encontrar nas condições exigidas, tendo sido necessário devolvê-lo e repetir toda esta operação de transporte de sangue.

Senhores Secretários Regionais dos Assuntos Sociais e da Economia, que não estão, infelizmente, aqui presentes.

Importa corrigir de imediato estas situações, por forma a que os serviços sejam competentes, eficientes e rápidos, mais ainda em questões de urgência médica e de saúde.

Não é admissível solicitar a doação de sangue, realizar consideráveis gastos com a sua obtenção e armazenamento, para a devido tempo e qualidade estar ao dispor dos clínicos e dos pacientes, e se perder tudo isto por inépcias, burocracias e desajustamentos funcionais.

Aqui fica pois o nosso alerta e o nosso apelo, para que sejam dadas orientações específicas a quem de direito, por forma a que situações desta natureza não se verifiquem.

Muito obrigado pela vossa atenção.

(Aplausos das bancadas do PSD, PP e do Sr. Deputado José Decq Mota)

**Presidente:** Para esclarecimentos tem a palavra o Sr. Deputado Francisco Barros.

**Deputado Francisco Barros (PS):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Membro do Governo:

Eu escutei com atenção a intervenção do Sr. Deputado Bento Barcelos e começando pelo fim deixe-me dizer-lhe que a ser verdade, e acredito perfeitamente que seja, a situação que descreveu relativamente ao transporte de sangue assemelha-se a uma situação inadmissível e incompreensível nos dias de hoje. Continuo dizendo que a ser verdade, como acredito que seja, porque o Sr. Deputado costuma trazer para esta sala questões curiais, esta situação que se verificou urge de carente resolução, urge de carente alteração de procedimentos e é importante que a mesma seja aqui referida para que não volte a ocorrer no futuro, seja ela para transporte de sangue ou transporte de qualquer outro bem ou equipamento vital para a segurança de qualquer pessoa em qualquer ilha.

Fica este registo por parte do Grupo Parlamentar do Partido Socialista.

**Vozes da bancada do PS:** *Muito bem! Muito bem!*

**O Orador:** Relativamente à primeira parte da intervenção do Sr. Deputado Bento Barcelos, permita-me recordar-lhe apenas que o Partido Socialista já manifestou a sua opinião, que já foi tornada pública e o Sr. Deputado deve ter conhecimento, lamentando também a forma como a determinada altura se encontrava o estado dos trilhos turísticos, mas que é diferente daquilo que foi parte do teor da intervenção do Sr. Deputado Bento Barcelos.

Primeira constatação:

Felizmente que já não há queixas de falta de turistas para a ilha Terceira, como o Sr. Deputado referiu.

Neste momento as queixas e as exigências começam a ser uma maior e melhor qualidade dos serviços. Ainda bem que já se deu esse passo.

Eu digo ainda bem, porque a questão dos trilhos turísticos não é uma questão nova, Sr. Deputado. A questão dos trilhos turísticos vem pelo menos desde 1997, onde pela primeira vez foi produzido pela Delegação de Turismo da Ilha Terceira um folheto com um conjunto de trilhos turísticos, em colaboração, entre outros, com “Os Montanheiros”.

Uma outra incorrecção, Sr. Deputado, é que a participação das juntas de freguesia na marcação, manutenção e limpeza de alguns trilhos também já foi feita e começou a ser feita desde essa altura e dou um exemplo: um dos trilhos que estava definido, que passava pela Freguesia do Raminho, teve a colaboração do anterior Presidente da Junta de Freguesia, João de Fátima, seu companheiro de partido, que desde a primeira hora se manifestou entusiasmado com essa ideia e que colaborou na manutenção desse trilho e o mesmo se passou com a Junta de Freguesia de S. Sebastião. Isto apenas para lhe dar dois exemplos de duas freguesias que, na altura, até tinham presidência do Partido Social Democrata.

Quando o Sr. Deputado Bento Barcelos fala da necessidade de envolvimento das Juntas de Freguesia, ela já existe, como também existe uma necessidade óbvia, atendendo à necessidade, de melhorar a qualidade do serviço.

Importa criar nos trilhos turísticos de toda a Região uma sinalização uniforme e internacional que permita aos turistas, aos viajantes ou quem pretenda usufruir desse

tipo de actividade, conhecer determinada sinalética que é igual nos Açores ou em qualquer parte da Europa. O que está a ser feito pela Secretaria Regional da Economia e pela Direcção Regional de Turismo é um trabalho de definição, de standardização e de um incremento dos passeios a pé em toda a Região e com especial incidência nas ilhas que têm características para tal.

Portanto, daí que não se compreenda quando fala, Sr. Deputado Bento Barcelos, de empresas de jardinagem a fazer a conservação de trilhos. Eu nunca tal ouvi e parece-me que não será propriamente a vocação ou o interesse de uma empresa de jardinagem, a não ser que um trilho pelo interior da ilha seja feito com relva e, eventualmente, com canteiros de flores, o que não é o caso.

A colaboração com “Os Montanheiros”, Sr. Deputado Bento Barcelos, já existe há muito e existem duas vertentes, não só pelos trilhos próprios que “Os Montanheiros” têm aberto e desenvolvido, como com a colaboração com o Governo Regional em termos de protocolos.

Existe também a questão, Sr. Deputado Bento Barcelos, deste ano, não se tendo verificado, como senhor diz, a assinatura do protocolo, eu tenho dúvidas, mas também não quero ter certezas, que “Os Montanheiros” nunca tenham sido contactados para esse efeito, mas isso é outra discussão que podemos ter noutra altura.

Além do mais, quando se diz que nada tem sido feito, eu já lhe dei um conjunto de exemplos de algumas coisas que têm vindo a ser feitas e vindo a ser desenvolvidas, mas posso-lhe dar outro: Já entrou e o Governo já aprovou uma Proposta de Decreto Legislativo Regional que deverá vir a esta Casa num destes próximos plenários, que regulamenta a abertura, manutenção e sinalização dos trilhos. Isto é do conhecimento público e está no comunicado do último ou de penúltimo Conselho do Governo.

A questão pontual que se verificou na Ilha Terceira neste Verão, para além de já ter sido resolvida, segundo as informações que tenho, porque já se procedeu à limpeza desses mesmos trilhos, não deixou de ser uma situação que preocupou e que os diferentes partidos políticos na ilha Terceira tomaram, a seu devido tempo, uma posição pública.

Daí querer acusar de incompetência e de inércia o Governo Regional vai um passo de gigante, que não corresponde à realidade.

Muito obrigado.

**Presidente:** Para prestar esclarecimentos tem a palavra o Sr. Deputado Bento Barcelos.

**Deputado Bento Barcelos (PSD):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Deputado Francisco Barros:

Começando pelo último assunto, efectivamente quando me contaram este “episódio”, pensei que não tinha de todo contornos de verdade, mas efectivamente tive informação de um clínico que esteve relacionado com o mesmo e de todos os atropelos e dificuldades que se verificaram com esta situação.

Quero apenas deixar este alerta para que o Governo emita directrizes aos Departamentos competentes para que situações destas não voltem a acontecer.

O paciente em causa podia estar em risco de vida por não ter chegado o sangue e as condições foram aquelas que referi e foram expressas pelo clínico.

Quanto à primeira questão, Sr. Deputado Francisco Barros, eu não posso concordar consigo em alguns dos aspectos do conteúdo da mesma.

Reconheço que nos últimos anos foi feito um trabalho válido pelo turismo, na Ilha Terceira.

Reconheço que os seis trilhos foram bem preparados, tendo a cooperação dos “Montanheiros”, dos serviços de turismo e das juntas de freguesia, as duas juntas de freguesia que referiu, a do Raminho e a de São Sebastião, mas tanto uma como a outra tinham uma parte do trilho a seu cuidado, na medida em que havia uma parte desse trilho que extravasava o seu próprio território.

Ainda faltam quatro trilhos e esses outros quatro trilhos estavam inteiramente à responsabilidade dos serviços de turismo com a cooperação dos “Montanheiros”.

Eu tive oportunidade de reunir com elementos da Direcção dos “Montanheiros”. Eles confirmaram-me que este ano, com estranheza, não receberam nenhuma proposta da Secretaria Regional de Economia nesse sentido.

Ficaram indignados, porque não estava em causa o valor desse contrato que apenas tinha um significado de 450 contos. Era um trabalho que gostavam de fazer, uma

prestação que faziam à comunidade e um envolvimento em áreas para as quais “Os Montanheiros” são verdadeiramente apetentes.

Sr. Deputado, eu não posso aceitar que o turismo pare para que se façam estudos; não posso aceitar que o turismo pare para que se faça um decreto legislativo regional; não posso aceitar que o turismo pare para que seja introduzida uma sinalética internacional.

**Deputado Clélio Meneses (PSD):** *Muito bem!*

**O Orador:** Acho que houve um grande descuido, uma inépcia e eu não quero colocar essa responsabilidade nos serviços de ilha do turismo. Eu quero colocar essa responsabilidade ao nível do Secretário Regional, da Direcção Regional do Turismo, porque nada justifica que essa limpeza não tivesse sido feita nos meses de Março e Abril para que ao iniciar o Verão tudo tivesse em conformidade.

O Sr. Deputado Francisco Barros, que exerceu funções no âmbito do turismo, sabe que cada vez mais este turismo de natureza, este turismo virado para a Ecologia, para o Ambiente tem um grande significado.

Portanto, não se pode de forma nenhuma negar as expectativas dos turistas que, aliás, vêm sensibilizados pela oferta turística que foi divulgada pelo próprio Governo Regional a nível nacional e internacional.

Há aqui um grande contra-senso. O Governo divulga a Região nesta perspectiva, mas não cria as condições para que os turistas possam, de facto, potenciar, valorizar e aproveitar a Região nesse sentido.

Último aspecto que queria mencionar:

Por que é que não foi contactado “Os Montanheiros”?

O que é que está por detrás?

Há perspectiva de envolver outras entidades?

Por que é que já não foi feito isso?

Mesmo que o Verão esteja a findar, ainda temos um período turístico com interesse pela frente. Importa que esses trilhos estejam rapidamente preparados e limpos.

Eu sei, Sr. Deputado Francisco Barros, que foram operários das Obras Públicas, que eu mencionei na tribuna, que estiveram a fazer esses trabalhos, mas também sei que foi contactada uma empresa de jardinagem. Não se admire tanto que as empresas de

jardinagem façam esse trabalho, porque elas fazem-no no Pico, no âmbito dos trilhos, e no Faial, no âmbito de ribeiras.

Eu sei que foram contactadas empresas dessa área para fazer esse trabalho.

Isso revela o quê?

- Revela que vieram tarde e a más horas tentar repor uma situação que já devia estar feita há muito tempo.

- Revela incapacidade e falta de boa gestão.

É nesse sentido, sem querer criar mais polémicas, que eu trago esta questão a este Parlamento, não só no interesse da Ilha Terceira mas também da Região.

Obrigado.

**Vozes dos Deputados bancada do PSD:** *Muito bem! Muito bem!*

**Presidente:** Para prestar esclarecimentos tem a palavra o Sr. Deputado Francisco Barros.

**Deputado Francisco Barros (PS):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Membros do Governo, Sr. Deputado Bento Barcelos:

Relativamente às questões do que sabe e do que não sabe e dos contactos que se fez e que não se fez, eu não quero nem pretendo discuti-las por questões de adivinhação ou fé, porque não é o meu forte.

Agora, há aqui um conjunto de afirmações por parte do Sr. Deputado que não podem ficar em claro.

A primeira é que não há qualquer tentativa, qualquer vontade ou qualquer intenção, por parte do Governo Regional, em afastar “Os Montanheiros” do processo do que quer que seja e a prova disso é que tem sido através dos “Montanheiros” que se tem procedido à abertura, ao início do processo de sinalização e de identificação dum conjunto de trilhos em várias ilhas dos Açores e recordo-me que, por exemplo, há dois ou três anos atrás eles andaram a fazer esse trabalho na ilha das Flores.

Portanto, em primeiro lugar, não há aqui qualquer processo de intenção relativamente ao papel importante e especializado que “Os Montanheiros” têm, nem sequer por serem substituídos por funcionários de Obras Públicas ou de qualquer empresa de jardinagem.

Em segundo lugar, não há contra-senso nem contradição nenhuma quando o Sr. Deputado diz: “O Governo divulga e promove, mas não abre”. O que o Governo divulga e promove é cada vez mais um turismo de natureza e tem que criar condições de qualidade para isso.

O que tem de ser exigido cada vez mais nesta Casa é que os trilhos tenham sinalização internacional adequada que permita ao turista, que usufrui desse tipo de actividade, saber onde é que se encontra.

Quanto aos trilhos que o Sr. Deputado falou, eu queria apenas recordar-lhe, e há muito que extravasam o âmbito da Junta de Freguesia ou do Governo Regional, um trilho que havia, e que talvez fosse dos mais bonitos da ilha, que passava pelo interior da mesma, numa zona de propriedade privada e onde havia gado bravo. Chegou-se à conclusão que, por uma questão de segurança, e como os seus proprietários não abdicavam, lógica e naturalmente, de retirar o seu gado só porque de vez em quando havia uns turistas que pretendiam por lá passar, teve que se retirar esse trilho e desaconselhar os turistas de fazerem esse percurso e isso não tem a ver com inércia ou falta dela por parte do Governo Regional ou de qualquer outra entidade pública ou privada. Digo-lhe isto apenas para ficar com um exemplo concreto.

Quanto ao resto, Sr. Deputado Bento Barcelos, já lhe disse e já reafirmei que a questão dos trilhos não só está a ser resolvida atempadamente e duma forma gradual e equilibrada por parte do Governo, como está a permitir também uma outra coisa: é que cada vez mais há diversificação da oferta turística, não são só os trilhos, os passeios a pé, são também os passeios de barco.

Todo um conjunto de oferta de animação turística revela claramente uma estratégia concertada, uma estratégia coerente e uma estratégia de evolução do turismo na Região e na Ilha Terceira.

É esse facto que, independentemente de alguma questão pontual que tenha corrido menos bem, os senhores nunca, mas nunca poderão desmentir.

Muito obrigado.

**Deputada Andreia Cardoso (PS):** *Muito bem!*

**Presidente:** Tem a palavra, para esclarecimentos, o Sr. Secretário Regional da Economia.

**Secretário Regional da Economia (Duarte Ponte):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Apesar de não estar presente, soube que o tema trilhos turísticos tinha sido abordado nesta Casa. É um tema extremamente importante e nós estamos a desenvolver um trabalho sério nesta área.

A Proposta de Decreto Legislativo Regional que vamos propor a esta Assembleia Legislativa Regional está pronta e exigiu um consenso de diversas entidades e que vai definir de uma forma clara quem é que faz a manutenção, a fiscalização e a promoção dos trilhos turísticos.

Ouvimos as diversas associações ambientalistas, as câmaras municipais e deve haver uma participação de diversas entidades para que os percursos pedestres recomendados, da Região Autónoma dos Açores, tenham uma uniformidade de tratamento e se saiba em cada ilha quem faz o quê, para que não haja uma proliferação de trilhos nas diversas ilhas dos Açores, alguns deficientemente delineados que possam pôr em perigo os próprios turistas.

Actuamos também numa fase, que achamos extremamente importante, que é encontrar os meios próprios para o financiamento da manutenção dos trilhos.

Neste momento temos um projecto aprovado no INTERREG, num protocolo feito com uma associação ambientalista e que está neste momento a fazer a monitorização de todos os trilhos dos Açores para verificar quais os problemas e as dificuldades que existem em cada trilho, quais os que devem ser reformulados e os que até devem ser abandonados.

Contratamos também uma pessoa especializada nesta área que tem feito a sinalização de todos os trilhos e tem remodelado toda a sinalética dos mesmos.

Porque acho que as pessoas devem saber o que se passou no caso concreto da Terceira, e não fazermos demagogia barata com esta questão, devo dizer que na ilha Terceira existem seis trilhos, três dos quais têm problemas, e temos que delinear novos trilhos, porque passam por zonas onde pode estar gado bravo e temos tido reclamações de turistas que passam por lá.

Temos outros trilhos que, por um problema pontual, não foram devidamente mantidos. Esse problema pontual passou um pouco pela delegação de ilha que não alertou os serviços centrais de que a pessoa que tínhamos contratado teve de se deslocar ao estrangeiro por falecimento do seu pai e não foi para a Terceira na devida altura.

Nós temos tido uma colaboração com todas as associações ambientalistas e com “Os Montanheiros”.

Nós estamos a elaborar em cada ilha, novos prospectos com os trilhos e, no caso da ilha Terceira, com a colaboração também dos “Montanheiros”.

“Os Montanheiros” não servem para manter os trilhos, mas para orientar e para delinear e aconselhar, pela experiência que têm nos trilhos turísticos.

Para a manutenção dos trilhos nós temos um protocolo com as Obras Públicas e com outros serviços, porque os trilhos passam por diversas zonas, ou seja, zonas classificadas e em zonas não classificadas e nós não podemos entrar nas zonas classificadas de qualquer forma, é preciso ter uma cooperação com as diversas entidades e é isso que está sendo feito.

Os três trilhos que são possíveis andar sem qualquer problema, na Terceira, neste momento estão limpos, estão mantidos e estão sinalizados e, portanto, esta é uma situação que está terminada. Houve um erro, ele foi detectado e foi imediatamente reparado.

Esta foi, de facto, uma situação pontual que existiu este ano na Terceira, mas quando tivemos conhecimento ela foi de imediato resolvida.

Existem outros três trilhos que, esses sim, vão levar muito mais tempo, porque precisamos de saber exactamente qual a sensibilidade das diversas entidades para a modificação do seu traçado.

Esta é uma história que se fez parangonas dela, quando ela é uma história simples e clara.

Houve, de facto, na ilha Terceira um erro, foi detectado e de imediato resolvido.

Nós estamos a trabalhar seriamente na resolução dos trilhos dos Açores, criando regras claras, que vão passar pela Assembleia Legislativa Regional, por forma que

todos saibam, em cada ilha, quais os trilhos recomendados, quem faz a promoção, a limpeza e a sinalética dos mesmos.

Muito obrigado a todos.

**Presidente:** Tem a palavra, para esclarecimentos, o Sr. Deputado Bento Barcelos.

**Deputado Bento Barcelos (PSD):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Secretários Regionais, Sr. Secretário Regional da Economia:

Muito rapidamente, porque não quero alargar mais esta questão.

O Sr. Secretário considerou que era demagogia trazer esta questão ao Parlamento.

Acho que não, Sr. Secretário Regional. Acho que esta é uma questão essencial, tem oportunidade e levantou um conjunto de reacções na Ilha Terceira, expressas na comunicação social, com diversas notícias e primeiras colunas.

O Sr. Secretário Regional tentou justificar o injustificável. Dizer que é uma questão transitória, que estão a fazer os estudos sobre os trilhos e que está a preparar um decreto legislativo regional, nada disso impede que, atempadamente, os trilhos não tivessem sido limpos para ser oferta turística.

**Secretário Regional da Economia (Duarte Ponte):** Já está feito!

**O Orador:** Está agora, tarde e a más horas, com operários das Obras Públicas e com contactos de pessoas à última da hora para fazer esse trabalho.

Isto não é demagogia!

O Sr. Secretário Regional teria tido uma atitude muito mais correcta se chegasse aqui e reconhecesse que houve um problema, uma descoordenação e que foi lamentável.

Agora, estes não são argumentos válidos e as pessoas não os aceitaram.

Queremos saber o que não nos explicou. Por que é que não feito o contrato com “Os Montanheiros”, como nos anos anteriores? Porquê?

**Secretário Regional da Economia (Duarte Ponte):** Eu já lhe explico!

**O Orador:** “Os Montanheiros” dizem que não receberam nenhum contacto. Tanto quanto eu sei, dizem que ficaram admirados por isso. Um valor tão irrisório naquilo que era um trabalho que eles faziam com interesse e com sabedoria à própria comunidade.

Sr. Secretário, não alargue a conversa. O assunto está referido.

Não são argumentos para que os trilhos não tivessem a devido tempo preparados.

O Governo divulga os trilhos, divulga este tipo de turismo e depois não proporciona as condições para que ele seja praticado.

Isso é lamentável. Essa é a nossa crítica.

O que importa agora é que os trilhos estejam preparados, que isso seja referido para a opinião pública, que os operadores tenham conhecimento e que no próximo ano problemas desta natureza não se verifiquem.

Obrigado.

**Deputado Clélio Meneses (PSD):** *Muito bem!*

**Presidente:** Para esclarecimentos tem a palavra o Sr. Secretário Regional da Economia.

**Secretário Regional da Economia (Duarte Ponte):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Eu já disse aqui, pessoalmente, que reconhecia o erro e que isso aconteceu, porque a delegação não nos alertou a tempo.

Houve, de facto, uma situação conjuntural e pontual que foi a pessoa que está encarregada de fazer esta limpeza em todas as ilhas teve o problema do falecimento do pai e na altura que devíamos começar esse trabalho na Terceira, ela estava ausente.

Este assunto, naquilo que pode ser feito, está resolvido e não tem nada a ver com “Os Montanheiros”.

O que nós fizemos foi um processo de limpeza de todos os trilhos dos Açores e que é genérico para todas as ilhas.

“Os Montanheiros” continuam a colaborar connosco, na situação de aconselhadores, porque são pessoas que têm alta experiência na delineação de trilhos. É isso que vamos continuar a fazer. Vamos trabalhar, mas para isso não é preciso protocolo.

Na Proposta de Decreto Legislativo Regional está lá bem indicada a presença de associações ambientalistas para recomendar ao Governo Regional novos trilhos e fazer uma avaliação dos trilhos existentes.

Os senhores devem estar a receber esta Proposta de Decreto Legislativo Regional, que já foi consensualizada com as diversas associações ambientalistas, com as

câmaras municipais, com as câmaras de comércio, com os empresários do sector e, portanto, nós estamos a trabalhar de uma forma única nos trilhos dos Açores.

Devo dizer-lhe que não existe qualquer comparação entre o passado e o presente relativamente a trilhos. Nós, neste momento, temos muitos mais trilhos a funcionar, muitos mais trilhos bem sinalizados em termos internacionais, com a sinalização correcta.

Para o senhor ver a preocupação que o Governo tem em promover os trilhos, eu à semana passada estive em S. Jorge com a televisão.

Nós temos trilhos em diversas ilhas que têm vindo a aumentar, mas tem que haver regras claras para sua definição, promoção, sinalização e manutenção.

Nem tudo deve caber aos Governo Regional. Há alguns trilhos que são promovidos por privados e também a eles deve caber a sua quota parte.

Há outros trilhos que são promovidos por juntas de freguesia e por câmaras municipais e devem ser estas entidades a promover a sua manutenção e fiscalização.

Cabe-nos, a nós, Governo Regional, fazer a sua publicitação e também a sua sinalização. É isso que nós estamos a definir e fizemo-lo em consenso com as diversas partes.

A situação que tínhamos no passado é completamente diferente da que temos no presente.

Houve um erro pontual na ilha Terceira e reconheci-o. Disse que estávamos numa situação transitória e que isso ia ficar resolvido rapidamente. Já está resolvido.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Alvarino Pinheiro.

**Deputado Alvarino Pinheiro (PP):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Em meu nome e do Grupo Parlamentar queria congratular-me com a intervenção do Deputado Bento Barcelos.

Relativamente à segunda parte da intervenção, já foi aqui referido pelo Deputado Francisco Barros, sobre uma denúncia que aqui é apresentada e que, certamente, concita a preocupação e a solidariedade de todos nós e importa, como bem referiu, que situações dessas não se repitam.

Portanto, é também papel desta Casa contribuir, e penso que todos estamos empenhados, para a correcção dessas anomalias.

Quanto à primeira questão do encerramento dos trilhos na Ilha Terceira, que aqui trouxe o Sr. Deputado, ouvi atentamente o Sr. Secretário Regional da Economia que, de resto, já tinha também publicamente dado conta dessas explicações, mas com o devido respeito, Sr. Secretário, acho que é fundamental que este Parlamento não enverede, por cada vez que se traz aqui questões pertinentes como foi esta, pela confusão e pelo impasse, porque não nos fica bem.

Eu quero claramente dizer aqui que, quando o Sr. Secretário deu explicações sobre esta matéria e que hoje aqui repetiu, pessoalmente nós até compreendemos a explicação do Sr. Secretário e como é habitual é uma explicação séria sob o seu ponto de vista.

Agora, Srs. Deputados, não podemos é ignorar e escamotear a realidade do que se passou e o que se passou – e foi muito bem aqui trazido pelo Sr. Deputado Bento Barcelos e que todos nós açorianos e os terceirenses, em particular, sabem e que constituiu tema de primeira página da comunicação social – foi que lamentavelmente o encerramento dos trilhos este ano na Ilha Terceira, na época turística por excelência, foi negativo, foi algo que falhou, foi um mal que todos devemos lamentar e, obviamente, tem que haver responsáveis e a culpa aqui também não pode ficar solteira.

De resto, o próprio Partido Socialista na Terceira tomou uma posição e, se bem me lembro, deixou uma crítica velada, que nós todos percebemos, aos responsáveis locais pelo turismo na ilha Terceira. Foi assim que eu percebi.

O que o Sr. Deputado disse, nessa tomada de posição do Partido Socialista, embora não tenha dito o que eu estou dizendo, foi que não estava solidário com a delegação de turismo da Ilha Terceira e que muita coisa havia de mudar. Se o Partido Socialista não disse isso, o PP está dizendo. Não é a mesma coisa, mas é de forma clara.

Houve uma falha lamentável que prejudicou os Açores e prejudicou concretamente a Ilha Terceira, num ano em que por excelência se estava com expectativa positiva em relação ao desenvolvimento daquela ilha em particular, num ano em que se

inaugurou duas novas unidades hoteleiras, num ano em que tínhamos a maior oferta de sempre, pela primeira vez, na época de Verão.

Também todos nós sabemos que parte da promoção e da publicidade relativamente ao destino Açores e ao destino da Terceira envolvia também os trilhos naturais, como aqui foram referidos e, portanto, acho que temos que ser mais simples.

O PP quer reconhecer a oportunidade e a verdade que o Sr. Deputado Bento Barcelos aqui trouxe, embora enriquecida com as explicações do Sr. Secretário e com as explicações do Grupo Parlamentar do PS.

Agora, explicar os motivos pelos quais os trilhos estiveram encerrados, não elimina a verdade que eles estiveram encerrados. É isto que deve ser lamentado e é isto que para o futuro deve ser corrigido. Parece-me que sobre isso estamos todos de acordo e se assim é, parece-nos fácil concluir.

O Sr. Deputado Francisco Barros afirmou aqui que a Terceira estava satisfeita com o fluxo turístico e que ninguém se queixava de falta de turismo na Ilha Terceira, pois devo dizer-lhe que é rigorosamente ao contrário e peço-lhe explicações sobre isso.

Muito obrigado.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Francisco Barros para prestar esclarecimentos.

**Deputado Francisco Barros (PS):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Secretários Regionais:

Eu tenho aqui as notas que tomei aquando do debate e aquilo que eu constatei e que referi, aquando da intervenção do Sr. Deputado Bento Barcelos, foi que, felizmente, já não havia queixas, existiram em anos anteriores, de falta de turistas na Terceira por falta de capacidade hoteleira e por falta de oferta de alojamento.

**Deputado Alvarino Pinheiro (PP):** Não foi isso.

**O Orador:** Foi isso que eu referi e tenho aqui as notas que tomei. Isso deve estar registado e é uma questão de ouvir ou lermos o diário das sessões quando o mesmo for publicado.

Aquilo que se passa, efectivamente, – e agora começamos a derivar dos trilhos para a promoção – é que durante muitos anos a Terceira foi fortemente penalizada e

quase arredada dos circuitos açorianos, porque não tinha capacidade de oferta de alojamento e estamos ainda a pagar por isso.

Um destino turístico não se consegue com um estalar de dedos, porque as promoções começam a fazer-se com 2 e 3 anos de antecedência...

**Deputado Mark Marques (PSD):** Exactamente, mas já estão há 7 anos.

**O Orador:** ... e neste momento estamos a pagar ainda o facto de durante muitos anos não se ter investido rigorosamente nada na hotelaria na ilha Terceira. É isso que se estava a pagar.

De qualquer modo, pelos dados que tenho, a procura turística na ilha cresceu, o número de turistas aumentou, agora não queiram é de um dia para o outro, agora que surgiu o hotel, que tudo esteja cheio doze meses por ano.

É capciosa a questão como o Sr. Deputado Alvarino Pinheiro a coloca.

O que é aqui importante referir, e isso ninguém consegue negar, como já aqui foi dito, é o esforço, o empenhamento e a vontade dos Governos Regionais do PS em promover a ilha Terceira, em criar condições para o desenvolvimento do turismo e deixar de se discutir, que era aquilo que se discutia em 96 e 97, que a grande solução para a ilha Terceira era a eventual recuperação da Estalagem da Serreta, que tem o magnífico número de 5 quartos.

Muito obrigado, Sr. Presidente.

**Vozes da bancada do PS:** *Muito bem! Muito bem!*

**Presidente:** Tem a palavra, para prestar esclarecimentos, o Sr. Secretário Regional da Economia.

**Secretário Regional da Economia (Duarte Ponte):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Este debate merece a atenção que merece, ou seja, os trilhos turísticos têm uma importância grande, mas muito relativa na actividade turística e o que falhou foram três trilhos na ilha Terceira que deviam ter sido atempadamente limpos em Maio ou Junho e não o foram, porque faleceu o pai da pessoa que estava encarregada disso e teve que se deslocar naquela altura para o estrangeiro.

**Deputado Joaquim Machado (PSD):** E o turismo pára na Região por causa disso?

**O Orador:** Sr. Deputado, a questão foi esta. Há um erro cometido e eu assumo-o, como assumo todos os erros, mas é incomparável – e nós devemos olhar para o todo e não para as partes – o desenvolvimento que estamos a fazer nos trilhos, relativamente ao que se fez no passado.

Nós neste momento temos cerca de 39 trilhos que estão sinalizados. Houve três trilhos na Terceira que falharam.

Em relação aos outros três trilhos que a Terceira tem, temos que repensar e temos que fazê-lo com a ajuda de muita gente, porque a Terceira não pode ter só seis trilhos, tem que ter mais e tem que se escolher os trilhos mais bonitos que possivelmente existem na Terceira. Temos que ter a colaboração das Câmaras Municipais, das Juntas de Freguesia que conhecem muito bem o terreno e verificar como é que se pode compatibilizar os passeios a pé que fazem os turistas com a actividade dos lavradores, porque estes têm cães de fila, têm gado bravo e há que ter a salvaguarda da segurança dos turistas que vão passear.

Também temos problemas destes em S. Miguel e por isso também temos que repensar um conjunto de trilhos em S. Miguel.

Temos que repensar os trilhos em todas as ilhas da Região, mas temos que o fazer em diálogo com as diversas entidades, com as autarquias, com as associações empresariais, com as associações ambientalistas, com os diversos departamentos do Governo que têm a tutela do ambiente, do ordenamento do território e também do turismo.

A Secretaria Regional da Economia não pode nem deve estar só no planeamento dos trilhos dos Açores e é por isso que, pela primeira vez nesta Região, vamos ter um decreto legislativo regional, peça fundamental, que vai regular toda esta actividade, em que uma parte pode ser da responsabilidade da Secretaria Regional da Economia e outra parte que será de outras entidades que não a Secretaria Regional da Economia, mas neste momento eu assumo todas as responsabilidades.

Quem foi o culpado do que aconteceu nos trilhos da Terceira fui eu.

Sei que houve problemas que se passaram na Ilha Terceira e que se eu tivesse sido alertado a tempo esses problemas teriam sido minimizados, mas mal eu soube

corrigi imediatamente. É isso que importa. Em Setembro as pessoas já estavam lá a corrigir o processo.

Agora, há outros três trilhos que eu tenho que pensar e se calhar vai levar mais um pouco de tempo, mas espero que até final do ano esta situação fique resolvida em definitivo na Ilha Terceira.

Em relação ao turismo uma nota muito breve.

Houve muita gente que, no início do ano, começou a duvidar do turismo, até quiseram fazer uma questão nesta assembleia, porque os meses de Janeiro, Fevereiro, Março e Abril tiveram descidas. Essas vozes calaram-se todas quando em Maio apareceu crescimentos de 10%, em Junho 6,9% e o mês de Agosto superou todas as expectativas. Só no aeroporto de S. Miguel, no mês de Agosto, entraram e saíram 125 mil passageiros. Nunca tivemos tanta gente a entrar nos Açores no mês de Agosto.

Apesar de no início do ano as pessoas estarem à espera da guerra, depois a própria guerra, depois tivemos problemas com a pneumonia atípica e certamente também fomos afectados pela crise económica que se vive no país e por esse facto houve uma descida de turistas continentais, que representavam 57% das nossas dormidas, mas houve uma subida dos europeus, o que fará, certamente, que tenhamos um ano positivo no turismo.

Nós também conseguimos subir em mercados que estão em recessão, como foi a Alemanha, por um esforço feito pelo Governo Regional em encontrar novos operadores.

Nós estamos a trabalhar bem nesta área, agora não podemos é querer que o turismo cresça todos os anos e cresça da mesma forma. Vai crescer, certamente, e vai ser, num futuro, uma das actividades económicas mais importantes da nossa Região.

**Presidente:** Muito obrigado, Sr. Secretário.

Para prestar esclarecimento, tem a palavra o Sr. Deputado Alvarino Pinheiro.

**Deputado Alvarino Pinheiro (PP):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Sr. Membro do Governo:

Uma breve nota às explicações do Sr. Deputado Francisco Barros, dizendo que partilhamos da sua informação de que qualquer promoção para ter um mínimo de validade deve, pelo menos, ser feita com dois anos de antecedência, porque é assim que se trabalha.

Queria também lembrar ao Sr. Deputado que, exactamente com dois anos de antecedência, qualquer um dos hotéis que foram agora abertos já estavam programados na Ilha Terceira.

Portanto, sob esse ponto de vista, a coincidência é razoável, é uma questão de nós pensarmos que dois anos antes já sabíamos que eles iam abrir. Além disso, mesmo que não tivéssemos pensado nisso, o Sr. Secretário Regional da Economia cada vez que cá vinha chamava-nos à atenção, e muito bem, que em fins de 2002 e 2003 iam ter aquelas duas novas peças da oferta regional.

Portanto, foi descuido de quem faz a promoção e a programação, se, eventualmente, não teve isso em conta.

A segunda questão é que até agora, e muito bem foi aqui referido, os terceirenses e os açorianos que se preocupam com isso queixavam-se da falta de oferta, da falta de camas relativamente à Ilha Terceira, que foi confrangedora e limitativa até para o turismo regional.

A nossa grande preocupação, a de muitos empresários e agentes é de que não nos venhamos a queixar da falta de utilizadores dessas camas.

Eu registo com muito agrado a informação, que não é ainda oficial, em termos estatísticos, que o Sr. Secretário Regional aqui nos trouxe, de que o mês de Agosto, e referiu S. Miguel, mas se assim aconteceu em S. Miguel, certamente o fenómeno deve ser extensivo ao conjunto da Região, foi um mês recorde em termos de entradas.

É muito importante que o Sr. Secretário nos tenha dado aqui esta nota positiva, porque no 1º semestre, como nós sabemos e segundo os dados que são publicados, deste ano a procura turística na Região, em relação à hotelaria tradicional, havia decrescido 1,6%. Este número constitui uma excepção ao crescimento que se tem verificado nos últimos anos e veio, talvez, despertar e tocar muitas campanhas, porque todos nós, e o Governo em primeiro lugar, vivíamos ainda na euforia dos

anos 99/2001 em que tivemos crescimentos da procura dos Açores na ordem dos 40% e, salvo erro, respectivamente 26%, que são crescimentos anormais, crescimentos que todos nós saudamos, mas que seriam insustentáveis.

Quando nós tínhamos assistido a declarações de altos responsáveis do Governo Regional de que a Região seria imune às crises nacionais e internacionais, dando um pouco a ideia de que isto seria um oásis alheio ao que se passava na América, na Ásia, na África, na Europa e no Continente, a situação que se viveu desde Setembro do ano passado é de, segundo os indicadores de turismo, uma queda consecutiva durante oito meses, ou seja, de Setembro de 2002 a Abril de 2003 teve evoluções negativas. Felizmente que a partir de Maio retomou evoluções positivas e com estas indicações de Agosto, certamente vão possibilitar que, no conjunto de 2003, se atinja um saldo positivo.

Agora, Srs. Deputados, o crescimento da oferta foi espectacular e quando este crescimento atingiu os valores que estavam programados e a procura estagna, nós temos uma quebra da taxa de ocupação muito significativa, que é preocupante – e o Governo sabe disso – e isto preocupa todos os agentes responsáveis.

Muito obrigado, Sr. Presidente.

**Presidente:** Srs. Deputados, está inscrito ainda o Sr. Deputado Francisco Barros e o Sr. Secretário Regional da Economia para esclarecimentos, contudo já ultrapassámos as 13,000 horas, limite do tempo que estava estabelecido para o Período de antes da Ordem do Dia.

Se o Sr. Secretário ainda pretender usar da palavra para esclarecimentos, poderá fazê-lo por três minutos e depois encerramos para almoço.

Tem a palavra o Sr. Deputado José Decq Mota para interpelar a Mesa.

**Deputado José Decq Mota (PCP):** Sr. Presidente, Srs. Deputados:

Queria interpelar a Mesa muito brevemente pelo seguinte:

Começa a preocupar-me a forma como, e isto não tem a ver com o exercício da Presidência pelo Sr. Deputado Fernando Lopes, alguns entendimentos feitos na Mesa sobre a gestão dos nossos tempos, são depois interpretados na prática.

Toda a gente sabia que ontem havia inscrições do PS, do PSD e do PCP. Toda a gente sabia que o PCP ontem à noite, perante o facto dos outros partidos terem

abdicado do período de antes da ordem do dia de hoje, disse que não podia abdicar e toda a gente sabia disso.

Entretanto também soube-se, há momentos, que o PP inscreveu dois deputados para passar à frente do PCP.

Eu queria informar formalmente esta Câmara que para o PCP acabaram as interpretações do Regimento e passa a ser o que é, porque brincar aos rapazes pequenos, não é aqui.

Obviamente que o pequeno Grupo Parlamentar do PP, como este que também é pequeno, procedeu de maneira a inviabilizar deliberadamente a intervenção que estava inscrita desde ontem, perante a ausência de inscrições.

Eu não queria deixar, através de interpelação à Mesa, de referir isto e dizer que, Sr. Presidente, se for para prolongar para além das 13,00 horas, que era o que estava combinado, então que se reponha o Regimento e se prolongue por mais uma hora e meia depois do intervalo. Se for para prolongar, que se cumpra o Regimento. Se assim não for, cumpra-se as 13,00 horas.

Muito obrigado.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Alvarino Pinheiro.

**Deputado Alvarino Pinheiro (PP):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Sr. Membro do Governo:

Respeitando e compreendendo a intervenção do Sr. Deputado José Decq Mota, nós interpretamos uma citação feita ao Grupo Parlamentar do PP com alguma deselegância e justifico porquê.

Ontem, quando da reunião dos líderes parlamentares e seus representantes, o CDS/PP efectivamente, através do Deputado Paulo Gusmão, declarou que estaria disposto a prescindir de inscrições no sentido de colaborar para o objectivo que, na altura, se pretendia.

O PCP, com toda a legitimidade, entendeu que não prescindia da sua inscrição e, portanto, levou à situação de termos o período de antes da ordem do dia tal como foi fixado até às 13,00 horas.

Eu peço imensa desculpa, e daí ter achado deselegante, que o facto do CDS/PP se ter disponibilizado para colaborar no sentido de que se diminuísse o período de antes

da ordem do dia, dizendo que prescindia do princípio de querer inscrever alguém, aliás, penso até que o Deputado Paulo Gusmão referiu que eu próprio teria, internamente, programado desde o primeiro dia, uma intervenção antes da ordem do dia, mas isto não impede, nem poderá impedir que, uma vez que foi decidido ter-se o período de antes da ordem do dia, o CDS/PP fizesse a sua inscrição normalmente e por isso fez duas inscrições para esse efeito.

O facto é que o CDS/PP não terá possibilidade de fazer as suas intervenções no período de antes da ordem do dia. O PCP, certamente, também não terá.

Se vem algum mal ao mundo, certamente não é da parte do CDS/PP.

Quanto à segunda parte, queria também dizer que se estava entendido que o período de antes da ordem do dia termina às 13,00 horas, acho que deve terminar.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado José Decq Mota para, novamente, interpelar a Mesa.

**Deputado José Decq Mota (PCP):** Sr. Presidente, Srs. Deputados:

É apenas para, na figura de interpelação, lembrar um pequeno pormenor:

O CDS/PP não tinha ninguém inscrito ontem e os outros três partidos já tinham as inscrições e a ponderação de haver ou não hoje o período de antes da ordem do dia foi feita em função das inscrições que estavam pendentes ontem e, portanto, é essencial que isto seja aqui dito.

Em relação à segunda parte do Sr. Deputado Alvarino Pinheiro, queria apenas lembrar que de há 20 minutos para cá praticamente não temos ouvido outro Sr. Deputado senão ele próprio.

Muito obrigado.

**Presidente:** Muito obrigado, Srs. Deputados.

De qualquer forma ultrapassamos largamente as 13,00 horas e por isso vamos interromper os nossos trabalhos e continuamos pelas 15,00 horas.

(Eram 13 horas e 10 minutos)

(Neste momento o Sr. Deputado Bento Barcelos ocupa o lugar de Presidente da Mesa Assembleia Legislativa Regional dos Açores)

**Presidente:** Srs. Deputados, agradeçia que retomassem os vossos lugares para reiniciarmos os nossos trabalhos.

(Eram 15 horas e 15 minutos)

Srs. Deputados, de acordo com a nossa Ordem do dia, vamos dar continuação ao debate sobre o **Relatório relativo à Petição – “Construção de um novo edifício escolar (EB/JI) na Freguesia das Manadas, Concelho das Velas”**.

Tem a palavra o Sr. Deputado José Rego.

**Deputado José Rego (PS):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

O encerramento da escola na Freguesia das Manadas vem na continuidade das política educativa do Partido Socialista de acabar com o isolamento de um professor no lugar único, terminando assim com quatro níveis de escolaridade, ou seja, um professor para quatro classes e isso nas freguesias em que existem mais do que um estabelecimento de ensino, porque nalgumas freguesias continuamos a achar que deve continuar a haver uma escola por freguesia e se nesta escola houver possibilidade de fazer uma só turma ela será feita, porque são as dimensões da freguesia que levam à existência de uma só classe e não duas ou três, conforme tem sido nossa política na concentração dos alunos numa só escola.

Assim, com o encerramento de uma das escolas da Freguesia das Manadas, passaremos a ter os alunos concentrados numa só escola onde se passarão a ter duas turmas com dois níveis de escolaridade e o seu jardim de infância e pré-escola

também integrados na mesma escola, tal qual está previsto para toda a Região dos Açores.

Com a concentração desses alunos num só espaço, combatemos o isolamento do professor, melhoramos as condições pedagógicas do ensino/aprendizagem para os alunos e para o próprio professor, melhoramos as condições de sociabilidade dos alunos dessas mesmas escolas, ou seja, queremos que o seu aproveitamento seja melhor, face às situações anteriores.

O edifício onde agora se vão reunir essas três turmas, nós já dissemos e verificamos in loco que, apesar de não ser um edifício que apresente as condições ideais para o funcionamento de uma escola do 1º ciclo, em nosso entender, ela ter as condições mínimas para funcionar e já funcionou com muitos mais alunos do que vai funcionar no próximo ano lectivo, num passado não muito distante.

Para o melhor funcionamento dessa escola foram feitas algumas obras no ano transacto para melhorar a situação escolar.

Todavia é oportuno dizer que o edifício onde essa escola irá funcionar contou com o apoio da Câmara Municipal na elaboração daquelas obras, mas o poder autárquico poderia ter-se empenhado e ainda poderá fazê-lo durante este ano lectivo, na melhoria das condições para que a escola ofereça melhores condições para esses alunos.

Como exemplo devo referir que a escola possui um espaço do tamanho duma sala, no qual a Junta de Freguesia tem algumas coisas guardadas, que, devidamente adaptado, daria um refeitório muito melhor, do que aquele que vão ter durante este ano lectivo. Com pequenas obras aquele espaço seria muito mais agradável para os próprios alunos. O mesmo se pode dizer relativamente aos pátios que, devidamente arranjados, proporciona um espaço muito mais agradável aos alunos que frequentarem a escola.

Portanto, com esta reunião de turmas, o Partido Socialista considera que é pedagogicamente recomendável. Reconhece que há uma necessidade de se construir uma escola nova naquela zona da ilha de S. Jorge, pelo que recomendou na proposta que mais daqui a pouco iremos debater.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Paulo Gusmão.

**Deputado Paulo Gusmão (PP):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados:

Quero manifestar o nosso apreço porquanto despoletaram esta questão que, sendo bastante concreta, vem alertar-nos para uma situação que também é geral, que tem sido seguida, e bem, em muitas freguesias da Região, que no país está também a ser implementada e que continuará a ser nos próximos tempos.

Aquilo que pensamos acerca do problema em concreto é que o ideal seria uma escola que trouxesse aos alunos das Manadas as melhores condições, que eventualmente contribuísse para o seu sucesso e integração na própria escola.

É por isso mesmo que, à semelhança dos demais grupos parlamentares, apresentamos uma Proposta de Resolução que, para além do problema em concreto, pretende que haja também um critério que seja razoável e que acuda àquilo que é prioritário, de uma forma urgente e efectiva, sem estarmos à espera no tempo, de soluções mais definitivas e que para nós tem a ver com dar as mínimas condições, sempre que esse processo de transferência seja feito.

**Presidente:** Creio que todos os grupos parlamentares já participaram nesta discussão, pelo que a Petição está discutida.

Assim sendo, passamos aos quatro pontos seguintes da nossa ordem de trabalhos:

- **Proposta de Resolução – “Construção de um novo edifício escolar (EB/JI) na Freguesia das Manadas, Concelho de Velas,** apresentada pelo PSD;

- **Proposta de Resolução – “Recomenda ao Governo Regional que, em colaboração com a Câmara Municipal das Velas, promova a construção de um novo edifício escolar na Freguesia das Manadas, Concelho de Velas,** apresentada pelo PS;

- **Proposta de Resolução – “Construção da Escola (EB/JI) na Freguesia das Manadas, Concelho de Velas,** apresentada pelo PCP;

- **Proposta de Resolução – “Recomenda ao Governo Regional que, ao fechar escolas com vista à concentração de alunos, dê prioridade às obras de remodelação e beneficiação do edifício que será utilizado como escola, na Freguesia das Manadas, Concelho de Velas,** apresentada pelo PP.

Está aberto os debate sobre estas Propostas de Resolução.

Tem a palavra o Sr. Deputado Mark Marques.

**Deputado Mark Marques (PSD):** Sr. Presidente, Srs. Deputados:

Antes de apresentar a Proposta de Resolução do Partido Social Democrata sobre esta matéria, queria tecer aqui algumas considerações.

Este assunto da transferência dos alunos da escola de cima para a escola de baixo, ou seja, da escola das Manadas para a escola dos Terreiros, tem sido um dos pontos da ordem do dia na Ilha de S. Jorge, de há uns tempos a esta parte.

Em Novembro do ano passado nós, Partido Social Democrata, requeremos informações à Secretaria Regional da Educação e Cultura sobre qual a intenção que tinha sobre aquela escola e a Secretaria, efectivamente, respondeu que não tinha intenções de construir uma nova escola e limitou-se a definir o Despacho Normativo 20/2002.

A Câmara Municipal das Velas, através do seu ofício nº 1677, também informou a Secretaria Regional da Educação e Cultura do seguinte, e passo a citar: “Informe V. Exa. que esta autarquia está disponível para inscrever no orçamento do próximo ano as verbas necessárias para a construção, referida em epígrafe, desde que seja celebrado o respectivo contrato ARAAL”.

Mas mais: a Câmara Municipal estava disponível para construir esta escola no ano de 2003, recebendo o dinheiro em 2004. Penso que é assim, Sr. Secretário.

O Sr. Secretário, em 16 de Dezembro de 2002, respondeu à Câmara Municipal das Velas, como tinha respondido ao deputado regional, que, com a entrada em vigor do novo regime de cooperação com as autarquias, não poderia celebrar o referido contrato.

Depois apareceram outros partidos também a fazerem requerimentos e aparece, felizmente, esta Petição que subiu a Plenário.

Felicito a população das Manadas, como já o fiz ontem e repito-o hoje aqui, pelo facto de ter feito esta Petição, ter chegado a esta Assembleia e ser discutida nesta data.

Tecendo mais algumas considerações, devo dizer que o Partido Socialista deu, de facto, muitas cambalhotas, fez o pino, deu golpe de rins, disse que não, disse que sim, disse que talvez, disse que *nim* e hoje vai apresentar a sua Proposta de

Resolução, não com aquilo que os peticionários exigem e querem, mas com muito pouco e nós em S. Jorge, mesmo por muito pouco que seja, estamos sempre a favor. Mas, mais grave do que isso, é que o Sr. Deputado José Rego acabou de dizer que a escola tem todas as condições.

Eu relembro aos Srs. Deputados da Comissão dos Assuntos Sociais que foram à Ilha de S. Jorge, dos quais o Sr. Deputado José Rego fazia parte, o que puderam ver no interior do edifício da escola dos Terreiros, que mostro aqui a fotografia. Constataram, de facto, que o edifício não tem condições.

Penso que é de má fé vir dizer que não tem condições, porque a Junta de Freguesia tem uma das salas ocupadas, desde sempre, com algum equipamento da própria Junta de Freguesia.

Não acho correcto desalojar uma autarquia ou quem quer que seja para instalar mais uma sala, até porque isso não se resolve só com mais uma sala.

A escada de acesso pelo interior é íngreme e o refeitório não tem espaço nem condições.

Como os senhores puderam constatar, os alunos do pré-escolar até passaram para o 1º andar, porque o rés-do-chão era frio e húmido, como diz no próprio relatório, e o pátio é de saibro e não tem condições. Mais grave do que isso é o estado de degradação em que a escola se encontra, como se pode constatar por esta fotografia que aqui tenho.

No dia em que a Comissão dos Assuntos Sociais visitou esta escola, eu próprio, deputado regional, eleito pelo PSD no círculo eleitoral da Ilha de S. Jorge, tive a delicadeza e o dever de pedir ao Presidente do Conselho Executivo para tirar fotografia do interior da escola e o Sr. Presidente do Conselho Executivo disse que não podia autorizar sem pedir a alguém superior. Duas horas depois fui informado que o chefe de gabinete do Sr. Secretário Regional da Educação tinha dito que eu não podia tirar fotografias do interior da escola.

**Secretário Regional da Educação** (*Álamo de Meneses*): Isso não é verdade!

**O Orador:** É verdade, Sr. Secretário, e isso é grave, porque eu, como deputado regional, fazendo ou não parte da Comissão, a qualquer hora do dia, desde que tivesse lá um funcionário, tinha o direito de entrar na escola e tirar fotografias.

**Deputado Lizuarte Machado (PS):** Se tinha o direito por que é que pediu?

**O Orador:** Portanto, pareceu-me que havia intenção de esconder algo e isso é que é grave.

Sobre este assunto há também uma coisa que me preocupa na Proposta de Resolução do Partido Socialista, mas depois da apresentação da mesma eu voltarei a falar do assunto, é que a determinada altura, além de não terem em conta o que os peticionários querem, diz o seguinte: “construção de uma nova escola”, o mesmo que o Partido Social Democrata sempre defendeu, aquando da reunião dos pais na Ilha de S. Jorge.

Apesar de vir dizer que vai construir uma nova escola, diz também o seguinte: “... finalmente que a população escolar da Freguesia das Manadas, bem como daquela zona do Concelho das Velas ...”, gostaria que alguém me clarificasse o que é que quer dizer “... daquela zona do Concelho das Velas...” , porque o que se propõe é a construção de uma escola na Freguesia das Manadas e não naquela zona. Não sei se estão aqui a tentar construir uma escola para apanhar mais zonas e gostaria que isso fosse explicado.

A vossa proposta também omite a questão das escolas continuarem a funcionar como estão, ou seja, os 11 alunos que estão na escola das Manadas manterem-se nessa mesma escola até à nova escola estar pronta.

Sr. Secretário, desculpe-me o termo, penso que esta é uma teimosia sua, porque no próprio Concelho e em outros sítios é assim que funciona. Se os senhores não querem manter isso, é a prova de que os senhores não vão fazer uma nova escola tão depressa ou se calhar não a vão fazer e por isso já dizem que o melhor é os meninos irem para baixo.

Mas, também para que fique registado, os meninos daquela escola desde segunda-feira, como forma de protesto, apresentam-se junto da escola e regressam novamente para as suas casas, porque a Sra. Professora não aparece.

Penso que isto é uma teimosia sua, Sr. Secretário, porque a Autarquia disse que fazia a escola num ano – aquele modelo da Boa Hora que o Sr. Secretário conhece e que foi lá inaugurar – e daqui a um ano aqueles meninos passavam para a escola nova.

Se o Sr. Secretário continuar com a teimosia de que aqueles e têm que, forçosamente, vir para baixo, é o mesmo que dizer que durante um ano não faz a nova escola. Esta é que é a verdade.

Passando à Proposta de Resolução do Partido Social Democrata, ela diz o seguinte:

“Construção de um novo edifício escolar na Freguesia das Manadas.

Considerando que a qualificação dos recursos humanos é uma condição fundamental para o desenvolvimento e expansão económicos, bem como para a afirmação de uma identidade;

Considerando que a existência de boas e funcionais instalações concorre para a motivação dos alunos e, conseqüentemente, para a promoção do sucesso educativo;

Considerando o papel de revitalização social desempenhado pelos estabelecimentos de ensino no seio de pequenas comunidades;

Considerando que o Despacho Normativo nº 24/2001, de 26 de Abril, prevê que na freguesia com mais de um estabelecimento de ensino terá o encerramento daquele que for frequentado por menos de 10 alunos;

Considerando que na Freguesia das Manadas, Concelho de Velas, existem dois estabelecimentos de ensino do 1º Ciclo, ambos frequentados por mais de 10 alunos;

Considerando que a população da dita freguesia se opõe à proposta do Governo Regional de concentrar toda a população escolar num só edifício, tão só por este não dispor de condições funcionais e pedagógicas;...”

Os pais nunca disseram, em tempo algum, que não traziam os meninos para uma concentração numa única escola. Não metam isso na boca dos pais, porque eles nunca disseram que não queriam concentrar os alunos. O que eles disseram e mantêm é que querem concentrar os meninos – e o Sr. Deputado Francisco de Sousa na reunião que fizemos em S. Jorge cansou-se de explicar isso e os pais já tinham percebido isso há muito tempo – e que pedagogicamente acham que é muito melhor ter os alunos todos numa escola, mas a questão que se põe aqui é que o edifício não tem condições.

“Assim, os Deputados do Grupo Parlamentar do PSD, ao abrigo das disposições estatutárias e regimentais aplicáveis, apresentam a seguinte Propostas de Resolução: Recomendar ao Governo Regional que seja dada prioridade à construção de um novo edifício escolar (EB/JI) na Freguesia das Manadas, e que até à sua conclusão se mantenham em funcionamento as duas actuais escolas.”

Esta, sim, é a proposta que vai de encontro ao que os peticionários anseiam.

Muito obrigado.

**Deputado Clélio Meneses (PSD):** *Muito bem!*

(Aplausos das bancadas do PSD e PCP)

**Presidente:** O Sr. Secretário Regional da Educação tinha pedido a palavra, mas neste momento está a proceder-se à apresentação das diversas propostas e só depois passaremos ao debate.

**Secretário Regional da Educação e Cultura (Álamo de Meneses):** Para interpelar a Mesa.

**Presidente:** Faça o favor.

**Secretário Regional da Educação e Cultura (Álamo de Meneses):** Sr. Presidente, a questão não se prende propriamente com a discussão da proposta, mas com a questão da fotografia e com a afirmação que foi feita, envolvendo uma pessoa do meu Gabinete e é sobre essa questão específica que eu gostaria, de imediato, me pronunciar, porque isso põe em causa a forma como nos relacionamos com o Conselho Executivo.

Especificamente quero apenas falar na questão da fotografia.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Secretário Regional apenas para falar dessa matéria.

**Secretário Regional da Educação e Cultura (Álamo de Meneses):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

No dia em causa, o Sr. Presidente do Conselho Executivo não falou com o meu Chefe de Gabinete, falou telefonicamente comigo e aquilo que lhe disse foi que, tal qual como já está definido há muito tempo, as questões de relações públicas das

escolas pertencem a elas e, portanto, da minha parte eu não teria qualquer interferência sobre essa matéria nem ninguém da Secretaria, Chefe de Gabinete ou outro qualquer.

Portanto, todas as questões relacionadas com entrevistas, fotografias e tudo o que diz respeito às escolas, é matéria da sua competência e não houve nenhum envolvimento da Secretaria em relação a esta questão.

**Deputado Mark Marques (PSD):** Então o senhor esclareça esse assunto com o Sr. Presidente do Conselho Executivo da Escola Básica das Velas e não comigo.

**O Orador:** Eu só lhe queria afirmar que não houve qualquer envolvimento por parte da Secretaria, tanto neste caso como em outro qualquer.

Eu quero é que fique aqui muito claro que – e como devem ter reparado existem muitas participações de responsáveis das escolas na comunicação social, sobre aquilo que entendem sobre as escolas – toda a política de relacionamento das escolas com qualquer entidade, é gerida pela própria escola e a escola, em função daquilo que considera ser os seus interesses e os seus valores, toma as decisões que entende.

Portanto, eu quero dizer que não houve nenhum chefe de gabinete envolvido nesta questão e não houve nenhuma questão relacionada com a Secretaria em relação a isto. Eu fui informado posteriormente que tinha havido esse pedido e apenas disse que, conforme tinha sido combinado, não me envolveria neste caso, nem em caso algum de relacionamento das escolas com quem quer que seja, porque foi feito um acordo de cavalheiros, acordo que eu muito respeito, entre a equipa da Secretaria e os Srs. Presidentes dos Conselhos Executivos, dizendo que tudo o que seja relações públicas das escolas é da estrita competência delas e ninguém da Direcção Regional, nem da Secretaria interfere nesta matéria.

É apenas este esclarecimento que eu quero aqui deixar.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Mark Marques para uma nota muito breve, para podermos avançar nos nossos trabalhos.

**Deputado Mark Marques (PSD):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Sr. Secretário Regional:

Prometo que só vou falar sobre este assunto.

Eu não estou, de forma alguma, a pôr em causa aquilo que o senhor está a dizer, agora eu disse-lhe a verdade e repito novamente aqui: eu que sou amigo pessoal do Presidente do Conselho Executivo da Escola Básica Integrada de Velas – e digo-lhe que, embora não sendo da minha há cor partidária, acho que é um excelente Presidente de Conselho Executivo –telefonei-lhe, pedi-lhe e tive a resposta duas horas depois, dizendo-me que do seu gabinete tinha vindo esta resposta.

Portanto, o senhor é que tem que esclarecer esta questão com o Conselho Executivo.

**Secretário Regional da Educação e Cultura** (*Álamo de Meneses*): Esclarecerei, com certeza.

**O Orador:** Pela minha parte fiquei apreensivo por não poder tirar fotografias. Tudo o resto o senhor terá de esclarecer com o seu gabinete.

Muito obrigado.

**Presidente:** Não obstante ter pedido primeiro a palavra o Sr. Deputado José Decq Mota, mas seguindo esta ordem de apresentação das Propostas de Resolução, eu vou dar a palavra ao Sr. Deputado Manuel Silveira.

**Deputado Manuel Silveira** (*PS*): Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Antes de passar concretamente à Proposta de Resolução, apresentada pelo PS, vou tecer algumas considerações que têm a ver com aquilo que nós pensamos também em relação à Escola das Manadas.

No ano de 2002/2003, por Portaria da Secretaria Regional da Educação e Cultura, foi criada a EB/JI das Manadas, no lugar dos Terreiros.

Esta escola funcionou em duas salas, uma nas Manadas com 10 alunos, com os quatro anos de escolaridade, e outra com 12 alunos nos Terreiros, também com os quatro anos de escolaridade e mais 3 alunos na pré.

Numa reunião realizada em 2002, o Sr. Secretário Regional e o Conselho Executivo acordaram juntar numa só escola a EB/JI da Freguesia das Manadas e a EB/JI dos Terreiros, devendo nesta última serem feitas obras até ao mês de Setembro, a cargo da Câmara Municipal de Velas.

Chegado ao início do ano lectivo esta obras não tinham sido realizadas, as quais só se realizaram no mês de Janeiro de 2003.

As obras efectuadas relacionam-se com a remodelação da rede eléctrica e o ensaibrar dos pátios.

Em Fevereiro, numa reunião realizada com a presença do Sr. Secretário Regional, dos pais e encarregados de educação dos alunos da EB das Manadas, ficou acordado que os alunos se manteriam na sua escola até ao final do ano lectivo, visto este já ir muito avançado.

O Sr. Secretário Regional, na reunião da Comissão de Assuntos Sociais, realizada em Angra do dia 8 deste mês, afirmou que uma escola não pode ser considerada boa para uns e má para outros.

A situação da escola das Manadas com uma só sala não apresenta condições pedagógicas para o seu funcionamento.

Por outro lado, os alunos da educação pré-escolar de toda a freguesia frequentam a escola dos Terreiros e só depois é que são divididos pelos dois edifícios quando transitam para o 1º Ciclo.

A escola dos Terreiros teve alguns melhoramentos e é mais central na freguesia, o que não acontece com a escola da Boa Hora, que é descêntrica, face à freguesia de Santo Amaro.

Aquando da construção desta última, teve-se algumas dúvidas, mas pelos dados apresentados pela Câmara relativamente ao surto de construção nesta zona, faria crer que a população iria aumentar. Todavia os pais preferem levar os filhos para a Vila das Velas e este ano já se pensou em encerrar a escola, provavelmente com a implantação de um ATL se fará inverter esta situação, fazendo baixar o excesso dos alunos nas Velas.

Passo agora a ler a Proposta de Resolução do PS:

“Recomenda ao Governo Regional que, em colaboração com a Câmara Municipal das Velas, promova a construção de um novo edifício escolar que sirva, com os necessários requisitos de qualidade, os alunos residentes na Freguesia das Manadas.

A reestruturação da rede de estabelecimentos de educação pré-escolar e do 1º Ciclo do ensino básico, segundo o Regulamento de gestão administrativa e Pedagógica de Alunos, segue os princípios que determinam que, quando numa freguesia exista mais

de uma escola, o seu encerramento é obrigatório sempre que a frequência for inferior a 10 alunos.

Por outro lado, o Despacho Normativo nº 20/2002, de 26 de Abril, dispõe que em cada freguesia funciona apenas um estabelecimento de educação e ensino oferecendo conjuntamente a educação pré-escolar e o 1º Ciclo do ensino básico, determinando que o funcionamento de mais uma escola apenas será mantido quando se verifique que nenhum dos edifícios escolares existentes permita acomodar todas as crianças da educação pré-escolar e alunos do 1º ciclo do ensino básico ou quando resultem distâncias superiores a 3 km entre o local de residência e o edifício escolar e não seja possível criar uma rede de transporte com características adequadas ao grupo etário a transportar.

Considerando que o edifício dos Terreiros, situado a cerca de 800 do edifício das Manadas, oferece as condições pedagógicas mínimas para nele funcionarem duas turmas do 1º ciclo do ensino básico e uma turma da educação pré-escolar, tendo três espaços lectivos, enquanto que o das Manadas apenas um, e que, finalmente, a junção das duas turmas existentes até esta data, cada qual com quatro anos de escolaridade do 1º ciclo, permitirá a criação de novas turmas mas cada uma com dois anos de escolaridade;

Considerando, finalmente, que a população escolar da Freguesia das Manadas bem como daquela zona do Concelho das Velas, necessita de um novo edifício escolar que possibilite melhores condições de ensino aprendizagem tendo em vista, entre outras, as crianças com necessidades educativas especiais, a introdução de língua estrangeira, da música, das novas tecnologias de informação e comunicação, e ainda os espaços para alimentação e tempos livres dos alunos.

Assim, os Deputados do Grupo Parlamentar do PS/Açores, nos termos estatutários e regimentais aplicáveis, apresentam a seguinte Proposta de Resolução:

A Assembleia Legislativa Regional recomenda ao Governo Regional que, em colaboração com a Câmara Municipal das Velas, promova a construção de um novo edifício escolar que sirva, com os necessários requisitos de qualidade, os alunos residentes na Freguesia das Manadas.”

**Deputado Francisco de Sousa (PS): Muito bem!**

**Presidente:** Para apresentar a Proposta de Resolução do PCP, tem a palavra o Sr. Deputado José Decq Mota.

**Deputado José Decq Mota (PCP):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Secretários Regionais:

Esta Proposta de Resolução foi apresentada nos termos e para os efeitos previstos no artigo 226º, nº 5, o mesmo é dizer que foi apresentada na sequência da apreciação duma petição, apresentada por um número significativo de cidadãos da ilha de S. Jorge, nomeadamente da Freguesia de Manadas.

Esta Proposta de Resolução que agora apresento sintetiza totalmente as conclusões a que chegámos, depois do trabalho feito, com empenho e com rigor, pela Comissão de apreciação da petição e marca a nossa posição, que é conhecida da câmara, uma vez que os Deputados do Grupo Parlamentar do PCP tiveram o cuidado de anexar ao relatório da petição uma declaração de voto sobre o parecer.

Eu gostaria, muito sucintamente, de salientar quatro ou cinco pontos breves.

Em primeiro lugar quero felicitar de forma muito viva o facto de ser possível hoje, nesta Região Autónoma, um número tão vasto de cidadãos, pelo universo que está em questão, exercerem livremente o seu direito de petição.

Quero salientar que é muito importante que este princípio se tenha desenvolvido nos últimos anos e é muito importante que se continue neste caminho.

Em segundo lugar queria salientar também ser importante a forma como esta Assembleia, pelo menos até este momento, tem tratado as petições. Elas têm sido tratadas com seriedade, independentemente das posições finais expressas nos respectivos relatórios. Eu, nas Comissões em que participo, já trabalhei sobre várias e elas têm sido apreciadas com a profundidade, de forma um tanto ou quanto mecânica, que o Regimento exige, mas com atenção.

Em terceiro lugar é também importante notar e dizer que, ao fazer a apresentação desta Proposta de Resolução sou já o terceiro a fazê-lo, depois de outros dois partidos já o terem feito e mais daqui a pouco o quarto partido também fará, todos os Grupos Parlamentares estão sensíveis a ter atitudes políticas e parlamentares, na sequência deste trabalho que as petições motivam e isso também é extremamente positivo.

O que está aqui em questão é, de facto, um acto da administração que, na nossa óptica, é marcada por uma visão incorrecta dum problema, mas que também, como se vê pelo conjunto da problemática que tem sido discutida, está marcado por perspectivas claramente não coincidentes com o que se afirma em relação ao futuro da escola na Região Autónoma dos Açores.

Nós, pela nossa parte, conforme está na nossa Proposta de Resolução, concordamos integralmente com os peticionários que, em primeiro lugar, querem tão só uma escola nova na Freguesia das Manadas, seja qual for o local da freguesia e, em segundo lugar, manter a utilização dos dois edifícios escolares até a escola nova ter condições. Eles têm esta posição, porque nenhum dos dois edifícios tem condições para a junção.

Nós concordaríamos com a decisão do Sr. Secretário se algum daqueles dois edifícios tivesse condições para a junção, mas não tem, porque um é pequeno e o outro, sendo maior, não tem características e funcionalidade para ser escola e pré-escola, porque tem uma sala insalubre, tem um conjunto de problemas que não são disfarçáveis, nem sequer é argumento o facto de, em tempos, já ter tido naquele edifício mais alunos.

Devo dizer, Sr. Secretário, que a escola que eu andei na primeira, segunda, terceira e quarta classe é uma coisa completamente indiscritível, face aos padrões de hoje. Portanto, não vamos por esse caminho de discussão, porque esse caminho não é, a nenhum título, sustentável.

Portanto, os peticionários das Manadas têm toda a razão quando dizem que a junção não pode ser feita agora, porque não há edifício próprio para essa junção, por isso reclamam um edifício novo e mal ele esteja pronto essa junção dar-se-á.

Esta posição é absolutamente justa e rigorosa, mas radica ainda num outro aspecto que é a defesa do princípio: uma freguesia, uma escola. Este princípio não é retórica, tem a ver com o modelo de sociedade que nós queremos.

Os Srs. Deputados que também participaram como eu nos trabalhos da Comissão, também sabem que várias nuances apareceram nesta situação, desde logo, questionado por mim, o Sr. Presidente do Conselho Executivo da Escola das Velas teve o condão de, na mesma intervenção, dizer três coisas: primeiro, que estava de

acordo comigo; segundo, que o ideal era concentrar nas Velas todos os alunos do 1º ciclo do ensino básico e, terceiro, que o melhor era fazer uma escola Urzelina/Manadas.

Portanto, na mesma intervenção ele disse estas três coisas e eu pergunto: que relação há entre estas afirmações e a forma de redigir a Proposta de Resolução do Partido Socialista e que fala numa escola para aquela zona do Concelho? Onde é que está o princípio, “uma freguesia uma escola”? Este princípio é importante, porque tem a ver com o que queremos para o futuro.

Queremos centralizar nos meios urbanos ou em freguesias maiores a vida dos nossos concelhos? Eu penso que não e o partido maioritário não tem afirmado isto, antes pelo contrário.

É evidente que aquela sugestão extrema de concentrar todos os alunos do 1º ciclo nas Velas, que o Sr. Presidente do Conselho Executivo da Escola das Velas apresentou, que dava uma escola maravilhosa com muita informática, com muita música, com muito inglês e muito de tudo, mas criava a tendência das famílias ou, pelo menos, dos casais mais novos de se deslocarem para as Velas, desertificando o mundo rural. É isso que nós procuramos? Não é. Não é esse modelo de sociedade que nós queremos.

Portanto, nós estamos aqui a discutir não só um problema concreto, apresentado através de uma petição, subscrita por 310 pessoas, mas estamos a discutir mais do que isto e daí a importância dos quatro partidos terem apresentado Propostas de Resolução e a importância dos quatro partidos darem atenção, em profundidade, a esta matéria.

Nós, Partido Comunista Português, nesta Proposta de Resolução concordamos com os peticionários e adoptamos a posição por eles manifestada.

Recomendamos também para que aquela posição possa ter solidez, que seja estabelecido um protocolo com a Câmara Municipal de Velas para que fique absolutamente claro o papel que cabe ao Governo e à Câmara na execução dessa escola e, portanto, trata-se de um problema elementar.

Eu queria aqui deixar nesta Câmara o seguinte apelo: que não se pretenda, por vias tortuosas, atingir objectivos que não se declara, que não se pretenda, por práticas tortuosas, afirmar teimosias que não têm cabimento.

Muito obrigado.

**Vozes da bancada do PSD:** *Muito bem! Muito bem!*

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Paulo Gusmão para apresentar a Proposta de Resolução do PP.

**Deputado Paulo Gusmão (PP):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

O Grupo Parlamentar do CDS/PP apresentou também uma Proposta de Resolução, tendo como objectivo não só a situação concreta que merece de todos nós a máxima atenção, mas criando princípios gerais que dêem uma certa razoabilidade àquilo que é e deve ser, independentemente daqueles que nos governam, a gestão dos dinheiros públicos e a gestão daquilo que são as condições mínimas que todas as populações devem ter acesso.

É, de facto, para nós preocupante e essencial, por uma questão de futuro, o problema da educação.

É também essencial para nós saber que no mundo rural terá de haver cada vez melhores condições para a educação, uma das principais causas que a autonomia tem que se debruçar e que deve contemplar os seus propósitos.

É por isso que, ao apresentarmos esta Proposta de Resolução, tivemos em vista apenas uma pequena diferença com os demais, concordando, aliás, na essência, com as várias Propostas de Resolução, concordando e saudando, e bem, aqueles que apresentaram a petição que há pouco apreciámos, apenas com uma pequena diferença em relação às demais Propostas de Resolução.

Para nós não é razoável que uma medida, que pode ser boa, independentemente de quem a faça, e que está a ser feita em todo o País, possa depender de qualquer edifício novo ou uma obra nova que é sempre o ideal, mas quando há as condições mínimas devemos avançar naquilo que possam ser melhores condições pedagógicas

para aqueles que se não as tiverem nos próximos anos, já serão outros a ter essas mesmas condições.

Portanto, o juntar alunos, o ter mais condições e, sobretudo, a distribuição de turmas de uma forma mais eficaz, que não quatro anos juntos, é evidente que é, para nós, uma medida boa e deve ser incentivada.

Esta será uma diferença em relação àqueles que defendem que sem uma escola nova não pode haver essa junção.

Mas, também temos uma pequena diferença em relação aos outros que entendem que se deve transferir sem acautelar essas mesmas condições.

Portanto, aquilo que pretendemos, de uma forma simples e prática, é que mais do que a população das Manadas estar alguns anos à espera de uma escola nova, e oxalá que ela apareça, ela possa ter a oportunidade de ter já nos próximos tempos, de forma imediata as condições mínimas para, no edifício que tem até alguma solenidade e com alguma adaptação, a utilidade que já teve até agora e que essa mesma remodelação seja feita e que essa junção de alunos não se perca por meia dúzia de anos à espera de melhores condições, que é o que todos queremos para todas as terras.

Também quero dizer, de uma forma frontal, que quem tem responsabilidades de gerir, deve ter como preocupação um critério de razoabilidade, um critério de rigor, um critério de alguma seriedade, no bom sentido da palavra, para dar a todas as populações as condições necessárias. Dou um pequeno exemplo: a escola da Boa Hora, uma obra boa, com certeza. Mas será que o mesmo valor não teria dado para reconstruir duas ou três que faltavam reconstruir? Será que antes de construirmos obra nova para uma determinada terra, não temos de acautelar as condições mínimas para várias populações? Pensamos nós que esse deve ser o critério a seguir.

É mais fácil, com certeza, defender o inverso, mas temos esse património de, desde 76, o CDS ter defendido sempre a mesma posição, a mesma postura, o mesmo sentido de razoabilidade que contemple todos e que, com alguma eficácia, chegue a todos com a mesma justiça.

Também é de lembrar que, por exemplo, no mesmo Concelho há uma freguesia vizinha, como os Rosais, em que também fecharam duas escolas e em que a escola

do centro também acautelou, mas as obras não estão completas e é necessário intervir também e, talvez, quem sabe, no futuro também ter uma escola nova. Qual é a freguesia que não a quer ter e legitimamente?

Mas, Srs. Deputados, é preciso acautelar aquilo que é primário, como, por exemplo, na escola dos Rosais onde 57 alunos foram instalados é necessário também responder às obras que são necessárias, é necessário também responder às condições mínimas que ainda faltam. Digo-o em relação a esta freguesia, mas digo-o também em relação às demais freguesias do mesmo concelho e às demais freguesias da nossa Região.

É por isso que a nossa Proposta de Resolução o que pretende, de uma forma simples, é que essa transferência se faça, mas que não seja sem a preocupação de garantir essas mesmas condições e que esse processo, bom para o futuro da educação nas terras onde os alunos vão sendo, infelizmente, cada vez menos, de congregação de alunos tenha essa compensação mínima de se garantir as mesmas condições.

Por tudo isto, passo a ler a nossa Proposta de Resolução:

“Considerando que o Governo Regional pretende fechar uma das duas escolas do 1º ciclo da Freguesia das Manadas, concentrando na actual escola dos Terreiros todos os alunos da freguesia;

Considerando que o edifício da referida escola não apresenta presentemente as melhores condições;

Considerando que este processo de concentração de alunos, o qual apresenta vantagens pedagógicas desde que mantenha um edifício em cada freguesia, já foi feito em outras freguesias da Região, nomeadamente em outras do Concelho das Velas;

Considerando que, embora o ideal seja a construção de um edifício novo concebido para as novas necessidades e desafios pedagógicos, é prioritário assegurar as condições mínimas aproveitando recursos existentes com vantagens para todos;

Considerando que na Região, e no Concelho das Velas de uma forma especial, existem diversas situações similares que necessitam de uma resposta urgente;

Os deputados do Grupo Parlamentar do Partido Popular, propõem que a Assembleia Legislativa Regional aprove a seguinte Resolução:

A Assembleia Legislativa Regional dos Açores recomenda ao Governo Regional que, ao fechar escolas com vista à concentração de alunos, dê prioridade às obras de remodelação e beneficiação do edifício que será utilizado, proporcionando assim as condições necessárias para que essa concentração traga vantagens para os próprios alunos, também sob o ponto de vista do ambiente de trabalho.”

Muito obrigado.

**Presidente:** Terminadas as apresentações das Proposta de Resolução, vamos entrar na discussão e dou a palavra ao Sr. Secretário Regional da Educação e Cultura.

**Secretário Regional da Educação e Cultura** (*Álamo de Meneses*): Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

A petição que foi apresentada por parte dos habitantes da Freguesia de Manadas e das freguesias vizinhas, teve o condão de, entre outras coisas, suscitar esta discussão aqui nesta câmara.

Esta é uma discussão em que já se envolveram, de forma clara, todas as forças políticas aqui representadas em que todas elas apresentaram as suas posições sobre a matéria, posições essas que são, em boa parte, coincidentes, mas creio que, para que nós possamos aproveitar este momento, deve ser um pouco mais aprofundado. Eu digo isto, porque a questão que agora discutimos aqui, é uma questão que não se prende apenas com o caso concreto das Manadas.

Nos últimos dois anos lectivos foram mais de meia centena as escolas que, em situação semelhante àquela que se verificava nas Manadas, tiveram que ser encerradas. Eu digo tiveram, porque elas estão encerradas, mau grado aquilo que eu gostaria que fosse a situação na nossa Região. Eu digo mau grado, porque, infelizmente, os Açores começam a padecer dum problema de estabilidade da gravidade e que este Parlamento terá necessariamente que estudar e encontrar soluções.

Trata-se da desertificação, e eu não digo a desertificação do mundo rural, em sentido lato, mas, sim, a desertificação do mundo rural no que diz respeito a crianças.

De facto, apesar de meia centena de escolas encerradas nos últimos anos, no corrente ano lectivo, no ano lectivo que se iniciou esta semana, são 22 salas do 1º ciclo que funcionam com 10 ou menos crianças e são 23 as salas de educação pré-escolar que funcionam com 10 ou menos crianças, ou seja, nós temos neste momento em funcionamento nos Açores 45 salas com 10 ou menos crianças.

Para além disso, nós temos 36 salas do 1º ciclo que funcionam com as quatro turmas, ou seja, salas de lugar único e isto depois, volto a repetir, de se ter encerrado cerca de meia centena de escolas nestas circunstâncias.

Por isso, o problema que aqui é trazido é um problema de grande premência e que terá necessariamente ao longo dos próximos anos, porque esta tendência da diminuição do número de alunos é uma tendência que está a acelerar, que nos levar a todos a reflectir no mundo rural.

Eu ouvi com muita atenção o que disse o Sr. Deputado Decq Mota e estou perfeitamente de acordo, até porque sou oriundo do meio rural e sei que quando uma freguesia perde a sua escola, ela deixa de ser uma freguesia completa, é uma freguesia que deixou de funcionar na sua plenitude.

Eu também, e Governo do Partido Socialista tomou isso como prioridade, considero que a criação de escolas na proximidade do meio rural é uma tarefa fundamental. Foi por isso mesmo que a partir de 1997 se abandonaram alguns dos projectos que estavam prontos naquela altura e que deviam avançar rapidamente, que estavam na calha e se começaram a construir escolas de proximidade e posso citar algumas como a das Furnas, a do Topo, a da Maia, a dos Ginetes e, enfim, tem-se feito um investimento que se centrou essencialmente sobre o mundo rural para evitar que os alunos se desloquem para as cidades.

Este tipo de intervenção e de preocupação mostra claramente que, da parte do Governo Regional, nós partilhamos as preocupações do Sr. Deputado José Decq Mota.

De facto, não se quer desertificar o mundo rural, só que este impedir a desertificação do mundo rural não pode passar pela manutenção destas crianças numa situação de menor capacidade e de menor oportunidade. Nós não podemos, em nome de impedir

a desertificação do mundo rural, evitar que as crianças que vivem nesse mesmo mundo rural possam usufruir de todas as condições que uma boa escola dá.

E para começar uma escola, para além do momento de aprendizagem, também é um momento de educação, no seu sentido mais lato, e um momento de socialização, o que não pode, obviamente, ser conseguido quando nós criamos escolas tão pequenas que o próprio fenómeno da socialização não pode acontecer.

Este problema que nós estamos agora a enfrentar aqui nos Açores e será, com certeza, um dos grandes desafios da educação ao longo da próxima década, é um problema que o resto do País enfrenta e é um problema que o resto da Europa e, diria mesmo, que o resto do mundo desenvolvido já enfrentou.

Dados do Ministério da Educação dizem que no corrente ano lectivo foram fechadas 782 escolas da rede pública e 121 de outros espaços relacionados com o ensino mediatizado e com contratos que existiam com privados, ou seja, cerca de 900 escolas encerraram no corrente ano lectivo.

O Sr. Primeiro Ministro teve oportunidade de anunciar que teria que encerrar, não sei bem o número, mas uns milhares de escolas para termos uma rede como deve ser.

Só o encerramento destas escolas neste ano fez com que dados do Ministério da Educação da semana passada digam que, apesar de existirem mais 3.303 no 1º Ciclo, existem menos 703 professores neste ciclo. Isto mostra a enorme consolidação que foi feita na rede do Continente.

Mas, no nosso País há uma região, a Região Autónoma da Madeira, que nesse aspecto já tem um avanço muito maior do que o nosso, em que já foi possível construir escolas de proximidade que já têm uma arquitectura totalmente diferente. Se calhar esta é uma das questões que nós temos que estudar para o futuro.

Há, de facto, grandes incertezas quanto a esta matéria e quando o Sr. Deputado Decq Mota aqui reportou uma intervenção do Sr. Presidente do Conselho Executivo em que disse que, na mesma intervenção, ele alterou a sua posição várias vezes, isso mostra a situação de ambivalência que todos os responsáveis do sistema educativo sentem em relação a esta matéria.

Por um lado, todos gostaríamos de ter o mundo rural com crianças e ter todas as freguesias com escolas, mas, por outro lado, todos os que têm preocupações nesta área percebem que há uma situação limite a partir da qual já não é possível e já não é justo para as crianças que vivem no mundo rural fazer isso. A grande preocupação que tem que haver é exactamente servir bem as crianças.

Viver no mundo rural não pode ser um factor de exclusão, nem um factor de redução de oportunidades, em termos da qualidade da educação.

É fundamental que o sistema educativo, inclusivamente se nós queremos fixar a população no mundo rural, discrimine pela positiva as crianças oriundas e as crianças residentes no mundo rural. É fundamental que isso seja feito e fazer isso passa por rever toda esta situação.

A minha intervenção já vai longa e eu queria ir à questão concreta da Manadas.

A questão das Manadas foi suscitada por um estudo que foi feito em Abril de 2002, em que se fez um levantamento de todas as pequenas freguesias que tinham mais do que uma escola, em que se analisou se seria ou não possível fazer a junção das escolas. O objectivo seria fazer essa junção das escolas em Setembro de 2002, ou seja, no arranque do ano lectivo passado.

Depois de analisadas todas as escolas, foram seleccionados 52 edifícios, entre eles o edifício das Manadas.

Após esta selecção foram iniciados contactos, quer com os órgãos executivos das escolas, quer com as juntas de freguesia, quer com os próprios pais no sentido de se ver qual o caminho a seguir.

Eu próprio visitei estas escolas e reuni, sempre que tal foi necessário, com os encarregados de educação. Foi o que aconteceu no caso das Manadas em que eu visitei a escola, falei com os encarregados de educação, falei com os responsáveis e, portanto, trata-se de uma situação em que eu próprio estive presente.

O que aconteceu com esta escola, ao contrário das outras que constavam da mesma lista, foi que ainda não estavam reunidas as condições que nós considerávamos necessárias, existindo problemas com a instalação eléctrica e com o ensaibramento do pátio.

Foi trocada diversa correspondência com a Câmara Municipal que sempre teve uma posição, tenho que o reconhecer, colaborante nesta matéria e nada tenho a apontar à autarquia de Velas sobre esta questão e o que ficou decidido foi que essa junção se faria no Natal do ano passado.

Acontece que chegámos às férias do Natal e, de facto, as coisas não estavam resolvidas e quando finalmente ficaram resolvidas, eu tive uma reunião com os pais na Escola Básica Integrada das Velas em que esta matéria foi debatida, e chegou-se à conclusão que, dado o avançado do ano lectivo, não iríamos fazer a mudança na interrupção lectiva seguinte, que seria a da Páscoa e que faríamos a junção no arranque deste ano lectivo.

Portanto, este foi um processo ponderado, um processo que foi feito com diálogo em que todos foram ouvidos.

Em lembro que, no caso concreto da escola das Manadas, o edifício existente nos Terreiros é um edifício que foi legado por uma benemérita no princípio do século. É uma casa com algum interesse arquitectónico, tem problemas no que diz respeito à sua utilização pela escola, mas não é, de forma alguma, um edifício que deva ser de imediato abandonado, porque nós temos na nossa rede edifícios em pior circunstâncias.

Aquilo que se passa, em relação ao edifício, é que era necessário fazer algumas intervenções, mas há algumas questões que precisam de ser resolvidas e que, da parte da Secretaria, fica desde já aqui o compromisso da resolução dessas questões e faremos todos os possíveis para que elas se resolvam tão rápido quanto possível.

Uma outra questão que eu também gostava de chamar a atenção desta Câmara é que, de facto, naquela freguesia o único jardim de infância funciona exactamente naquele edifício, ou seja, teoricamente todas crianças da freguesia deveriam lá fazer três anos naquele mesmo edifício, digo teoricamente, porque, como sabem, a escolaridade obrigatória não abrange a educação pré-escolar e não posso garantir que todas as crianças da freguesia passam, e passados esses três anos é que se dividiriam em dois grupos, uns que iriam para uma escola e os outros para a outra, o que não faz qualquer sentido no contexto actual.

Também gostaria de dizer que da parte da Câmara Municipal de Velas tem havido uma atitude de colaboração no que diz respeito à resolução do problema com a construção do novo edifício.

O Sr. Presidente da Câmara, e isso já foi aqui afirmado pelo Sr. Deputado Mark Marques, por diversas vezes se disponibilizou para resolver a questão dos terrenos e, inclusivamente, em conversa comigo, em data que não vai muito longa, ficou estabelecido um acordo de princípio, no sentido de se construir uma escola naquela zona.

Inclusivamente nós estamos a analisar a possibilidade de se utilizar o projecto da Boa Hora, que é um projecto que neste momento é propriedade da Câmara Municipal, um projecto com boas características e com boas condições para ali ser feita a escola. Esta é uma questão que continua em estudo e continua em debate e terá que ser resolvida em conjunto com a autarquia, ficando também aqui o meu compromisso de muito rapidamente se encontrar uma solução.

Eu gostaria muito que a Freguesia das Manadas tivesse uma escola nova a breve trecho. Gostaria muito que isso acontecesse.

Eu só não quero estar aqui a fazer afirmações absolutas, porque há que analisar toda esta envolvência, particularmente, no que diz respeito ao futuro, quantas crianças é que nós vamos ter nessa escola, porque, se calhar nós estamos agora aqui a discutir o problema de temos 20 alunos, mas já só estão 15 no pré-escolar e daqui a dias, se calhar, não teremos uma turma.

Mas, de facto, há este compromisso de que, da parte da Secretaria, tudo faremos para que de imediato, em contactos que se farão nas próximas semanas, se anuncie uma decisão definitiva para o problema das Manadas e que se dê andamento a um processo que leve à criação, naquela freguesia, de condições dignas para acolher as crianças, tanto mais que estamos a falar, em qualquer das circunstâncias, de um pequeno edifício escolar, cujos custos não serão muito elevados.

É esta a disponibilidade da Secretaria, é este o compromisso que nós assumimos e creio que é também a vontade que o Sr. Deputado Manuel Silveira aqui trouxe com a Proposta de Resolução que ele próprio propôs e que teve o acolhimento do Grupo

Parlamentar do Partido Socialista e do Governo e que, estou seguro, terá também desta Câmara.

Muito obrigado.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Mark Marques.

**Deputado Mark Marques (PSD):** Sr. Presidente, Srs. Deputados:

É para um pedido de esclarecimento, Sr. Presidente.

Eu gostaria de confrontar aqui o Sr. Secretário com algumas afirmações que foram feitas e desde logo questões muito concretas, sem grandes delongas, sobretudo para a gente se entender sobre esta matéria.

Começando pelo fim, o Sr. Secretário acabou de dizer que também gostaria muito que a Freguesia das Manadas tivesse uma nova escola e que daqui por uns dias iam ter uma decisão final.

Eu acho que há uma grande descoordenação entre o senhor, a sua Secretaria e os Srs. Deputados do Grupo Parlamentar do PS, porque o Sr. Deputado Manuel Silveira, do Grupo Parlamentar do PS, disse anteontem que o compromisso do Sr. Secretário é um assunto resolvido e que a escola vai arrancar.

**Secretário Regional da Educação e Cultura (Álamo de Meneses):** E vai.

**O Orador:** O senhor está a dizer que sim, mas acabou de dizer que daqui a 15 dias é que vai tomar a decisão.

**Secretário Regional da Educação e Cultura (Álamo de Meneses):** Sobre a localização.

**O Orador:** Sobre a localização faço-lhe também a seguinte pergunta:

A Proposta de Resolução do Partido Socialista recomenda a construção de um novo edifício escolar que sirva os necessários requisitos de qualidade aos alunos residentes na Freguesia das Manadas, ou seja, deduzo que a escola a ser feita é na Freguesia das Manadas. Aqui não está escrito isso, mas pode ser naquela zona, na Urzelina ou noutra zona qualquer, por isso gostaria que me esclarecesse onde é que vai ser feita.

Em relação à Câmara Municipal o Sr. Secretário disse uma verdade e eu já tinha dito isso. Eu não falo em nome da Câmara Municipal, mas há pouco tive curiosidade de perguntar ao Sr. Presidente da Câmara Municipal das Velas se tinha recebido algum

contacto em sentido contrário à carta que lhe foi enviada em Dezembro pela sua Secretaria, a dizer que já não havia contrato.

O senhor afirmou agora que nos próximos dias vai tomar diligências e, portanto, fico confiante que daqui por uma semana ou duas o Sr. Presidente da Câmara Municipal das Velas receba uma carta a desfazer esta e a dizer que, ao fim e ao cabo, vão fazer uma escola nova.

**Secretário Regional da Educação e Cultura** (*Álamo de Meneses*): Também não é isso.

**O Orador:** Se não é isso, então depois o Sr. Secretário explicará o que é.

Acho que o Sr. Secretário também afirmou que existem 45 salas na Região com 10 ou menos alunos. Se assim é, se existem essas 45 salas com 10 alunos ou menos, se a escola das Manadas tem 12, se o Partido Socialista tem feito um grande esforço nos últimos dias, a reboque do PSD, informando as pessoas das Manadas que a escola vai arrancar em breve e o Sr. Secretário há pouco disse também que gostaria muito que a Freguesia das Manadas tivesse uma escola, ela terá que ser feita para funcionar daqui a um ano, porque se for daqui a dois terá que ser o PSD a fazê-la.

**Deputado António Gomes** (*PS*): Com o PSD não há escola nas Manadas.

**Secretário Regional da Educação e Cultura** (*Álamo de Meneses*): Ia tão bem, mas agora descarrilhou!

**O Orador:** Com o PS não há escola nas Manadas. Isso eu já estou a tentar perceber.

Sr. Secretário, gostaria que me explicasse o seguinte:

Se há esta intenção de construir uma escola rapidamente, ou seja, daqui a um ano ou dois, por que é que o senhor mantém, e permita-me que lhe diga, a teimosia de não manter as duas escolas abertas? Por que é que oferece esta resistência? O que é que o move? É raiva contra alguém ou é por uma questão prática?

Se efectivamente vão construir uma escola daqui a pouco tempo, por que é que não continuam a funcionar as duas escolas até que a nova esteja concluída?

O Sr. Deputado Francisco de Sousa, na reunião que teve com os pais, cansou-se de explicar que era por uma razão pedagógica e eles percebem isso, mas estão também preocupados com o espaço físico que a actual escola não tem.

O Sr. Secretário diz que gostaria muito que a Freguesia das Manadas tivesse uma escola e nós vamos ter fé nas suas palavras, mas vamos estar muito atentos e eu, pessoalmente, vou estar muito atento ao Plano e Orçamento. Isto é um assunto que não morre aqui.

Portanto, o Sr. Secretário vai ou não repensar a sua posição relativamente à junção dos alunos numa só escola e deixá-los ficar como estão? Sr. Secretário, não se trata aqui do PS ou do PSD ganhar, mas, sim, da freguesia ganhar. Acho que a freguesia é que ganha.

**Deputado Francisco Sousa (PS):** Pois não!

**O Orador:** Eu sei que os Srs. Deputados ficam muito incomodados com este discurso, mas a verdade é que os Srs. Deputados do Partido Socialista, que não mugiram nem tugiram desde o requerimento do PSD do ano passado, agora, aflitos, vieram a reboque com uma Proposta de Resolução que não é aquilo que os peticionários querem.

**Deputado Francisco Sousa (PS):** Nós já fomos 2 vezes a S. Jorge por causa disso.

**O Orador:** Mesmo assim o PSD vai votar favoravelmente a Proposta de Resolução do Partido Socialista, porque o PSD em S. Jorge, entre o pouco e o nada, prefere o pouco. Os senhores só querem dar o pouco e ainda assim é duvidoso.

Portanto, fica desde já aqui a nossa declaração de voto e desafio os Deputados do Partido Socialista, especialmente os dois de S. Jorge, que votem a favor daquilo que os peticionários querem, que é a construção de uma nova escola quanto antes e que as duas escolas se mantenham abertas.

Deixava uma pergunta final ao Sr. Secretário.

Como sabe, os alunos esta semana têm ido para a escola de cima e as portas têm continuado fechadas, gostava de saber se:

O Sr. Secretário pensa ou não em repensar a sua posição?

O que é que o leva a fazer isso?

É uma questão de organização da própria escola, que já tem organizada a questão das refeições ou da carrinha, ou é uma questão pedagógica?

Por que é que mantém essa posição, se é que a vai manter?

Muito obrigado.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado José do Rego.

**Deputado José do Rego (PS):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Em primeiro lugar, queria dizer o Sr. Deputado Mark Marques que na minha intervenção não disse e não afirmei em lado algum que a escola dos Terreiros apresentava todas as condições para funcionar como escola. Eu falei sempre em condições mínimas e não em todas e como professor sei perfeitamente o que é que é melhor para os alunos da nossa Região e sei que aquela casa, apesar de ser uma bonita casa da Ilha de S. Jorge, não é a ideal para funcionar como escola, mas pode ser melhorada se o poder local daquele freguesia e daquele concelho assim o entender.

A parte de baixo daquela casa e o espaço de recreio podiam ter outras condições se tivessem gosto que a escola funcionasse para os filhos daquela terra, mas a própria junta de freguesia, quando o Sr. Secretário foi pedir para que cedesse a parte ocupada por ela, pôs alguns entraves na cedência do espaço, porque era a arrecadação da junta.

Se querem o melhor para a sua freguesia, quer seja por uns meses, quer seja por um ano, devem disponibilizar o espaço para os alunos.

Reconheço que, com refeitório, deve ser melhor para os alunos e a casa tem condições para oferecer àqueles alunos melhores espaços, queira o poder local, queiram as pessoas da freguesia, todas em conjunto, criar melhores condições naquela escola.

Em relação a esta matéria o Sr. Secretário não está sozinho, está com os deputados do Partido Socialista e temos o Conselho Executivo da Escola Básica e Integrada do nosso lado, com o mesmo sentido pedagógico para as crianças daquela freguesia.

Não é nenhuma birra do Sr. Secretário. Ele fechou 40 escolas no ano passado.

Eu, na minha intervenção, disse que todas as freguesias em que houvesse mais do que uma escola, elas deveriam encerrar. Este tem sido um caminho que percorremos e se esse caminho não foi percorrido na Ilha de S. Jorge no ano transacto foi porque a Câmara se demorou a efectuar as pequenas obras que prometeram fazer. Se o

tivesse feito não estávamos a discutir hoje aqui este assunto e o ano passado já se tinha feito a junção desses alunos na escola dos Terreiros.

Em relação à localização o Sr. Deputado Mark Marques não esteve na reunião com o Sr. Secretário da Educação, mas ele foi muito claro. As escolas do 1º Ciclo nesta Região e em muita parte do nosso país funcionam quase igual às regras do antigo regime há mais de 50 anos, em que existia uma sala, um alpendre, um professor e pouco mais.

Todos nós, políticos da educação, temos de pensar no futuro do 1º Ciclo para toda a Região e é nisso que o Primeiro-Ministro de Portugal está pensar, porque já encerrou escolas, fez estudos e comprovou aquilo que nós estamos a fazer na Região há já alguns anos, que é encerrar algumas escolas e concentrar alunos. O que o Governo da República está a fazer agora no Continente, já o fazemos desde que chegámos ao poder.

Nós não somos os primeiros a encerrar escolas na Região, por que PSD também já encerrou escolas e já tem um passado neste sentido.

Estão a ser feitas experiências nos Açores que devem ser partilhadas aqui nesta Câmara e como exemplo posso dizer que hoje, em todas as freguesias do Concelho de S. Roque do Pico, os alunos da 4ª classe já não ficam nas suas escolas, estão concentrados na Escola EB 2,3 do Cais do Pico, porque os professores das escolas e os pais perceberam que na Escola EB 2,3 eles vão ter melhores condições, quer em termos de música, ginástica, refeitório, língua, etc..

Em nosso entender temos que ir pensando, local a local, pela dimensão da sua população, o que é que é melhor para os nossos alunos.

Não são birras de Secretário, são questões pedagógicas, são questões da educação que têm que ser tratadas pelas pessoas que sabem disto e aqui ninguém anda a reboque de ninguém. O PSD é que se anda a colar a todas as insatisfações que há nos Açores, ou seja, onde houver alguém a reclamar está o PSD. Se PSD está hoje ao lado destes, por que não esteve no passado quando fechou escolas a nível de freguesias?

**Deputado Mark Marques (PSD):** Nunca esteve.

**Vozes da bancada do PS:** *Muito bem! Muito bem!*

**O Orador:** Mais:

O PSD na sua Proposta de Resolução apela ao despacho dos 10 alunos, mas eu queria dizer aqui que esse despacho já morreu. Hoje já temos outro que nem sequer fala em 10 alunos. Na legislação que nós publicamos em 2001 ficou consagrado que teria de ser por portaria do Secretário Regional e hoje já é assim e está na Portaria 8/2003. O dito Despacho 24/2001, que apelam na vossa Proposta de Resolução, já está ultrapassado.

Disse.

**Vozes da bancada do PS:** *Muito bem! Muito bem!*

(Aplausos da bancada do PS)

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Francisco Sousa.

**Deputado Francisco Sousa (PS):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Começo por saudar os peticionários das Manadas, porque permitiram que acontecesse nesta Casa uma coisa que eu nunca tinha assistido e já cá estou desde 1985.

Pela primeira vez todos os grupos parlamentares, representados nesta Casa, tomam posição, na área da educação, sobre a mesma matéria.

Também pela primeira vez nesta Casa, desde 1985, passámos o Período de Antes da Ordem do Dia, na abertura do ano lectivo, sem que de tal se tenha falado.

**Deputado Mark Marques (PSD):** Não houve tempo no PAOD.

**O Orador:** Para mim só significa que, pela primeira vez, correu tão bem, tão bem, que a oposição nem sequer teve razões para abrir a boca. Felizmente, ao fim destes anos todos, estamos bem na abertura do ano lectivo.

Voltando às Manadas, quero dizer que todos os partidos têm uma preocupação que, nascendo nas Manadas, ultrapassa de longe esta freguesia e estamos a falar exactamente de política educativa para o 1º Ciclo e Educação Pré-escolar nos Açores. Regozijo-me com isso e fico satisfeito, porque eu, que defendi no meu

partido e nesta Casa, há sete ou oito anos atrás, que cada freguesia devia ter uma escola, hoje, como o fiz há oito anos, faço-o de peito aberto dizendo que chegámos a uma situação em que já não podemos nem devemos consciente, seria e honestamente defender tão somente este princípio de que pelo facto de existir uma freguesia, independentemente do número de alunos, deve existir uma escola.

Chegou a altura em que também devemos pensar nesta Casa numa escola nova para gente nova.

Há sete ou oito anos atrás defendemos, e bem, e executámos que cada freguesia devia procurar ter uma só escola, que devíamos acabar com as escolas de lugar único, porque é impossível ter-se sucesso educativo, e não estou a falar de sucesso escolar, com quatro turmas e um só professor.

Eu estou a falar de sucesso educativo e nesse sentido regozijo-me que hoje estejamos aqui já não a falar somente das Manadas, porque estamos a falar duma nova forma de reestruturar a rede escolar do 1º Ciclo e Educação Pré-escolar, dando novas valências à escola do 1º Ciclo.

Hoje o 1º Ciclo tem que ter novas condições e é por isso que as Manadas, para mim, são um símbolo também de mudança, mudança porque as pessoas fizeram uma petição e porque ela chega ao fim, nestas condições, graças ao Partido Socialista e digo-o claramente nesta Casa. Vão ao passado e vão ver que noutras circunstâncias outras petições não chegaram ao fim. Quem não tem passado não se lembra, mas eu não me esqueci.

Felizmente chegámos a uma situação que nos permite dizer hoje o que é que deve ser a escola do 1º Ciclo e da Educação Pré-escolar desta Região.

Deve ser uma escola que tem de ter condições para as novas tecnologias de informação que vão ser disciplina obrigatória em todos os ciclos de ensino, com a implementação do novo sistema educativo que está previsto e há-de ser aprovado, dentro de dias, na Assembleia da República.

Deve ser uma escola que tenha condições para a introdução de uma língua estrangeira, que nos Açores, normalmente, é o inglês, para a educação física, para a música e para outras condições de aprendizagem.

Defendemos no Partido Socialista e concretizámos as escolas de proximidade, tendo em atenção que os alunos das zonas mais afastadas deviam ter condições para poderem ter sucesso educativo. Chegou o momento de pensarmos de forma diferente.

Todos os Grupos Parlamentares se mostraram preocupados com a situação das Manadas e eu, sinceramente, não estou preocupado com as Manadas, mas, sim, com todo o Concelho das Velas e com toda a Ilha de S. Jorge.

Temos que começar a pensar seriamente como resolver o problema do Concelho da Velas, mas também do Concelho do Nordeste, da Povoação ou Ribeira Grande, porque não temos condições de sucesso educativo em escolas de lugar único com quatro turmas.

Mas, isto não significa, ao contrário do que dizia o Sr. Deputado José Decq Mota, a desertificação. A escola pode contribuir para isso, e não quero pôr isso em dúvida, mas não é a escola por si só que leva à desertificação.

É mais importante para mim que as crianças dos meios rurais tenham condições de sucesso como têm a das vilas ou das cidades, desde os conservatórios aos ginásios privados, ao ginásios públicos, etc.. Há uma série de situações que permitem às crianças dos meios urbanos ter o que nos meios rurais hoje não temos e eu considero que essas crianças têm tanto direito ao seu sucesso como têm as crianças do meios urbanos.

Não é possível instalar os meios das novas tecnologias em todas as escolas da rede na Região Autónoma dos Açores. É impossível e quem disser ao contrário eu posso demonstrar, sem perceber nada disso em termos financeiros – e posso dar como exemplo só o Concelho da Maia – ...

**Deputado Manuel Arruda (PSD):** Porquê da Maia?

**Deputado Luís Medeiros (PSD):** Concelho da Maia?!

**O Orador:** ... dar às crianças do lugar da Lombinha da Maia as mesmas condições que hoje é possível dar na Maia, porque a Escola da Maia, do 2º e 3º Ciclos têm condições de sucesso. Se colocarmos na Escola da Maia as crianças da 4ª classe, as condições são completamente diferentes das da escola da Lombinha da Maia.

**Deputado João Cunha (PSD):** Isso existe?

**O Orador:** Sr. Deputado João Cunha, isso existe, porque felizmente também se fecharam escolas na sua ilha, mas, infelizmente, ainda é preciso dar o passo seguinte para que as crianças da sua ilha tenham o direito ao sucesso que hoje não têm e o senhor sabe disso.

**Deputado João Cunha (PSD):** Não, não sei!

**O Orador:** Se não sabe eu posso-lhe explicar, mas sabe, começando por si e acabando nas crianças de hoje.

**Deputado João Cunha (PSD):** Não sei. Está enganado.

**O Orador:** O senhor sabe e tanto sabe que está aí sentado.

Em último lugar, queria dizer que, com esta situação das Manadas, esta Casa pode e deve entrar noutra tipo de discussão, pode e deve começar a pensar numa nova forma de organizar as escolas do 1º Ciclo e da Educação Pré-Escolar com vista à próxima década.

Concordo plenamente com o trabalho que se fez até aqui, mas chegou a hora de se dar o passo seguinte para se poder ter um sucesso semelhante àquele que foi conseguido nestes últimos anos.

Este ano escolar abriu com todos os professores habilitados, o que não era possível há dez anos atrás e eu não estou a culpar ninguém, mas gostaria e desejo que daqui a dez anos o ano escolar abra com todas as crianças desta Região tendo acesso, por exemplo, às novas tecnologias da informação. É esse o meu desejo e por isso estou muito satisfeito que hoje, pela primeira vez, em cerca de quase 20 anos, esta Casa tenha propostas de todos os partidos sobre a educação na Região.

*(Aplausos das bancadas do PS e do Governo)*

**Presidente:** Para esclarecimentos tem a palavra o Sr. Secretário Regional da Educação e Cultura.

**Secretário Regional da Educação e Cultura (Álamo de Meneses):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

A discussão já vai longa, creio que as questões já foram aqui esgrimidas e limitar-me-ia a responder directamente às questões que me foram colocadas pelo Sr. Deputado Mark Marques.

Eu quero deixar aqui muito claro que não me move nenhuma razão de teimosia nem tenho nada contra nenhuma das escolas que foram encerradas, mas há a questão de ter assumido um compromisso com estes e com os outros pais e se não se cumpre ali, também não se vai cumprir nos outros sítios.

É tão custoso para aquelas famílias perder a sua escola do lugar, como o foi também para os outros que já as perderam e estamos a falar de meia centena de casos e em nenhum dos casos em que houve encerramento de escolas se conseguiu obter a aprovação unânime de todos os envolvidos, antes pelo contrário. Na maior parte dos casos foi preciso longas e complexas discussões com as famílias.

Como exemplo, há um ano atrás estávamos a discutir aqui a questão da Escola da Volta e eu não posso ter uma posição na Volta e ter outra nas Manadas. As regras têm de ser iguais para todos e, portanto, nós temos que ter aqui uma posição de que, quando houver condições para se fazer o encerramento ele ocorrerá

Em relação à localização da escola, essa é uma questão que eu tenho que conversar com o Sr. Presidente da Câmara, porque tem que haver uma concertação sobre isso.

Eu quero que fique muito claro que o compromisso que foi proposto pelo Sr. Deputado Manuel Silveira, aceite pelo Grupo Parlamentar do Partido Socialista e por mim, é para levar até ao fim. Nós queremos, de imediato, iniciar o processo de construção de uma nova escola.

**Deputado José Decq Mota (PCP):** Nas Manadas?

**Deputado Mark Marques (PSD):** Nas Manadas, provavelmente.

**O Orador:** Provavelmente nas Manadas, mas vou falar com o Sr. Presidente da Câmara e depois veremos.

Quanto à questão do ofício que o Sr. Deputado citou, havia uma proposta para nessa data, em Novembro ou Dezembro do ano passado, se assinar um contrato ARAAL. Nesse momento tal não foi possível, porque não havia ainda uma clareza em relação a que tipo de legislação iríamos aplicar. Estava em discussão o Decreto-Lei 6/2003 e

havia um conjunto de questões, incluindo as de natureza financeira, que uma Lei Geral da República, que se aplica nos Açores, não permitia.

O tempo anda, as condições alteram-se, há posições que vão sendo assumidas e essa é uma matéria que neste momento considero estar ultrapassada e estou na disposição de, a muito breve trecho, falar com o Sr. Presidente da Câmara para ver qual o entendimento que vamos ter sobre o caso.

Espero que a escola seja construída nas Manadas, agora quero ter o assentimento do Sr. Presidente da Câmara e a corresponsabilização para que daqui por três, quatro ou cinco anos não se diga que o Secretário da Educação voltou a fazer um investimento como o da Boa Hora.

Era isso que eu gostava que não acontecesse e quero que haja uma corresponsabilização de todos os envolvidos pelo futuro desse investimento, porque é um investimento que, embora relativamente pequeno, poderá resultar numa situação semelhante àquela que aconteceu este ano no lugar das Terras, no Pico, em que uma escola com duas salas, um belíssimo edifício, que tinha sido inaugurada há 5 ou 6 anos, já está fechada e muitas outras situações semelhantes a esta, incluindo em S. Jorge, mais concretamente no Concelho da Calheta,

Portanto, há que ponderar toda esta matéria e há que corresponsabilizar todos os interventores do processo.

Muito obrigado.

**Presidente:** Para esclarecimentos tem a palavra o Sr. Deputado Joaquim Machado.

**Deputado Joaquim Machado (PSD):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Porque tenho uma ideia quase completa desta questão da Manadas, não gostava, todavia, de deixar de aperfeiçoar algumas matéria que certamente poderão ser respondidas, quer pelo Grupo Parlamentar do PS, quer pelo Governo Regional.

Antes de começar o pedido de esclarecimento, não resisto a fazer dois comentários.

O primeiro, Sr. Secretário Regional, é que as regras não são iguais em todos os sítios.

**Secretário Regional da Educação e Cultura (Álamo de Meneses):** Porquê?

**O Orador:** Porque precisamente na Ilha de S. Jorge, na Freguesia de Santo Amaro o senhor mantém duas escolas a funcionar quando uma até é nova e a outra, com pouco mais de 10 alunos, continua a funcionar...

**Secretário Regional da Educação e Cultura** (*Álamo de Meneses*): Eu já expliquei isso aqui.

**O Orador:** ... e as condições físicas são incomparavelmente inferiores. Eu não quero crer que essa dualidade de regras seja pelo facto de nessa freguesia morar um deputado do seu partido.

Ainda antes de pedir o esclarecimento, quero comprovar a ignorância do Deputado Francisco Sousa em matéria de informática, porque se há uma virtude que a informática e a telemática têm hoje, é precisamente de permitir que os pequenos e os mais longínquos lugares fiquem perto de todo o mundo, exactamente por via da Internet.

**Deputado Francisco Sousa** (*PS*): É preciso instalar.

**O Orador:** Os esclarecimentos que quero pedir ao Grupo Parlamentar do Partido Socialista têm a ver com a não clareza da Proposta de Resolução que é apresentada. Sr. Deputado Manuel Silveira, é uma Proposta de Resolução redonda.

Os senhores recomendam ao Governo Regional a construção de uma escola na Freguesia das Manadas. Sim ou não?

Sr. Secretário Regional, se tem a localização quase definida, diga-me quais são os lugares possíveis de fazer a dita construção?

**Presidente:** Tem a palavra, para esclarecimentos, o Sr. Deputado António Gomes.

**Deputado António Gomes** (*PS*): Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Em primeiro lugar, quero dizer que os deputados do Partido Socialista têm plena consciência da sua tomada de posição relativamente a esta matéria.

Já felicitaram a população das Manadas pela iniciativa que tiveram e também é preciso que fique claro que, para nós, as crianças estão em primeiro lugar e o que se está aqui a tratar é efectivamente o melhor para as crianças, nas circunstâncias que estamos.

Queria referir também aqui a seguinte questão:

Há bocadinho o Sr. Deputado Mark Marques desafiou-me dizendo que ainda não tínhamos falado, mas estamos a falar agora e falámos no passado, contrariamente à sua posição, porque o senhor, infelizmente, só agora na oposição é que fala nesta matéria. Vou recordar-lhe e fazer um pouco de história para dizer que quando o Sr. Deputado suportava o partido que governava a Região, o PSD, eu trouxe a esta Casa a situação caótica em que se encontrava todo o parque escolar do 1º Ciclo do Ensino Básico na Ilha de S. Jorge e 80% dos imóveis escolares estavam muitíssimo piores do que hoje está a escola das Manadas.

Quero dizer também que a escola das Manadas não está bem para mim nem para os deputados do Partido Socialista. Nós queremos melhor e vamos fazer melhor pelas Manadas e criar as melhores condições para aquelas crianças.

Quero recordar-lhe ainda, Sr. Deputado, que o senhor ficou caladinho e muito caladinho, em relação a um estabelecimento que estava muitíssimo pior do que está a sala onde agora se pretende colocar as crianças das Manadas, o qual era frequentado pela sua filha

O Sr. Deputado esteve aqui caladinho e muito caladinho quando o seu governo fechou escolas em algumas freguesias dos Açores, nomeadamente em S. Jorge.

O senhor sabe muito bem, porque estava sentado na bancada que suportava o governo, que o seu governo fechou a escola do Norte Pequeno e que só abriu três anos depois, quando o Partido Socialista chegou ao Governo.

**Deputado Vasco Cordeiro (PS):** *Muito bem!*

**O Orador:** A vossa política era de, para não fazerem obras, fechar as escolas.

Meu caro amigo, quando esta Região era governada pelo PSD o cenário era este.

O Partido Socialista, como sabe, já reabilitou mais de 90% do parque escolar do 1º Ciclo do Ensino Básico na Ilha de S. Jorge, um investimento que rondou os 80 mil contos.

O Sr. Deputado também não pode ignorar, porque em consciência não o pode fazer, senão não está a ser sério, que na reabilitação do parque escolar do 1º Ciclo do Ensino Básico, as Câmara Municipais são parceiras neste processo, definem prioridades e fizeram-no também em S. Jorge.

Se as prioridades tivessem sido outras, prioridades mais realistas em relação à situação actual de S. Jorge, possivelmente não estávamos aqui a discutir o problema das Manadas.

Sr. Deputado, e tenho que lhe dizer isto, as crianças das Manadas, felizmente, vão ter um edifício escolar condigno, porque quem governa esta Região é o Partido Socialista, porque se fossem os senhores certamente iam fazer aquilo que já fizeram no passado que foi fechar escolas e pôr as freguesias sem escola.

Muito obrigado, Sr. Presidente.

*(Aplausos das bancadas do PS e do Governo)*

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Paulo Valadão.

**Deputado Paulo Valadão (PCP):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Estamos a analisar as propostas de resolução advenientes da petição sobre a escola das Manadas e considero que, na discussão há pouco iniciada, se tem extravasado bastante a matéria e por isso mesmo desculpar-me-ão se as minhas considerações ultrapassarem aquilo que é a questão propriamente dita, porque a discussão que está a ser feita e que tem como consequência essa petição, acaba por ser uma discussão sobre o que consideramos que deve ser o ensino nesta Região Autónoma. As Manadas é apenas a referência, porque essa, de facto, é a grande discussão.

Eu sinto muita mágoa quando ouço alguém dizer que há 7, 8 ou 9 anos era assim, ou que há 15 e 20 anos era assim. Não me queiram dizer que, pelo facto de eu ter frequentado há 40 anos uma sala insalubre, sem casa de banho e sem condições mínimas, que agora alguma criança desta terra também vai ter que a frequentar.

**Deputado Luís Sequeira de Medeiros (PSD):** *Muito bem!*

**O Orador:** Eu penso que neste capítulo não podemos comparar o que era ontem com o que era antes de ontem, temos é que pensar o que é que deve ser no futuro.

**Deputado Luís Sequeira de Medeiros (PSD):** *Muito bem!*

**O Orador:** Em relação ao futuro, eu tenho ideias sobre esta matéria perfeitamente claras.

Por outro lado, eu também gostaria de referir que – e aqueles que, como o Sr. Deputado Francisco Sousa, estamos aqui a alguns anos sabem – aquilo que eu hoje venho aqui defender é aquilo que eu sempre defendi desde o início e que é o seguinte: em cada freguesia, enquanto houver um aluno, deve existir uma escola. É um conceito que não vou voltar a aprofundá-lo, porque já o aprofundei e já o discuti aqui há muito, continuo a discutir e a pensar que onde houver um aluno há que haver uma escola.

Sr. Presidente, Srs. Deputados:

É possível haver convívio, é possível haver sociabilidade, é possível haver socialização da escola, mesmo em escolas muito pequenas, porque todos hoje sabemos a possibilidade de haver intercâmbio entre escolas.

**Deputado Lizuarte Machado (PS):** No limite até pode haver escolas sem alunos.

**O Orador:** Sr. Presidente, agradecia que descontasse o tempo enquanto houver diálogo transversal.

Portanto, entendo que deve haver uma escola em cada freguesia. No entanto, o caso em apreço merece-nos algumas preocupações, porque procura-se juntar duas escolas num edifício sem as condições mínimas exigidas e o problema que se põe, neste caso concreto, é a necessidade urgente e imediata de uma escola nas devidas condições.

Há pouco o Sr. Deputado Francisco Sousa disse que, pela primeira vez, se tinha iniciado o ano lectivo sem que ninguém tivesse dito nada. Devo dizer-lhe, Sr. Deputado, que isso foi fruto do modo como este período legislativo foi organizado.

**Deputado Francisco Sousa (PS):** O senhor não falou porque não quis.

**O Orador:** Não, Sr. Deputado. Eu estive inscrito desde o início para fazer uma intervenção de interesse relevante para a Região.

**Deputado Francisco Sousa (PS):** Não tivesse feito a declaração política.

**O Orador:** Pela primeira vez nesta Assembleia houve quatro partidos com declarações políticas e eu não considero que vir abordar o problema do ensino, porque nunca ninguém o fez, será uma declaração política, mas sim uma declaração sectorial que é uma matéria de interesse relevante para a Região.

Mas, Sr. Deputado, o facto do período legislativo ter sido organizado do modo como foi é que levou a isto, porque problemas continuamos a ter e vou só dizer alguns resumidamente que vinham numa intervenção que está escrita e tenho preparada para o Período de Antes da Ordem do Dia, como por exemplo o facto do ano escolar ainda não se ter iniciado nas Flores e que só se vai iniciar na próxima semana, talvez, porque o Sr. Secretário quer que o ano escolar se inicie na mesma altura que vai inaugurar a ampliação da escola.

**Secretário Regional da Educação e Cultura** (*Álamo de Meneses*): Não decidi nada sobre isso.

**O Orador:** Então vou voltar a afirmar, Sr. Secretário: o ano escolar só se vai iniciar nas Flores daqui a uma semana, e estou convencido, à espera do Sr. Secretário inaugurar a ampliação da escola, mas ainda bem que a vai inaugurar e tem todo o meu aplauso, porque é uma melhoria importantíssima para aquela ilha.

Quando o Sr. Secretário esteve na escola pela última vez um grupo de 6 ou 8 alunos solicitou o seu empenho no sentido de que o 12º ano tivesse física, para que esses alunos pudessem manter-se na ilha das Flores. Acontece que o senhor não atendeu à pretensão daqueles alunos e eles vão ter que fazer como faziam a alguns anos atrás, ou seja, se quiserem entrar nas engenharias vão ter que ir frequentar física numa escola que tenha essa disciplina, mas não na Ilha das Flores.

**Presidente:** Sr. Deputado, gostava de saber se está usando da palavra para uma intervenção ou para esclarecimentos.

**O Orador:** Eu estou no uso da palavra para uma intervenção de 20 minutos.

**Secretário Regional da Educação e Cultura** (*Álamo de Meneses*): Está fazendo agora a intervenção do Período de Antes da Ordem do Dia.

**O Orador:** Não, Sr. Secretário. A minha intervenção vem na sequência da admiração do Sr. Deputado Francisco Sousa pelo facto de não se ter referido, no Período de Antes da Ordem do Dia, à abertura do ano lectivo.

**Deputado Francisco Sousa** (*PS*): Foi a primeira vez.

**O Orador:** Sr. Deputado, não se falou em função do modo como foram organizados os trabalhos.

**Deputado Francisco Sousa** (*PS*): Eu estou cá até sexta-feira à tarde.

**O Orador:** O problema é o facto de nós estarmos mentalizados que a sexta-feira já é dia feriado. Também tem a ver com isso. Eu estou de segunda a sexta, todos os dias.

Srs. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Por outro lado, o facto de se falar em transferir alunos para centros mais populosos, como foi o caso de S. Roque do Pico, referido pelo Sr. Deputado José Rego e também pelo Sr. Secretário na Comissão, em que todo o 4º ano foi para a sede do Concelho, isto aflige-me e preocupa-me, porque, quer se queira quer não, ao contrário do que dizia há pouco o Sr. Deputado Francisco de Sousa, quando se fecha uma escola numa localidade, quando essa escola é do 1º Ciclo, quando os alunos do 1º Ciclo estão a ser canalizados para outros centros, estamos a levar a que os pais dessas crianças, as que estão agora no 1º Ciclo e as que virão a seguir, comecem a pensar em ir viver para onde os filhos têm a escola, para onde os filhos podem estudar e isto, como consequência, leva à desertificação dos meios rurais e a concentração nos meios citadinos ou, no nosso caso, nas vilas.

Isto é preocupante.

O Sr. Deputado Francisco Sousa também disse que, graças ao PS, esta legislação está em vigor. É verdade, Sr. Deputado, e temos que reconhecer.

Também quero reconhecer publicamente o trabalho altamente positivo do Sr. Deputado, como Presidente de uma comissão, assim como o trabalho de toda a comissão em relação a estas matérias tem feito, porque tudo aquilo que têm sido abaixo-assinados e petições que têm chegado à comissão, têm sido profundamente analisados. Temos feito o melhor sabemos e podemos. Esta é a realidade que tem que ser registada.

No entanto, também é de referir determinada legislação, que tem progredido, que tem evoluído e nos compromete em relação a estas matérias. Ainda bem que assim é. Ainda bem que a comissão tem exercido, nas devidas condições, o seu dever e ainda bem que a legislação evoluiu nesse sentido.

Penso que uma das formas de exercer a democracia é todos nós estarmos aqui, a mando das pessoas das Manadas, a discutir um assunto que é deles, independentemente daquilo que for aprovado ou não, independentemente das diversas opiniões. Acho que isto é que é o fundamento da democracia e é por isso

que se está a exercer no principal órgão da democracia da Região Autónoma dos Açores.

Também ouvi algo, que é verdade, mas que me custou a ouvir.

O Sr. Deputado José Rego considera altamente positivo estarmos hoje a continuar uma obra que já vem do passado e que é aquilo que o actual Primeiro-Ministro de Portugal promete para o futuro.

**Deputado José do Rego (PS):** O que eu disse foi que o que fizemos já tinha sido começado antes.

**O Orador:** Já foi começado antes, aliás, foi começado com o PSD e, talvez, uma das primeira ilhas onde foi começado foi na Ilha das Flores, quando fechou as escolas da Caveira, Ponta Ruiva e Fajazinha.

Portanto, essa obra, que eu classifico como obra má, foi já começada há muito tempo, continua aqui na Região e iniciou-se agora no Continente. Mas, Sr. Deputado, não se esqueça que os ministros do seu partido,...

**Deputado José do Rego (PS):** Também fecharam muitas escolas.

**O Orador:** ... quando tiveram a seu cargo a educação, tiveram muito cuidado nessa política e a realidade é que mantiveram muitas escolas do 1º ciclo com um e dois alunos. Esta é a realidade.

Por outro lado, em relação à matéria propriamente dita, penso que já foi pedido ao Sr. Secretário que definisse a localização da escola e acho que isso é fundamental, para sabermos com o que é que podemos contar, porque há contradições naquilo que tem sido dito e, em nosso entender, a Proposta de Resolução do Partido Socialista não é clara.

É fundamental que se diga se o Sr. Secretário Regional entende que a escola deve ser ou não construída na Freguesia das Manadas. Acho que isto é que é o fundamental, porque se da parte do Governo Regional houver vontade séria de construir a escola na Freguesia das Manadas, sabendo que a Câmara Municipal está em condições de poder colaborar com a construção dessa escola, através de protocolo e contrato ARAAL necessários, sabendo que até existe uma escola muito semelhante já construída e que o processo de projecto será fácil e rápido para poder estar em

condições de ser executado, a realidade é que esta escola, havendo vontade de todos, poderá estar construída daqui a um ano ou ano e meio.

Portanto, pensamos que é necessário e fundamental que o Sr. Secretário Regional defina, com toda a clareza, se entende que a essa escola deve ou não ser construída na Freguesia das Manadas. Penso que isto é o fundamental da discussão que estamos aqui a ter.

**Presidente:** Para esclarecimentos tem a palavra o Sr. Deputado Mark Marques.

**Deputado Mark Marques (PSD):** Sr. Presidente, Srs. Deputados:

Esta discussão já vai longa e, felizmente ou infelizmente, divagou, mas acho que divagou para uma área muito importante que é a educação.

Ao contrário do que o Sr. Deputado Francisco Sousa disse há pouco que estava muito contente, porque não havia matéria para discussão relativamente à abertura deste ano lectivo, de facto essa questão não foi abordada, porque não houve período de antes da ordem do dia, mas o Sr. Deputado já constatou que o Sr. Deputado Paulo Valadão tinha uma intervenção sobre esse assunto e havia mais da nossa bancada.

Portanto, esse pequeno momento de alegria que o senhor teve desapareceu.

Começando pelo fim queria deixar aqui, e o Sr. Secretário já disse há pouco que nos próximos dias terá novidade, o meu compromisso como deputado, – uns são deputados e mais qualquer coisa, eu sou só deputado, deputado a tempo inteiro – é que estarei atento sobre esta matéria.

Respondendo ao Sr. Deputado António Gomes, – que gosta muito de falar do passado e que quase sempre falha, mas ultimamente, talvez pela idade, tem falhado mais – deixe-me que lhe avive a memória sobre as datas em relação à questão do Norte Pequeno.

**Deputado António Gomes (PS):** Não tem nada a ver com este caso.

**O Orador:** Não tenho nada a ver com o caso, mas isto já é a 15ª vez que o senhor fala sobre isto e eu nunca lhe respondi, mas hoje quero esclarecê-lo e aos seus camaradas, que ficaram muito contentes quando o senhor falou de 93, que a escola do Norte Pequeno fechou em 1993 porque tinha 7 alunos e era Secretário Regional da Educação o Dr. Aurélio da Fonseca.

**Deputado António Gomes (PS):** A única escola e fechou.

**O Orador:** A única escola, tinha 7 alunos e fechou, mas ninguém está aqui a falar da questão de fechar a escola.

No ano lectivo de 96/97 a escola abriu, mas não foi o Partido Socialista, porque quem era Secretário Regional da Educação e Cultura era o Dr. Bento Barcelos e, portanto, não foi o Partido Socialista.

O senhor disse isto pela 15ª vez e é desmentido hoje, aqui e agora.

Em relação ao Sr. Deputado Francisco Sousa, o senhor disse que esta questão das Manadas é um símbolo de mudança.

Eu e os jorgenses já andamos preocupados há muito tempo sobre aquele vosso cartaz que diz que os Açores estão a mudar.

Se o senhor entende que mudar de melhor para pior é que é o vosso conceito de mudança, no caso concreto da escola das Manadas eles mudam para pior, porque estão em duas escolas e mudam para uma em que ficam todos apertados e sem condições.

Se esse é o vosso conceito de mudança, estamos conversados.

Sr. Deputado José do Rego, louvo o seu esforço em querer trazer aqui um argumento, acusando terceiros, que é uma coisa tipicamente socialista e que pensei que ainda não estava infectado, mas não há parte nenhuma do relatório que diga que a culpa é de terceiros, e que se a Junta de Freguesia cedesse a sala que o assunto se resolvia. Isso é a prova da ignorância in loco.

Quem lhe soprou essa informação fez-lhe uma maldade sem o senhor saber. Essa sala a que o senhor se refere é aquela porta virada para a rua, que está nesta fotografia, numa cave que não tem uma janela que seja...

**Deputado José Rego (PS):** Tem a janela da rua.

**O Orador:** Qual janela da rua!

... e o senhor queria fazer ali uma sala de aulas.

**Deputado Paulo Messias (PS):** Refeitório!

**O Orador:** Para terminar, o senhor também disse que o PSD é que se colava às reclamações.

Não é nada disso, Sr. Deputado, é precisamente ao contrário.

As reclamações são feitas, S. Jorge tem deputados do PS e do PSD, e a diferença é que uns ouvem e trabalham, os outros ouvem e encolhem-se. Portanto, não se trata de andarmos colados às reclamações.

O Sr. Deputado Manuel Silveira disse que já anda há muito a trabalhar sobre este assunto. Eu não sei se anda ou não.

Depois também, usando a política socialista, diz que houve pessoas que não colaboraram.

Quando a coisa corre bem estão lá na linha da frente para cortar a fita, quando a coisa corre mal a culpa não é nossa, é sempre do outros.

Sobre esta matéria estamos esclarecidos, ficamos à espera das decisões, daqui por 15 dias, sobre a localização e a construção ou não da escola.

Eu, como deputado regional, eleito pelo círculo eleitoral de S. Jorge, deputado a tempo inteiro e não deputado de outra coisa qualquer, estarei atento sobre esta matéria.

Muito obrigado.

**Presidente:** Tem a palavra, para esclarecimentos, o Sr. Secretário Regional da Educação e Cultura.

**Secretário Regional da Educação e Cultura** (*Álamo de Meneses*): Sr. Presidente, Srs. Deputados:

De facto, também sou Secretário a tempo inteiro.

Eu gostaria de começar por esclarecer o Sr. Deputado Joaquim Machado, embora, talvez, não o devesse fazer dado o tom da sua intervenção, em relação à questão que aqui trouxe, porque põe em causa e parece até que há qualquer questão estranha em relação à escola da Boa Hora.

Eu já assumi aqui, como já o fiz noutros locais, que a responsabilidade da construção da escola da Boa Hora é uma responsabilidade que eu partilho e assumo. Agora, que as previsões que levaram à construção daquela escola não se materializaram, também é uma verdade e hoje aquela escola é um problema muito complicado, porque o que acontece é que ao fazer o encerramento da outra teria que aumentar imenso a despesa, devido à escola da Boa Hora estar, em relação ao resto da freguesia, fora do centro e não faz sentido fazer isso.

A escola da Boa Hora, nesse estudo que foi feito em Abril de 2002, é uma escola que não foi incluída para encerramento, porque, de facto, tinha acabado de ser construída e ainda temos a esperança que algum dia ela possa vir a ser útil e possa vir a ter alunos.

É isto que acontece com esta escola. São responsabilidades que eu assumo e ela foi construída porque eu concordei com isso e, portanto, a responsabilidade é minha e não estou a pôr as culpas em ninguém.

As razões porque ela não fechou também sou eu que as assumo e, portanto, não há aqui nada de estranho nesta nem naquela freguesia.

É assim, porque, com toda a verticalidade, foi isto que aconteceu e as responsabilidades estão assumidas.

Portanto, que eu saiba as coisas são feitas com razoabilidade, com bom senso, com estudo e com trabalho e, infelizmente, se o Sr. Deputado não analisou com profundidade, paciência. Enfim, já nos habituou a isso.

Em relação à intervenção, bem mais séria e bem mais concreta, que foi feita pelo Sr. Deputado Mark Marques, eu volto aqui a reafirmar que tudo faremos para resolver bem este problema e a favor das crianças da Freguesia de Manadas.

O nosso objectivo é criar condições naquela freguesia como nas outras para que haja educação com qualidade, porque 1º Ciclo do Ensino Básico é o fundamento de todo o sistema educativo. É uma área que nos merece uma particular atenção, é uma área fundamental e teremos que resolver esse problema e resolvê-lo bem, de forma a que resulte numa melhoria clara no tipo de serviço que ali prestamos.

Fica o meu compromisso de avisar o Sr. Deputado antecipadamente. Lá nos encontraremos e conversaremos.

Muito obrigado.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Francisco Sousa.

**Deputado Francisco Sousa (PS):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

É para esclarecer uma situação que o Sr. Deputado Joaquim Machado levantou e outra que não foi bem entendida.

Em relação à que não foi bem entendida, nós Partido Socialista, nós Governo do PS, há 7 ou 8 anos atrás, defendemos claramente uma política de que era necessário fazer um esforço no sentido de se acabarem com as turmas de lugar único, com as turmas onde um professor tinha os quatro anos de escolaridade, juntando para que cada freguesia tivesse uma escola única. Foi isso que nós fizemos e sempre dissemos, nessa perspectiva, que cada freguesia devia ter uma só escola.

Desde há muito que temos vindo a dizer que este princípio que nós defendemos, concretizámos, mas temos que dar o passo seguinte que são as escolas de proximidade, que permitam, desde a criação com qualidade, com eficácia, com o tempo, com os técnicos, o apoio às crianças com necessidades educativas especiais e podemos dar o exemplo das Manadas: um professor hoje se tiver que se deslocar para as Manadas para apoiar as crianças com necessidades educativas especiais, ele tem que trabalhar em duas escolas diferentes com quatro turmas.

Se essas duas escolas diferentes estiverem unidas num só edifício formarão duas turmas e ele trabalhará com os quatro anos de escolaridade, mas apenas em duas turmas.

Portanto, podíamos dar muitos exemplos, desde a educação física, à educação musical, ao inglês, etc..

Foi nesse sentido que dissemos e afirmamos que, e fico muito satisfeito, se comece a discutir nesta perspectiva de se pensar em escolas de proximidade que não tenham a ver já e apenas com a freguesia.

Respondendo ao Sr. Deputado Joaquim Machado, isto não é uma coisa só do Partido Socialista Açores, é de quem comunga, estuda e tem de decidir sobre estas coisas.

Se me permitem, fazia uma citação concreta, que depois direi quem é que a fez, sobre um exemplo concreto sobre as novas tecnologias de informação e comunicação de que é impossível colocar em cada escola de lugar único desta Região os meios necessários para que tal exista.

Já dissemos aqui várias vezes que isto aconteceu com os diversos programas que temos nessa área, através da Direcção Regional de Ciência e Tecnologia, a funcionar nesta Região e, portanto, não trouxe isto aqui pela primeira vez, estamos a dizer aquilo que temos vindo a fazer ao longo de 7 anos.

Passo agora à citação, dizendo depois onde é que foi feita e quem a fez: “Só terão sucesso, se for reorganizada a rede escolar, pois não faz qualquer sentido colocar um computador numa escola que quase não tenha alunos, devendo-se concentrar os recursos em escolas de maior dimensão e de melhor qualidade”. Quem disse isto, há uma semana atrás, foi o Sr. Dr. Durão Barroso, Primeiro-Ministro deste País, em Alfândega da Fé quando fez a abertura do ano lectivo, ao lado do Sr. Ministro da Educação, David Justino.

Eu estou a citar, porque é isto que nós temos vindo a fazer, é isto que nós temos vindo a defender e o Sr. Deputado Joaquim Machado, das duas uma, ou não sabe que está no PSD ou se sabe, não sabe o que é que diz o Presidente e o Ministro da Educação do seu Partido. Se está lá, está a mais e uma das coisas que tem a fazer é sair do PSD ou respeitar, pelo menos, aquilo que diz o líder do seu partido, aquilo que diz o Sr. Ministro da Educação, com o qual estamos de acordo. É o que temos vindo a fazer e defendemos há 8 anos atrás quando fizemos todo um trabalho da Nova Autonomia, onde isto já estava expresso.

Eu estou à vontade para repetir e citar o Primeiro-Ministro de hoje, porque há 8 anos atrás escrevemos, dissemos e trouxemos a esta Casa esta matéria, no Programa do Governo de 1996.

Estamos à vontade para dizer que o Sr. Primeiro-Ministro hoje está a dizer aquilo que nós escrevemos e dissemos nesta Casa há 8 anos atrás e, portanto, estamos certos no nosso caminho.

Sr. Deputado Joaquim Machado, o que lhe quero dizer é que o Sr. Primeiro-Ministro deste País, do vosso partido, que não o meu, que eu não gosto, que eu votei contra, até disse aquilo que o meu partido e o Governo há sete ou oito anos atrás já disse, que trouxemos a esta Casa e que foi votado aqui, como Programa do Governo, para a Legislatura 96/2000, com continuação em 2000/2004.

Portanto, Sr. Deputado Joaquim Machado, estamos à vontade, sabemos do que estamos a falar e, felizmente, para nós, que o Governo da República também está de acordo com isto e está a fazê-lo e fê-lo em Alfândega da Fé na abertura do ano lectivo, não foi no outro mundo, nem para além das fronteiras de Portugal.

Sr. Deputado Joaquim Machado, se não sabe em que partido é que está e se não sabe o governo a que pertence, vá-se embora, atualize-se ou leia os papéis do seu partido.

*(Aplausos da bancada do PS)*

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Joaquim Machado.

**Deputado Joaquim Machado (PSD):** Sr. Presidente, Srs. Deputados:

É para uma intervenção, na qual vou responder com muito gosto à parte final da intervenção do Sr. Deputado Francisco Sousa e depois apresentar cinco possíveis conclusões relativamente à abordagem desta questão suscitada pela petição assinada por mais de 300 cidadãos da Ilha de S. Jorge, sobre a decisão do Sr. Secretário Regional da Educação e Cultura de encerrar um dos edifícios escolares da Freguesia de Manadas.

Sr. Deputado Francisco de Sousa, eu sei e muito bem o que diz o Sr. Primeiro-Ministro...

**Deputado Francisco Sousa (PS):** Não sabe, porque não quer.

**O Orador:** ... e não fosse o caso tão sério, daria para rir, ouvir um deputado da bancada do Partido Socialista subscrever as políticas do Governo da República, em matéria de educação.

**Deputado Francisco Sousa (PS):** Tenha cuidado! Não diga aquilo que eu não disse.

**O Orador:** De facto, já há instantes disse e reafirmo que, do ponto de vista tecnológico, não há qualquer dificuldade em dotar todos os estabelecimentos do 1º Ciclo do Ensino Básico com equipamentos informáticos.

Quando fiz aquela afirmação tinha por base dois argumentos que nem sequer são meus, são da vossa responsabilidade.

Os senhores quando fazem o elogio, atiram os foguetes da política de ciência e tecnologia, dizem que todas as escolas do 1º Ciclo estão informatizadas e V. Exa. diz que é impossível informatizar todas. Há aqui qualquer coisa que não bate com a outra, não bate a “bota com a perdigota” e também não bate quando analisamos, na perspectiva financeira, as declarações do Sr. Primeiro-Ministro, porque com a

dispersão de pequenas escolas que existem pelo interior do nosso País e na actual situação financeira de Portugal, não é fácil, e por isso é difícil fazer a informatização de todas as escolas.

Com um milhão e tal de contos por ano que o programa da ciência e tecnologia dispõe na Região, creio que não é difícil fazer informatização. O Partido Socialista e o Governo dizem que todas as escolas estão informatizadas e o Sr. Deputado Francisco Sousa diz que é impossível informatizar todas. Vamos admitir que não estão todas, como provavelmente não estarão. Eu não acho que com um milhão e trezentos mil contos por ano seja impossível acabar de informatizar o que ainda falta, porque, por exemplo, há cerca de um mês, esse mesmo programa da ciência e tecnologia atribuiu 5 mil euros para o III Congresso do Sono em Portugal que deve ter muito interesse do ponto de vista científico, se calhar para ficarmos todos a dormir, mas infelizmente para o Partido Socialista não vamos ficar a dormir. Portanto, a questão aqui não é financeira, pode ser apenas uma questão de vontade.

Cinco conclusões possíveis sobre esta discussão:

Primeira conclusão:

Os peticionários e o PSD não estão contra o encerramento de um dos edifícios da Freguesia das Manadas. Entendemos é que esse encerramento não se deve fazer até que existam instalações condignas, com condições para o funcionamento das aulas.

Segunda conclusão:

O Partido Socialista e o Governo Regional chegam aqui incomodados com o mal-estar que essa decisão gerou na Ilha de S. Jorge, despoletando uma petição, porque se tratou de uma decisão arbitrária, contra a vontade e a sensibilidade da população de S. Jorge, contra a vontade dos pais e encarregados de educação que durante toda esta semana em que se iniciaram as actividades lectivas continuam a levar os seus filhos para o edifício que está encerrado e, porque a porta está fechada, voltam com eles para casa.

Terceira conclusão:

O Partido Socialista e o Governo estão desorientados quanto a esta matéria e vou dizer porquê:

No dia 2 de Setembro, na Freguesia de Manadas, os deputados da Comissão dos Assuntos Sociais e a população daquela freguesia, ouviram da boca dos deputados do Partido Socialista, o princípio: “Uma freguesia, uma escola”.

No dia 8 de Setembro o Sr. Secretário Regional disse na Comissão que para o Concelho de Velas era preciso fazer um estudo do 1º Ciclo.

No dia 10 de Setembro os Deputados do Partido Socialista, na Comissão de Assuntos Sociais, recomendam ao Governo a realização do estudo.

No dia 16 de Setembro o Governo Regional manda construir a escola já sem qualquer estudo.

Em duas semanas quatro decisões.

**Secretário Regional da Educação e Cultura** (*Álamo de Meneses*): Quem é que lhe disse isso? É preciso ter paciência!

**O Orador:** Mas há mais:

Tivemos conhecimento que o Governo Regional disse que não era possível celebrar o contrato ARAAL com a Câmara. Na Comissão o Secretário disse que a sua Secretaria está disponível para celebrar o contrato ARAAL.

Disse também que era preciso fazer um estudo para o Concelho das Velas. Há instantes disse-nos que, afinal, a decisão definitiva vem daqui a uma semana e que não é preciso o estudo.

**Secretário Regional da Educação e Cultura** (*Álamo de Meneses*): Quem é que lhe disse que não era preciso o estudo?

Isso é perfeitamente ridículo!

**O Orador:** Quarta e penúltima conclusão:

Na sequência desta recomendação que será aprovada, porque tudo leva a crer que só farão a aprovação da recomendação feita pelo Partido Socialista, ...

**Secretário Regional da Educação e Cultura** (*Álamo de Meneses*): Por que é que não segue a postura dos seus colegas de bancada?

**O Orador:** ... não é garantido que se venha a construir uma escola nova na Freguesia das Manadas.

Quinta e última conclusão:

Os pais estão a defender a manutenção do funcionamento das actividades lectivas naquele edifício.

Eu estou convencido que os pais querem o melhor para os seus filhos.

**Deputado João Cunha (PSD):** *Muito bem!*

**Presidente:** Srs. Deputados, já estamos a discutir esta questão, que é importante, há quase duas horas.

Tenho apenas a inscrição do Sr. Deputado José Decq Mota. Se não houver mais inscrições eu daria a palavra ao Sr. Deputado José Decq Mota e prosseguíamos com as votações das Propostas de Resolução.

Tem a palavra para uma segunda intervenção o Sr. Deputado José Decq Mota.

**Deputado José Decq Mota (PCP):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Secretário Regional:

Eu gostaria, dentro do estilo que me é próprio, e não do estilo de outros senhores ilustres deputados, procurar também tirar algumas conclusões, mas gostava de assinalar, em primeiro lugar, que há cerca de meia hora para cá se tem vivido neste hemiciclo um ambiente de burburinho que não é habitual e muito menos vindo de onde vem. A mim impressiona-me, porque estamos a discutir uma matéria séria e mostra, de facto, que estamos a tratar dum assunto que, por não estar a ser encarado por todos com mediana clareza, é um assunto que efectivamente incomoda.

Antes de tirar conclusões, queria dizer o seguinte:

Todos nós louvámos e sublinhámos a importância de ter sido feita numa freguesia relativamente pequena uma petição tão subscrita. Eu também o fiz e fi-lo com muita convicção, pela razão simples de que sempre que tenho oportunidade recomendo a cidadãos que levantam problemas à minha força política e a outras, que usem o direito constitucional que têm de dirigir o problema à Assembleia Legislativa Regional, através de petição. Se é verdade que eu recomendo isso em geral, é verdade que também recomendei isso a um grupo de cidadãos das Manadas que há vários meses me procuraram, colocando este problema.

Fico contente, e queria sublinhar isto, porque hoje há condições para que este direito constitucional seja exercido e exercido em profundidade.

Concluindo, pela nossa parte, este debate, gostaria de dizer com muita clareza o seguinte:

Primeiro, as Propostas de Resolução do PSD e do PCP são absolutamente claras. Têm pequenas diferenças nos considerandos, mas coincidem com aquilo que é a pretensão dos peticionários.

Não se opõem a que haja junção de escolas dentro duma freguesia, mas partem do princípio que para isso acontecer tem que haver condições materiais e as condições materiais, quando há vários edifícios, é que um tenha condições para ser o receptor das crianças dos vários edifícios e foi isto que falhou.

Aqui também me permito concluir, Sr. Secretário Regional, que houve mecanicismo na avaliação.

Não é a mesma coisa fazer a junção em freguesias, por exemplo, da Ilha de S. Miguel – e estou a lembrar-me do caso do Mosteiros onde a crianças vieram para uma escola centenária, de alto e baixo – do que fazer a junção nesta situação.

Portanto, houve mecanicismo na decisão e é esse mecanicismo que penso que é lamentável e que levantou toda esta questão.

Segunda conclusão:

A Proposta de Resolução do Partido Socialista é uma proposta dúbia e muito pouco clara. Parecia que estava a ser clarificada com a primeira intervenção do Sr. Secretário Regional, mas ficou completamente não clarificada com a intervenção do Sr. Deputado Francisco Sousa.

Se é verdade, como foi afirmado aqui, que o Sr. Deputado Manuel Silveira foi às Manadas dizer que a escola vai ser feita, ainda é mais dúbia.

Portanto, é uma Proposta de Resolução completamente dúbia, porque dá para ser feita no território da Freguesia das Manadas, como dá para ser feita noutra território qualquer, mais para o lado da Terceira ou mais para o lado das Velas, uma outra escola classificada como de proximidade.

Estamos aqui perante uma proposta dúbia que vai contra a solução preconizada pelos peticionários.

Tínhamos tido um pouco a ideia de que, sendo pouco, também apoiáramos esse pouco, mas neste momento não podemos apoiar e vamos demarcar-nos pela abstenção nesta Proposta de Resolução, porque não podemos apoiar uma resolução que recomenda ao Governo uma coisa de tal forma lacta e não definida, que depois o Sr. Secretário Álamo de Meneses fará o que muito bem entender.

Portanto, mesmo numa perspectiva minimalista, não podemos apoiar esta proposta do PS.

Quanto à proposta do CDS/PP, ela enuncia um princípio geral que penso que toda a gente está de acordo, mas não tem a ver com este problema. É uma proposta completamente desfocada desta situação.

Foi apresentada no âmbito desta petição, com legitimidade, enuncia o princípio de serem criadas condições para que o edifício que vai receber as crianças tenha condições, mas não é essa questão que está neste momento em causa, porque está determinado que aquele edifício, sem mais nenhuma obra, vai receber as crianças e ele não tem condições.

Portanto, em relação à proposta do PP, que não diz respeito a este problema, também nos vamos abster. Não estamos contra a ideia, mas vamos abster-nos, porque não trata deste problema.

Para terminar, queria dizer o seguinte:

Todo este debate realizado hoje aqui, tudo o que o antecedeu e toda a movimentação de cidadãos desta Região à volta deste problema, certamente que terá consequência positiva para que de futuro sejam rectificadas erros e evitados mecanicismos que levam a situações desastradas e há pessoas aqui nesta sala que sabem muito bem que vão sentir as consequência desta situação.

Muito obrigado.

**Presidente:** Srs. Deputados, não havendo mais inscrições para intervir no debate, vamos passar à votação das quatro Propostas de Resolução, fazendo uma única votação para cada uma delas.

Assim sendo, vou pôr à votação a Proposta de Resolução, construção de um novo edifício escolar EB/JI da Freguesia das Manadas, Concelho das Velas, apresentada pelo Partido Social Democrata.

Os Srs. Deputados que concordam, por favor mantenham-se como se encontram.

Os Srs. Deputados que discordam, façam o favor de se sentar.

Os Srs. Deputados que se abstêm, façam o favor de se sentar.

**Secretário:** A Proposta de Resolução foi rejeitada com 15 votos a favor do PSD, 2 votos a favor do PCP, 28 votos contra do PS e 2 abstenções do PP.

**Presidente:** Para uma declaração de voto tem a palavra o Sr. Deputado Mark Marques.

**Deputado Mark Marques (PSD):** Sr. Presidente, Srs. Deputados:

É só para que fique registado que a esmagadora maioria musculada, como diz o meu colega de bancada e muito bem, acabou de chumbar, acabou de cortar pela raiz, acabou por cortar as pernas à recomendação ao Governo Regional para que seja dada prioridade à construção de um novo edifício escolar, ou seja, a maioria musculada cortou pela raiz a pretensão dos peticionários.

Fica aqui registado que os 28 deputados do Partido Socialista, inclusive os de S. Jorge, votaram contra aquilo que a população das Manadas queria, ou seja, que dessem prioridade à construção de uma escola e enquanto ela não estivesse construída, as actuais escolas se mantivessem em funcionamento.

Esta é que é a verdade, foi isso que a população pediu e fica aqui registado na declaração de voto, que o Partido Socialista votou contra a Proposta de Resolução do Partido Social Democrata, que recomendava, *ipsis verbis*, aquilo que a população pediu.

Muito obrigado.

**Deputado João Cunha (PSD):** *Muito bem!*

**Presidente:** Para uma declaração de voto tem a palavra o Sr. Deputado Francisco Sousa.

**Deputado Francisco Sousa (PS):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

É para dizer que nós tivemos músculo e votámos consoante aquilo que pensamos que deve ser feito, quer para as Manadas, quer para esta Região, em termos de rede da Educação Pré-escolar e do 1º Ciclo do Ensino Básico.

Outros não tiveram músculo para fazer aquilo que o seu partido defende nos lugares certos e nos sítios próprios.

Não estivemos sozinhos, como se viu na votação, mas não temos nenhum problema em votar em consciência, com seriedade e honestidade aquilo que pensamos e queremos, não concordando com a vossa proposta.

Temos a nossa proposta e estamos de acordo que se faça para as Manadas, para o Concelho das Velas, para a Ilha de S. Jorge, mas também para toda a Região a melhor rede escolar que sirva para o sucesso escolar educativo de todas as crianças da Educação Pré-Escolar e do 1º Ciclo do Ensino Básico, na Região Autónoma dos Açores.

**Presidente:** Para uma declaração de Voto tem a palavra o Sr. Deputado Paulo Valadão.

**Deputado Paulo Valadão (PCP):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membro do Governo:

Em coerência com aquilo que defendemos, em coerência com a justiça que consideramos ser a pretensão da população da Freguesia das Manadas, votamos favoravelmente a Proposta de Resolução, apresentada pelo PSD.

**Presidente:** Para uma declaração de voto, tem a palavra o Sr. Deputado Paulo Gusmão.

**Deputado Paulo Gusmão (PP):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Em coerência com aquilo que pensamos, seja quando defendemos quem governa na República, seja quando nos opomos a quem governa na Região; em coerência com aquilo que temos sempre dito, com a responsabilidade que queremos pôr nas decisões que tomamos, estamos a favor da construção de uma nova escola, se isso for possível e quando for possível, mas, como diz o nosso povo, “nem tanto ao mar, nem tanto à serra”.

Sendo menos idealista e mais realista, mais do que pedir agora e fazer depender da junção de alunos a realização dessa escola, o melhor, neste momento, seria que não

se perdesse esse ganho da junção dos alunos e, de uma forma realista, que não se juntasse os alunos sem se fazer a necessária intervenção que a escola precisa.

Por isso nos abstivemos, não votando contra.

É assim que pensamos, seja para esta, seja para as outras escolas, seja para aqueles que não fizeram petições, seja para todas essas situações, de uma forma geral, mas sobretudo para esta que aqui falamos.

É com esta postura que tivemos este mesmo voto de não estar contra quem estará contra uma nova escola, mas queremos aqui marcar que o que importa é, de facto, resolver, de uma forma prática e o mais urgente possível, aquilo que é melhor para o alunos e o melhor é concentrá-los, é aproveitar aquilo que já existe, dando as condições que não existem naquele edifício.

**Presidente:** Srs. Deputados vamos passar agora à votação da Proposta de Resolução - recomenda ao Governo Regional, em colaboração com a Câmara Municipal das Velas, que promova a construção de um novo edifício escolar que sirva, com os necessários requisitos de qualidade, os alunos residentes na Freguesia das Manadas, Concelho de Velas, apresentada pelo Partido Socialista.

Os Srs. Deputados que concordam, por favor mantenham-se como se encontram.

Os Srs. Deputados que discordam, façam o favor de se sentar.

Os Srs. Deputados que se abstêm, façam o favor de se sentar.

**Secretário:** A Proposta de Resolução foi aprovada com 28 votos a favor do PS, 14 votos a favor do PSD, 2 votos a favor do PP e 2 abstenções do PCP.

**Presidente:** Para uma declaração de voto, tem a palavra o Sr. Deputado José Decq Mota.

**Deputado José Decq Mota (PCP):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Secretários Regionais:

Muito brevemente para dizer que a razão de ser da nossa abstenção, em relação a esta proposta, é porque ela não só é minimalista em relação àquilo que consideramos ser necessário e justo, mas principalmente porque esta proposta e o debate não foram suficientemente conclusivas. Eu inclino-me a pensar que uma interpretação rigorosa das palavras, embora com várias nuances, do Sr. Secretário Regional, levará à

solução da construção de uma escola na Freguesia das Manadas e congratulo-me se isso acontecer, mas esta proposta não assegura isso.

Por isso mesmo nos abstivemos.

Muito obrigado.

**Presidente:** Para uma declaração de voto tem a palavra o Sr. Deputado Mark Marques.

**Deputado Mark Marques (PSD):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Esta votação nesta Proposta de Resolução é bem clara e marca a diferença entre o que é o PSD e o que é o Partido Socialista, ou seja, esta Proposta de Resolução do Partido Socialista não vai de encontro ao que a população pretende. É minimalista como disse o Sr. Deputado Decq Mota.

Se calhar tem 20% daquilo que pretendemos, mas nós, PSD, mesmo por pouco que seja, queremos sempre mais para S. Jorge. Esta é a diferença.

Srs. Deputados António Gomes e Manuel Silveira, a diferença é esta: os senhores votaram contra o que nós apresentámos, que era o que a população queria e nós, pelo pouco que os senhores apresentaram, votámos favoravelmente.

Portanto, fica aqui bem claro que a postura do PSD, nesta matéria, é séria e coerente.

**Presidente:** Srs. Deputados, passamos agora à votação da Proposta de Resolução, construção da Escola EB/JI da Freguesia das Manadas, Concelho de Velas, apresentada pelo PCP.

Os Srs. Deputados que concordam, por favor mantenham-se como se encontram.

Os Srs. Deputados que discordam, façam o favor de se sentar.

Os Srs. Deputados que se abstêm, façam o favor de se sentar.

**Secretário:** A Proposta de Resolução foi rejeitada com 15 votos a favor do PSD, 2 votos a favor do PCP, 28 votos contra do PS e 2 abstenções do PP.

**Presidente:** Para uma declaração de voto, tem a palavra o Sr. Deputado José Decq Mota.

**Deputado José Decq Mota (PCP):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Esta proposta ao ser derrotada por maioria, não foi considerada uma justíssima pretensão da população de uma freguesia que quer, fundamentalmente, um edifício escolar novo com todas as condições, mas também queria que a situação não se agravasse objectivamente como se vai agravar nos tempos mais próximos, porque aquele edifício dos Terreiros, que é um antigo solar, interessante desse ponto de vista, não tem quaisquer características para ser, minimamente, uma escola nos dias de hoje.

É lamentável que tenha acontecido, mas o Grupo Parlamentar do PCP fica completamente satisfeito por ter até ao último momento defendido a posição justa.

Muito obrigado.

**Presidente:** Passamos agora à votação da Proposta de Resolução - recomenda ao Governo Regional que, ao fechar escolas com vista à concentração de alunos, dê prioridade à obras de remodelação e beneficiação do edifício que será utilizado na Freguesia das Manadas, Concelho de Velas, apresentada pelo Partido Popular.

Os Srs. Deputados que concordam, por favor mantenham-se como se encontram.

Os Srs. Deputados que discordam, façam o favor de se sentar.

Os Srs. Deputados que se abstêm, façam o favor de se sentar.

**Secretário:** A Proposta de Resolução foi aprovada com 28 votos a favor do PS, 15 votos a favor do PSD, 2 votos a favor do PP e 2 abstenções do PCP.

**Presidente:** Para uma declaração de voto tem a palavra o Sr. Deputado José Decq Mota.

**Deputado José Decq Mota (PCP):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Secretários Regionais:

Como já tive oportunidade de afirmar, estamos de acordo com o princípio, mas esta Proposta de Resolução do PP parece ignorar a realidade.

As obras reclamadas nesta Proposta de Resolução já foram feitas, só que se mostraram completamente insuficientes.

Foram feitas obras no pátio, foram feitas obras no sistema eléctrico e não há mais nenhuma obra a fazer, porque aquele casa não tem mais jeito que se lhe dê.

Portanto, não havendo mais nenhuma obra a fazer naquele caso concreto, a Proposta de Resolução está completamente fora de enquadramento.

Estando de acordo com o princípio geral para muitos casos, não podemos estar de acordo, neste caso, com a aplicação deste princípio, porque este princípio já foi aplicado sem sucesso, porque as tais obras foram feitas a alguns meses.

Muito obrigado.

**Presidente:** Tem a palavra, para uma declaração de voto, o Sr. Deputado Paulo Gusmão.

**Deputado Paulo Gusmão (PP):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados:

É, de facto, para uma declaração de voto, dizendo que nos apraz registar que esta proposta, que agora ficou aprovada, traz um princípio que, pensamos nós, é saudável para aquilo que possa ser a boa gestão, nessa matéria, de uma forma geral na Região, acudindo e dando prioridade, primeiro e sempre, àquelas que são as condições mínimas, àquelas que são as condições necessárias, antes de se partir para obras maiores.

Esta proposta mantém o princípio de que, sempre dentro da possibilidade e da razoabilidade, deve ser mantido um edifício em cada freguesia e cria um princípio de que, sempre que seja feita essa transferência, se devem dar as condições necessárias para essa mesma concentração.

É por isso que ela tem a vantagem de se aplicar ao caso concreto e de não se resumir e reduzir a este mesmo caso.

Esperamos agora que, no caso concreto e no caso daquelas em que esse processo já foi feito, antes de qualquer outra obra, haja o acautelamento dessas mesmas condições.

O edifício em causa é um solar antigo, é verdade e não tem mal nenhum em o ser. Até o Sr. Ministro da República vive num e não se queixa.

*(Risos das bancadas do PS e do PCP)*

É bom também sabermos pôr as coisas nos seus devidos lugares.

Portanto, é uma obra que fica, um dia que seja feita uma escola nova, e não será, com certeza, mais um mamarracho para pôr abaixo, mas sim um edifício que pode servir para outra coisa qualquer.

Portanto, é com esse consenso que aqui foi apresentado e por isso mesmo esperamos que isso seja feito.

**Presidente:** Srs. Deputados vamos fazer um curto intervalo.

(Eram 17 horas e 40 minutos)

**Presidente:** Srs. Deputados, agradecia que retomassem os seus lugares para continuarmos com os nossos trabalhos.

(Eram 18 horas e 10 minutos)

Passamos agora ao ponto seguinte da nossa ordem de trabalhos, **Proposta de Resolução – “Conta da Região Autónoma dos Açores, referente ao ano de 2000”**.

Para fazer a apresentação desta Proposta de Resolução dou a palavra ao Sr. Secretário Regional da Presidência para as Finanças e Planeamento.

**Secretário Regional da Presidência para as Finanças e Planeamento** (*Roberto Amaral*): Sr. Presidente, Srs. Deputados:

Com a Proposta de Resolução que agora está a ser apreciada e, certamente, irá ser aprovada, fica encerrado politicamente a execução financeira de um ano de actividade do Governo Regional e de toda a Administração Pública Regional.

O enquadramento económico-financeiro no qual se desenvolveu a actividade financeira e económica do Governo e de todos os agentes económicos, pode dizer-se que o ano 2000, ano que está agora aqui a ser apreciado, foi satisfatório.

O ano 2000 correspondeu ao fim do mandato do VII Governo Regional, que decorreu todo ele sem que se tivesse aprovado, como todos se lembram, o Plano a

Médio Prazo para o quadriénio 1997/2000. Não obstante este contratempo que o Governo e a generalidade dos agentes económicos souberam superar

Todos nós nos adaptamos o melhor possível a esta situação e daí que toda a actividade tivesse sido desenvolvida, durante o ano de 2002, sem atropelos de maior e sem incidentes dignos de especial registo.

A evolução da economia açoriana no ano 2000 foi positiva em todos os sectores de actividade, tendo-se detectado já em 2000 uma certa tendência para um crescimento consolidado do sector do turismo, que veio nos anos subsequentes a acentuar-se cada vez mais.

A generalidade dos sectores económicos tiveram crescimentos positivos e indicadores que foram, de uma maneira geral, favoráveis.

De realçar também que neste ano de 2000 apenas se verificou um número de 174 emigrantes, o que é revelador também de que não houve neste tempo nenhuma crise económica nem financeira que suscitasse movimentos muito acentuados de emigração.

O ano de 2000, como todos ainda certamente se lembrarão, foi um ano crucial no processo de preparação da Região Autónoma dos Açores para a introdução física de uma nova moeda, o euro, que foi adoptada como moeda única na terceira fase da União Económica e Monetária, na qual Portugal participou desde a primeira hora e no primeiro poletão da frente, como na altura era usual dizer-se, e foi um ano que se deram passos importantes para que, mais tarde, quando o euro tivesse a sua entrada em circulação, o que sucedeu em Janeiro de 2002, não houvessem atropelos de maior. Efectivamente não houve e a Região Autónoma dos Açores foi daquelas da União Europeia que melhor se comportou nesta fase de transição e de adopção da nova moeda.

Lembro-me, aquando da minha intervenção inicial de apresentação do Orçamento para o ano 2000, cuja Conta está agora a ser apreciada, de ter dito que esperava que, quando chegássemos ao fim do ano, a taxa de execução do Plano que estava a ser proposto, fosse pelo menos igual ou da mesma ordem de grandeza da última taxa conhecida e que se referia ao ano de 1998. Recordo que a taxa deste ano tinha sido 91,02%, taxa essa das mais elevadas de sempre e que, felizmente, a taxa que veio a

ser depois verificada, e que está aqui na Conta, é uma taxa de execução de 90,69% e, portanto, está com uma taxa de execução da mesma ordem de grandeza.

De referir ainda que este Orçamento do ano 2000 foi o primeiro que foi executado já com a nova Lei de Enquadramento Orçamental, Lei nº 79/98, aprovada por esta Assembleia.

Portanto e em resumo, a execução orçamental em 2000 atingiu, na generalidade e na esmagadora maioria, os objectivos propostos inicialmente e permitiu que uma taxa de realização da receita efectiva se cifrasse em 93,7%, ou seja, apenas menos 8,4 milhões de contos num orçamento da Região que, sem contas de ordem, atingiu o valor de 139,9 milhões de contos.

A boa execução das receitas, designadamente as fiscais, ultrapassaram as previsões. Temos aqui uma taxa de execução da receita corrente de 102,24%, o que quer dizer que as previsões inicialmente feitas não só foram atingidas como mesmo ultrapassadas, com algum relevo para os impostos directos que tiveram uma taxa de execução de 104,98%, para os impostos indirectos que tiveram uma taxa de execução de 101,50%.

De uma maneira geral, uma previsão de receitas que se veio a revelar estar de acordo com a execução que depois se veio a verificar no final do período.

As despesas de funcionamento neste ano tiveram um crescimento significativo. Não nos devemos, no entanto, esquecer que, para além de ter sido efectuado uma afectação de mais 9,6% das verbas ao Serviço Regional de Saúde, o Orçamento passou a suportar em 2000, os encargos com o pagamento dos suplementos de pensão e de remunerações complementares num montante superior a 4 milhões de contos, como todos nós ainda nos lembramos muito bem, porque foi uma discussão bastante animada.

Os limites de endividamento que então havia para 2000 foram escrupulosamente cumpridos. Os 5 milhões de contos a que estavam autorizados, foram utilizados, aliás, como decorre da própria lei, exclusivamente no financiamento de investimentos do Plano.

De uma maneira geral são estas as circunstâncias e as grandes linhas de execução do Orçamento.

Sobre a Conta que agora está aqui em apreciação, o próprio Tribunal de Contas emitiu o seu parecer em que, a exemplo de todos os pareceres conhecidos do Tribunal de Contas do passado e quero crer que do futuro, terão sempre evidenciação de aspectos positivos, aspectos negativos e algumas recomendações que foram já cumpridas pelo Governo e que aqui são assinaladas no parecer, quer outras recomendações que ainda não foi possível atendê-las.

O papel de um Secretário das Finanças, numa altura destas será, certamente, evidenciar os aspectos positivos que há, e que são muitos, no parecer.

**Deputado Alvarino Pinheiro (PP):** Para os outros, cá estamos!

**O Orador:** O papel da oposição será, certamente, evidenciar os aspectos negativos que também os há. Creio que sempre assim será e quando assim não for, alguma coisa está mal, ou a oposição não cumpre o seu papel ou o Tribunal de Contas também não fiscaliza as Contas da Região, porque sempre houve e creio que nunca haverá um orçamento, em democracia obviamente, que não tenha nenhum reparo da entidade fiscalizadora.

Sr. Presidente, Srs. Deputados:

Era isto que tinha para vos dizer, ficando agora sujeito às críticas que queiram e entendam dever fazer.

Muito obrigado.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Duarte Freitas.

**Deputado Duarte Freitas (PSD):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Sr. Secretário Regional:

Da análise que fizemos da Conta e do Parecer do Tribunal de Contas do ano 2000, destacamos alguns elementos que merecem a nossa atenção na perspectiva da fiscalização que cabe a esta Assembleia e a nós deputados.

Desde logo, quero dizer que o artigo 4º, nº 2 da Lei 79/98, de 24 de Novembro, Lei de Enquadramento do Orçamento da Região Autónoma dos Açores, refere e cito: “As receitas efectivas têm de ser, pelo menos, iguais às despesas efectivas, incluindo os juros da dívida pública, salvo se a conjuntura do período a que se refere o

Orçamento justificadamente o não permitir”. Acabei de citar o nº 2 do artigo 4º, da Lei 79/98, - Enquadramento do Orçamento da Região Autónoma dos Açores.

Um dos aspectos mais relevantes do parecer sobre esta Conta tem a ver com a citação também do Tribunal de Contas e que passo a citar: “A Conta encerrou com o défice de 4,9 milhões de contos, não havendo equilíbrio orçamental, nos termos definidos no nº 2, do artigo 4º da Lei 79/98, de 24 de Novembro”.

Por outro lado, não se conhecem as razões excepcionais para tal, até porque tivemos mais receita do que o Governo esperava. Aliás, foi referido pelo Sr. Secretário e foi por isso que, inclusivamente, houve duas propostas de alteração ao Orçamento da Região, nomeadamente aos Decretos Legislativos Regionais 27/2000/A e 2/2001/A, de 22 de Janeiro, acrescentando aqui que o contraditório apresentado pelo Governo às questões referidas pelo Tribunal de Contas, não vem esclarecer a questão da excepcionalidade que justificaria a falta de equilíbrio.

O Governo neste contraditório alega a questão das calamidades, mas é óbvio que desconheço que tenha havido alguma calamidade no ano de 2000, a seguir à aprovação do Orçamento e Plano para este mesmo ano.

Portanto, nesse contraditório, não faz de todo sentido justificar essa excepcionalidade de se ultrapassar este equilíbrio por via das calamidades, porque, por um lado, todos os dados relativamente a ela já estavam conhecidos e, por outro, se houve alguma coisa de excepcional, como referiu e bem o Sr. Secretário, foi o ter havido receitas a mais.

Fica esta questão no ar: se a única excepcionalidade que houve foi receitas a mais, como é que não há equilíbrio orçamental?

Fica aqui uma das principais críticas e questões que são levantadas a esta Conta.

Outra questão apresentada pelo Tribunal de Contas prende-se com o desvio de verbas do Plano para pagamento de despesas de funcionamento corrente. É, aliás, uma crítica que vem sendo feita pelo Tribunal de Contas já há muito tempo.

Quero realçar também que as despesas do Plano em 2000 decresceram 8%, face às de 99 e as de funcionamento cresceram 12%. Tivemos menos despesas do Plano e mais despesas de funcionamento já no ano de 2000.

Outra crítica recorrente do Tribunal de Contas refere-se à atribuição de subsídios sem base legal.

No ano de 2000 os subsídios atingiram os 17 milhões de contos, mais 13,3% que no ano anterior, – se se recordam o ano de 2000 foi ano de eleições – sendo que se continuam a manter situações de atribuição de subsídios sem base legal para tal.

Segundo o Tribunal de Contas e eu vou citar: “ Foi tomado como enquadramento legal para a atribuição de subsídios o Estatuto da Região para a concessão de 587 apoios, num total de 824 mil contos. Foram ainda concedidos subsídios num montante de 216 mil contos que não tiveram suporte nem no Estatuto, nem em diplomas específicos”.

Ainda, segundo este parecer do Tribunal de Contas, foi publicada a Portaria 54 e o Despacho 23, emanados pelos respectivos Secretários Regionais da tutela, a conceder subsídios respectivamente no valor de 315 mil contos e 50.800 contos, como se essas Portarias e os Despachos fossem o suporte legal para a atribuição de subsídios.

Por fim, em relação a esta matéria, é de realçar uma constatação do parecer do Tribunal de Contas que refere e cito: “Existem subsídios que constam das folhas de processamento e que não foram publicados em Jornal Oficial, contrariando assim as orientações genéricas da concessão de subsídios”. É algo de muito estranho e pelo que me lembro é a primeira vez que vejo surgir num parecer do Tribunal de Contas.

Para quem se havia comprometido garantir o enquadramento legal de todos os subsídios, chegámos à conclusão de que não tem havido a verdadeira vontade política para o fazer, havendo até, nalguns casos, nítidas situações em que vamos piorando de ano para ano.

Para efeitos de reforçar a nossa posição, citamos de novo o parecer do Tribunal de Contas, na sua página 8, 5ª recomendação que reitera e cito: “A atribuição de subsídios deverá basear-se em legislação própria e adequada ao fim em vista, tornando o sistema mais transparente de forma a potenciar uma melhor aplicação dos dinheiros públicos”. Acabei de citar.

É de evidenciar ainda que o Tribunal de Contas refere que continua a anormal sub-orçamentação das receitas provenientes da União Europeia.

Apesar de ser relembrado por este Tribunal, ao longo dos anos tem-se cometido sistematicamente o mesmo erro.

Fazendo uma transposição para aquilo que recentemente se passou, mas não especificamente em relação à Conta, acresce que, ao que parece, – e na altura que foi discutido nós referimo-lo –o Governo não quer alterar esta conduta, porque ainda há poucos meses veio aqui propor a esta Casa uma alteração ao Orçamento de 2003, exactamente reforçando as transferências da União Europeia.

Na altura dissemo-lo e reiteramo-lo de novo, inclusivamente face a esta crítica do Tribunal de Contas, que é muito estranho, para quem nunca acerta nas verbas que vêm da União Europeia e normalmente sub-orçamenta de forma evidente essas verbas - e o Tribunal de Contas tem-no citado sistematicamente, - que, de novo, no Orçamento de 2003 isso vai acontecer, com a agravante do Governo ter feito essa proposta de alteração orçamental.

Nós, que na altura fizemos o entendimento de tais razões, vamos ver, quando vier a Conta de 2003, se vamos ter a confirmação ou não das nossas indicações. Era bom que não tivéssemos, mas estamos perfeitamente convictos de que nessa altura se vai chegar à conclusão de que o que já estava orçamentado inicialmente estava sub-orçamentado relativamente às receitas e agora a alteração orçamental que se fez vai vir, certamente, piorar a execução das transferências da União Europeia para o ano 2003, como, aliás, tem vindo a ser criticado sistematicamente pelo Tribunal de Contas.

De referir também, numa altura em que se fala aqui de uma cada vez mais evidente falta de capacidade do Governo para gerir o Sistema Regional de Saúde, que em 2000, segundo o parecer do Tribunal de Contas, havia 14,2 milhões de contos de encargos assumidos e não pagos, dos quais 6 milhões de contos não tinham enquadramento orçamental.

Em relação ao factoring é importante reter uma crítica do Tribunal de Contas, que já constava nos pareceres das Contas de 98 e 99, em que, segundo o Tribunal de Conta, parece que o Governo continua a não pretender fazer qualquer alteração a este nível. O Decreto Legislativo Regional 7/97/A que aplica à Região Autónoma dos Açores as transposições da Lei de Bases da Contabilidade Pública e o Decreto Legislativo

Regional 1/84/A, indicam a necessidade de enquadrar, legislativamente, estas verdadeiras autorizações de crédito.

Já o ano passado, relativamente às Contas de 98 e 99, fizemos esta referência aqui, continuamos a fazê-la e o Tribunal de Contas continua a fazer esta crítica.

Em 2000, só na área da saúde, havia por liquidar 7,6 milhões de contos, representando 53% dos encargos assumidos e não pagos a este nível, o que representa um crescimento, face a 99, de 2,9 milhões de contos, isto é, mais 64%.

Relativamente a juros, e isto é uma matéria importante, porque estes juros são provocados por estes esquemas que o Governo acaba por arranjar, face à sub-orçamentação das rubricas para fazer face aos encargos do Serviço Regional de Saúde, tivemos um crescimento no ano de 2000 de 172% só nas unidades de saúde, o que dá este claro indício de sub-orçamentação e especialmente de deficiente gestão do sistema.

Em relação às despesas correntes, Srs. Deputados, desde pelo menos 98, mais de 90% destas despesas correntes são para despesas com pessoal e transferências: 64,5 milhões de contos em 98; 69,3 em 99 e 80 milhões de contos em 2000.

Portanto, de 99 para 2000 o crescimento deste agregado representa 11,4 milhões de contos, tendo as despesas de pessoal crescido 11,6% e as transferências 20,1%.

Para que todos saibamos a nossa real situação, quer seja na aplicação dos dinheiros públicos, quer seja na sua consequência, é importante analisarmos com profundidade as Contas anuais e os respectivos pareceres.

Pode de alguma forma parecer desnecessário fazê-lo, porque muitas vezes estas análises que fazemos são desfasadas no tempo, mas nem que seja pela sistemática análise e pela análise de algumas críticas e de alguns problemas que se vão detectando ano após ano, algumas das questões que são levantadas têm aqui uma clara importância política.

Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

É necessário que haja a consciencialização dos deputados e do Governo para a necessidade de alterar alguns comportamentos, termos mais rigor, mais transparência e mais base legal para algumas das acções que são cometidas ao nível da gestão financeira do Orçamento Regional.

No entanto, infelizmente, vemos que a maioria das recomendações vão passando de ano para ano, o que denota não existir uma verdadeira vontade de mudar estes comportamentos, prejudicando uma boa gestão e aplicação dos dinheiros que são de todos nós.

De notar ainda que as quatro recomendações de anos anteriores, que o Governo acolheu e que estão também transcritas no parecer, são recomendações essencialmente burocráticas e de clarificação técnica e eu cito para que não digam que estamos a falar só daquelas que não foram acolhidas. Vamos falar das que foram acolhidas e vamos ver que essas recomendações são essencialmente burocráticas e são estas:

Primeira - certificação da despesa.

“A despesa contabilizada na Conta da Região coincide com os pagamentos efectuados nas três tesourarias regionais, não se apurando divergências entre as duas fontes”.

Segunda – receita consignada.

“Regularização de parte das rubricas consideradas em situação anómala, levando à anulação de umas e à eliminação de outras”.

Terceira – Financiamento do Plano.

“O Plano e o Orçamento indicam, pela primeira vez, as fontes de financiamento dos investimentos da Administração Pública Regional, discriminando-as por departamentos governamentais, programas e projectos”.

Quarta – Fundos da União Europeia.

“O Plano para 2000 apresentou, pela primeira vez, dois capítulos relacionados com a temática dos fundos comunitários e a Conta melhora a informação relativa às transferências financeiras da União Europeia que não transitam pelo Orçamento”.

Estas são as recomendações acatadas e bem. Infelizmente são quase todas elas de pouca substância política legal e mais de substância burocrática.

As recomendações não acolhidas e aquelas que se referem a procedimentos menos correctos, relacionam-se com práticas e matérias de grande impacto político e financeiro.

Em relação à elaboração da proposta de Orçamento vou começar a citar aquelas que o Tribunal de Contas refere como recomendações e aquelas que nós entendemos que são as mais importantes.

Quanto aos procedimentos considerados por este Tribunal como menos correctos, formulam-se as seguintes recomendações e cito: “1. A elaboração da proposta de orçamento deverá conter toda a informação exigida na Lei 79/98, em particular a justificação de um eventual incumprimento do princípio de equilíbrio orçamental.

2. As despesas do Plano deverão ser afectas a projectos e acções específicas, permitindo conhecer o seu efectivo custo.

3. O efeito da aplicação das transferências e dos subsídios deverá ser avaliado, tanto quanto à legalidade como ao impacto previsto no desenvolvimento da Região.

4. A limitação dos recursos financeiros deverá dar prioridade aos investimentos em prol do desenvolvimento da Região, obrigando a uma maior racionalização dos gastos com o funcionamento da Administração Regional.

5. A informação constante da Conta da Região deverá ser consentânea com a que se encontra desagregada nos diferentes anexos e documentos com ela relacionados.”

Estas são, de facto, as recomendações mais burocráticas e as que têm maior peso, maior substância política e de gestão dos dinheiro públicos.

“6. O Decreto-Lei 133/97, de 27 de Setembro, deverá ser aplicado à Região Autónoma para que se possa apreciar a gestão financeira da Administração Pública Regional.”

As primeiras recomendações que se referem ao equilíbrio orçamental, à precisão das acções e das despesas do Plano e do Orçamento, aos subsídios e à boa aplicação dos recursos financeiros são, de facto, de substância política e técnico-financeira importante e são essas que o Tribunal de Contas continua a vincar, enquanto que aquelas que o Tribunal de Contas diz que foram aceites, como vimos, são praticamente de mero índole burocrático.

Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Para terminar, gostaria de dizer que, à imagem do que temos vindo a fazer noutros anos e continuamos a fazer, não nos coibimos de apresentar aquilo que são as nossas críticas relativamente a estes documentos, não nos coibimos de fazer uma análise

crítica relativamente aos pareceres do Tribunal de Contas. Como temos vindo a fazer ao longo de anos, nomeadamente em relação às últimas duas Contas, em relação à Conta em apreço, face à dilação que se passa entre a sua análise e a efectiva acção que levou à concretização desta Conta e face à fiscalização política que fomos fazendo, vamos abster-nos nesta votação, mas não deixamos, tal como não deixámos de fazer uma análise crítica a ela, mais uma vez daqui, perante todos, perante o Governo e perante aqueles que nos escutam, de apelar para que o Governo tenha uma maior consciência e uma maior vontade de fazer cumprir as directrizes e as recomendações emanadas do Tribunal de Contas, para que haja, especialmente, mais rigor, mais transparência e mais explicação na forma como são aplicados os dinheiros públicos na Região Autónoma dos Açores.

**Deputado Clélio Meneses (PSD):** *Muito bem!*

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Alvarino Pinheiro.

**Deputado Alvarino Pinheiro (PP):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Queria saudar o Sr. Secretário das Finanças e a sua boa disposição. Julgo que está com um relógio novo e dá a ideia de ser um...

(Risos da Câmara)

Pelo sumário que o Sr. Secretário aqui apresentou, deu bem o tom, – e nós já partilhámos isso no passado por várias vezes – do “desinteresse” da falta de prazer que nós sentimos em estar no terceiro trimestre de 2003 a apreciar a Conta de 2000.

É sina nossa termos esta formalidade, mas isto não impede que esta Conta, na prática, já não tenha sido abordada em muitos dos seus aspectos, nomeadamente aquando das análises dos orçamentos para os anos seguintes. Acabamos por ter sempre elementos não definitivos, mas elementos provisórios que nos permitem, no essencial, fazer algumas das observações políticas mais determinantes.

Não querendo ser repetitivo em relação a algumas coisas que o Deputado Duarte Freitas já aqui lembrou e que também constam do próprio relatório da Comissão,

citando os pareceres do Tribunal de Contas, relativamente às suas recomendações, eu gostaria só de lembrar dois ou três indicadores que revelam sempre algumas tendências da evolução.

Em 2000, o que se constata ao nível das receitas é que, sendo um ano áureo da Administração Regional, segundo o que é sempre citado, apesar de tudo, houve um desvio das transferências de capital das ordem dos 10 milhões de contos em relação ao previsto e ao efectivamente recebido. Convenhamos que é sempre um montante de relevo e não deixa de, em relação a esse ano de 2000, ser uma pecha da execução orçamental e, portanto, o Governo errou ao prever a dotação de transferências em relação a 2000, na medida em que a previsão era de 45,1 milhões de contos e arrecadou 35,4 milhões de contos. Isto é só um dado a ter em conta para, de facto, moderar a satisfação do Sr. Secretário nesta matéria.

A outra questão que não pode deixar de ser sempre objecto de discussão nesta Casa, e eu respeito a análise que o Sr. Secretário faz, tem a ver com a execução financeira. Ora, o Sr. Secretário sabe perfeitamente, tão bem como eu, como sabem os ilustres deputados, colegas de profissão, que cada vez é menos importante a execução financeira, face ao problema da execução material.

Isto é uma matéria que este Parlamento se bate desde 96 e ainda bem que tem essa capacidade, embora alguns, pelos vistos, já capitularam de pedir contas ao Governo em relação àquilo que o Governo promete fazer e em relação àquilo que o Governo fez. Isto é um drama da nossa Região há muitos anos e, convenhamos, nessa matéria a Nova Autonomia não inovou coisíssima nenhuma, antes pelo contrário, agravou nalguns domínios, como V. Exa. sabe.

Também, com o devido respeito, devo dizer que ninguém, minimamente habilitado nessas matérias, liga a esses 90 e 90 e tais por cento, porque isso não quer dizer nada, Sr. Secretário. O senhor sabe melhor do que eu, porque, como profissional ilustre, começou a trabalhar nessas matérias ainda muitos antes de mim. Isto é coisa para conversa noutras sedes, com outros cavalheiros, com outro tipo de pessoas que levantam as bandeiras quando se fala em 90 e tal por cento.

Aqui não vale a pena falar disso, Sr. Secretário, porque, e vou dar-lhe alguns exemplos, houve quebra de investimento público em 2000, dado importante que V. Exa. não deu ênfase e acho que devíamos estar todos aqui preocupados com isso.

O glorioso ano de 2000 – ano que o Sporting ganhou o campeonato, salvo erro, ano de referência para muita gente – nos Açores fica marcado com a queda de investimento público.

Para isto ser verdade, Sr. Secretário, era preciso que a despesa do Plano fosse igual ao investimento público e V. Exa. sabe, como eu, que não é líquido que a despesa do Plano seja igual ao investimento público, matéria que não há forma de nós corrigirmos na nossa Região Autónoma e, se calhar, no nosso País, mas dando de barato que há uma equivalência entre despesa do Plano e investimento público, quero dizer que ele baixou 6,5%, segundo as vossas contas.

Mesmo assim as vossas contas estão adulteradas, porque também não é relevante apenas fazer a comparação entre a despesa efectivamente feita e o orçamento revisto, porque o orçamento pode até ser revisto no dia 31 de Dezembro.

Portanto, é fundamental para esta Câmara fazer as suas contas. Eu não quero ignorar o indicador da despesa versus orçamento corrigido. Com certeza, faz-se “n” indicadores, agora pelo santo amor de Deus não me ignorem um outro indicador muito importante que é o orçamento aprovado nesta Casa, em matéria de investimento e despesa efectuada. No caso em apreço é pouca coisa, a diferença é de meio milhão de contos, mas este meio milhão de contos num investimento de 50 milhões traduz 1% e, portanto, a taxa de queda do investimento público na Região Autónoma dos Açores não foi de 6,5%, que já era grave, mas de 7,5%.

Eu digo isto para percebermos e entendermos que nestas matérias, quando são vistas de forma honesta e objectiva, não são tão brilhantes como isso, Sr. Secretário, antes pelo contrário. Os indicadores nesse domínio não são bons.

Eu não quero ser repetitivo, mas houve um indicador da evolução das despesas correntes, que já foi referido pelo Deputado Duarte Freitas, e que é preocupante, mas não é de agora, já é preocupante há muitos anos e já me sinto meio constrangido a falar nisso, mas enquanto eu estiver aqui os senhores vão ter paciência.

Uma taxa de crescimento de despesas correntes de 12 e tal por cento não é bom para a autonomia, não é bom para o futuro da Região e nós desta forma não vamos a sítio nenhum.

O que se deve fazer é menos despesas de funcionamento e mais despesas de investimento. Os senhores fazem ao contrário.

Eu não vou falar na questão do serviço da saúde, porque agora há a esperança do Açores/saúde e eu nem sequer quero manchar a expectativa que está criada para daqui a poucos minutos com o início do Açores/saúde, lembrando a desgraça de 2000, que é para enterrar, mas se assim é, também diga-se quanto é que custou o enterro. O enterro de 2000, em matéria de saúde, é um número que também não nos agrada, Sr. Secretário Regional.

Portanto, é bom que esses indicadores fossem partilhados por esta Câmara, não para fazermos grandes condenações ao Governo Regional, mas para termos consciência que isto não andou nem vai andar bem.

Quanto à questão de fundo de qual foi a execução material deste Governo Regional, perdeu-se um velho hábito da autonomia que era uma apresentação atempada do relatório de execução, com informação detalhada sobre os Planos Regionais. Tínhamos relatórios trimestrais nos famigerados anos das décadas de 70, 80 e 90, até determinada altura em que eles desaparecerem por instrução política, penso eu, porque os serviços técnicos do Governo Regional estão aptos a fazer esses relatórios. As Secretarias Regionais têm departamentos próprios de planeamento. Não sei se foram substituídos por departamentos de propaganda, mas eram departamentos de planeamento e a verdade é que falharam.

Eu lembro-me de Secretarias que davam trimestralmente a execução de programa a programa, projecto a projecto e, nalguns casos, acção a acção. Tudo isso desapareceu. Há umas coisas que aparecem por aí que são meramente relatórios de execução financeira, que são fotocópias. Hoje, na era dos computadores, é só tocar no botão e aquilo sai tudo certo.

Portanto, tem-se andado para trás em muitos domínios, Sr. Secretário.

Esta Assembleia está desmotivada, está descrente e já não se exige nada. O Governo não manda e não há ninguém que exija que o Governo mande.

**Deputado Vasco Cordeiro (PS): Exija o senhor. Se tem necessidade peça.**

**O Orador:** Ó senhor, nós pedimos e eles não mandam. Isto é muito triste.

Não me cabe a mim fazer os relatórios de execução material do Governo. O meu colega Deputado diz que a gente também pode fazer, mas francamente não nos peçam isso.

Vou dar alguns exemplos, Sr. Secretário, em relação a uma terra onde eu moro e sítios por onde eu passo todos os dias.

Plano de 2000, execução material do Governo Regional dos Açores:

- Via de acesso ao Porto da Praia da Vitória, dotação 50 mil euros, execução zero;
- Pavimentação da estrada nº 6-2ª Silveira/São Carlos/Cruz das Cinco, dotação de 150 mil contos, aprovada pelos deputados desta Casa, execução zero;
- Reabilitação da estrada nº 1-1ª Cruz das Cinco/Silveira, dotação de 150 mil contos, execução zero:
- Estrada de ligação Lajes/Praia, dotação 50 mil contos, execução zero;
- Construção da Escola EB 2,3 Artístico de Angra do Heroísmo, dotação de 250 mil contos, aprovada nesta Casa, execução zero;
- Construção da Escola do Porto Martins, dotação 5 mil contos, esta fica ao pé do meu quintal, execução zero;
- Escola da Serra de Santiago, dotação de 5 mil contos, execução zero;
- Construção do Matadouro da Ilha Terceira, dotação de 409 mil contos, execução zero:

O senhor quer eu continue?

**Secretário Regional da Presidência para as Finanças e Planeamento (Roberto Amaral):** Por mim pode fazê-lo.

**O Orador:** Pois posso fazê-lo, mas é doloroso.

**Sr. Secretário, vamos gabar a vossa capacidade de execução. Vamos dizer nesta Assembleia que este Governo é um governo de excepção, que é um governo capaz, que é um governo que cumpre.**

Aliás, nós até podemos fazer um outro exercício.

Se nós caminarmos no tempo, daqui a três anos, seja quem for que estiver nesta Casa, vai ser confrontado com conta de execução de 2003, que vai ser analisada em

2006, se for ao ritmo que estas são. Eu desafio o Governo a dizer o que é que fez dessa dotação de 2000.

A via de acesso ao Porto da Praia não a fez e poderá ter iniciado o Matadouro.

Portanto, Sr. Presidente, eu não me vou alongar muito mais.

O espírito é, de facto, para sermos eficientes, para sermos sintéticos e concisos. Eu tentei ser o mais possível, mas parece-me que deixei demonstrado aquilo que o CDS/PP tem dito ao longo destes últimos anos em relação a um erro de fundo desta administração, deste Governo, que foi o desfasamento entre aquilo que prometeu e aquilo que executou e o erro, que eu diria, técnico e político, sob o ponto de vista duma apreciação rigorosa, foi ter inscrito nos documentos formais, ter submetido as suas promessas, nos anos errados, a este Parlamento e ter obrigado a que este Parlamento tivesse viabilizado - aqueles que o fizeram, não fomos nós - documentos irrealistas, Planos e Orçamentos irrealistas que depois deram naquilo que este deu e quando verificarmos o de 2001 vamos ver que é a mesma coisa e sob este ponto de vista os senhores não têm nenhum motivo de satisfação.

Portanto, O CDS/PP vai abster-se, porque não faz sentido votar contra uma conta que estamos aqui a apreciar politicamente três anos depois, lavando as mãos da má administração e da má execução do Governo Regional. O lavar as mãos é abster-nos, deixar andar e que Nosso Senhor vos ilumine.

**Deputado Clélio Meneses (PSD):** *Muito bem!*

**Presidente:** Tem a palavra a Sra. Deputada Andreia Cardoso.

**Deputada Andreia Cardoso (PS):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Eu queria também dar o meu contributo para a apreciação da Conta da Região do ano 2000 e neste âmbito salientar um aspecto que tem a ver com a execução da receita corrente acima de 2 pontos percentuais daquilo que tinha sido inicialmente previsto, que a receita fiscal continua a ser a componente mais importante da receita corrente, sendo responsável por 89% do valor arrecadado, seguindo-se as transferências.

É ainda importante perceber que a receita fiscal evoluiu a uma taxa média de crescimento de 10.2% de 97 a 2000 e 5.1% entre 99 e 2000.

A receita de capital totalizou 41,5 milhões de contos, apresentando uma taxa média de crescimento da receita global de 4,8%, no período de 97/2000.

Ao nível da despesa, a despesa global traduziu um crescimento de 2,8%, sendo de salientar a taxa de execução das despesas do Plano de 90.6%.

Penso que é essencial referir a este nível que é o segundo ano dos últimos 10 que, na Região Autónoma dos Açores, a taxa de execução do Plano excede 90%. Em 99 foi 94% e agora cerca de 91%.

Relativamente às despesas com pessoal, já aqui afloradas, quer pelo Sr. Deputado Duarte Freitas, quer pelo Sr. Deputado Alvarino Pinheiro, estas são as componentes mais importante das despesas correntes e penso que é preciso e necessário que façamos todos uma reflexão séria sobre esta matéria.

Como todos os colegas aqui presente sabem, as despesas com pessoal tem a sua maior fatia nas Secretarias Regionais dos Assuntos Sociais e da Educação e Cultura. O que é que isto quer dizer? Quer dizer que destes 32,4%, 72% têm a ver exactamente com essas duas Secretarias e estamos a referir-nos a médicos, enfermeiros, a técnicos de saúde, a professores, a auxiliares de educação. É este tipo de pessoas que representam 72% do peso da despesa com pessoal.

Devo referir, aliás, que este peso no ano de 96 era de 30,4%, sendo agora de 32,4%, ou seja, o último ano de governo do PSD é semelhante ao último ano do primeiro Governo do PS.

Entre este período ocorreu um aumento da despesa com pessoal de 12 milhões de contos, sendo que desses 12 milhões, 10 milhões foram em pessoal afecto à saúde e à educação e, portanto, não tentemos aqui criar uma situação dúbia.

Querer implicitamente dizer que a despesa corrente não está a ser bem aplicada, porque se está a investir na saúde e a investir na educação, é errado.

Quero também dizer que a nível da despesa do Plano, e não estou a falar de taxas de execução, estou a falar do peso relativo das despesas do Plano em 96, que era de 27% e no ano 2000 foi de 35%. É substancialmente diferente a orientação que o Governo do Partido Socialista dá à sua despesa com a orientação que o governo do PSD deu à sua despesa no último ano da sua governação.

Falou-se aqui também num aspecto que eu considero relevante e que tem a ver com a execução financeira e a execução material.

Meus caros amigos, ou bem que se utiliza a execução financeira e fazemos uma análise dessa execução ou então não se utiliza só para aquilo que convém, que é para dizer que afinal a despesa do Plano em 2000 reduziu 6%. Estamos a falar exactamente da mesma coisa.

O Sr. Deputado Alvarino Pinheiro quando fala do volume da despesa do Plano está obviamente a falar daquilo que foi executado financeiramente.

Portanto, há aqui uma certa contradição quando se diz que não se pode falar unicamente em execução financeira e que se deve falar também na material, quando depois se utiliza os 6% como um dado histórico.

Há bocadinho quando falei na despesa corrente e na despesa com pessoal esqueci-me de falar num aspecto muito importante, que foi as despesas com pessoal aumentarem 11% de 99 para 2000, porque no final do ano de 99 surgiram dois diplomas, um que tem a ver com despesas de representação a todos os dirigentes da Administração Pública e um outro que apresenta um aumento de 70,8%.

**Deputado Joaquim Machado (PSD):** De quem é a responsabilidade.

**A Oradora:** Seja da responsabilidade de quem for, o Governo da Região Autónoma dos Açores teve que aplicar essa disposição.

Ainda surge um outro diploma que este, sim, é da nossa Casa, que tem a ver com a remuneração complementar e que também acresce às despesas correntes.

Portanto, quando se analisa uma coisa tem que se analisar em todas as suas componentes, porque isto de brincar com números é uma coisa muito engraçada, mas estamos a falar de coisas muito sérias.

Para além disto tudo há ainda o aumento da massa salarial geral e a promoção nas carreiras da Administração Regional.

Relativamente a despesas, por agora ficaria por aqui.

No entanto, queria dizer que o Sr. Deputado Duarte Freitas apresentou aqui o aumento de 172% nos encargos com factoring. Talvez seria importante que complementasse a sua informação com o ponto que a gente partiu e o ponto que a gente atingiu, porque também há um aumento de 100% se eu lhe disser que partimos

de 1 para 2 e um aumento de 100% se for de 100 para 200 e não estamos a falar da mesma coisa.

Isto de falar em crescimentos e em percentagens é preciso tem muita atenção, porque senão estamos a tentar confundir, ludibriar e a cometer um erro grave e, portanto, se vamos ser sérios, vamos sê-lo em todas as suas amplitudes e plenitudes.

**Deputado Clélio Meneses (PSD):** Isso não está escrito no relatório do Tribunal de Contas.

**A Oradora:** Sr. Deputado, o relatório do Tribunal de Contas é para mim um elemento muito importante, agora eu também sei qual é o documento que o Tribunal de Contas analisa, é a Conta da Região e são vistos os dois em simultâneo e quando olhamos para os números, sei que os senhores fazem a sua tarefa que é tentar misturar e baralhar um bocadinho as coisas, mas, quanto a mim, é uma tarefa mal feita, porque os açorianos não vão nessas cantigas e tenham muita atenção quando falam nestas coisas.

*(Aplausos da bancada do PS)*

Eu levo muito a sério uma instituição respeitável como é o Tribunal de Contas e é também o Tribunal de Contas que desde 1990 até 2000 apresenta a taxa de execução dos diferentes planos anuais.

Isto vale o que vale como nós sabemos, porque era muito melhor se pudsésemos complementar com a informação da execução material, e nisso concordo plenamente com aquilo que disse o Deputado Alvarino Pinheiro, porque acho que tem toda a razão nesse aspecto.

Aos senhores não convém que falemos nas taxas de execução, porque enquanto V. Exas. tinham, de 90 a 96, taxas de execução da ordem do 80%, o Governo Regional do Partido Socialista, porque já podemos analisar uma legislatura completa, apresenta taxas de execução que se aproximam dos 90%.

**Deputado Joaquim Machado (PSD):** 99,9%!

**A Oradora:** Não é 99,9% mas para ser mais precisa são 88%, que é muito próximo dos 90.

Quando o Sr. Deputado fala do factoring, eu penso que também é importante que falemos noutra aspecto. Há questões obviamente melhores e questões piores na apreciação desta Conta, mas a dívida directa da Região Autónoma dos Açores aumentou de forma desastrosa entre os anos de 89 e 96 e de 96 a 99 apresenta, um decréscimo que advém da Lei da Finanças das Regiões Autónomas, não tendo apresentado um crescimento significativo neste ano de 2000, que estamos a apreciar. Relativamente ainda ao serviço da dívida este ano que estamos a apreciar foi de cerca de 2 milhões de contos, que incluiu amortização e juros.

**Deputado Nuno Amaral (PS):** *Muito bem!*

(Aplausos das bancadas do PS e do Governo)

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado José Decq Mota.

**Deputado José Decq Mota (PCP):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Secretários Regionais:

Evidentemente que neste debate estou em desvantagem perante a intervenção de colegas deputados que são ilustres economistas e que fizeram, de acordo com algumas opiniões, a sua tarefa procurando ler os números que queriam ler.

Eu não vou ser longo e exaustivo, mas queria apenas deixar duas ou três pequeninas reflexões de um deputado que não é economista, mas que é político, que analisa e se preocupa com estas questões numa perspectiva política e acha que em relação a questões de análise do orçamento e da Conta, na nossa realidade política regional, nacional e municipal está tudo profundamente distorcido, estão distorcidas as práticas, estão distorcidas as praxes, estão distorcidos os princípios e essa distorção tem uma perspectiva sempre imediatista.

Eu fiz parte duma Câmara Municipal, cujo antigo Presidente também está nesta Sala, que em 1997 anunciava o maior orçamento de sempre para o ano seguinte e foi um

dos mais pequenos dos últimos anos em execução e, portanto, queria deixar este traço de reflexão.

O Sr. Deputado Alvarino Pinheiro levantou, na minha opinião bem, as questões que têm a ver com a execução financeira e com a execução material.

Na minha óptica, do ponto de vista de não ser economista, mas não leigo, porque estou na actividade política, o problema tem que ser analisado da seguinte forma:

Se em relação ao Plano que estava previsto, se executou do ponto de vista financeiro menos 7%, evidentemente que se gastou todo o restante, mas do ponto de vista de execução material se não se cumpriu o que estava nos diversos programas, projectos e acções, não se cumpriram uma grande parte das promessas políticas, das decisões e orientações que tinham sido decididas.

O dinheiro é gasto dentro do quadro legal que existe, o dinheiro é gasto por novas decisões, tomadas sobre as iniciais, decisões de concentrar, porque não se fez a estrada tal e foi concentrado para tal, não se fez aquilo, porque o dinheiro não chegou.

Portanto, a não observação da execução material permite concluir muitas vezes o não rigor político da decisão inicial, quando se pretende que a decisão inicial tenha só impacto, quando na altura que se está aqui a discutir aqui o Plano para o ano seguinte que ganharam o efeito do impacto, eles vão fazer, mas ao fim do ano não fizeram e esse dinheiro não ficou dentro, foi gasto, porque a lei permite a movimentação dessas verbas dentro de cada um dos programas. Eu não estou a fazer nenhuma acusação extraordinária. Não é isso.

Portanto, o grau de execução até é bom, mas não corresponde à orientação política proposta. Aqui é que está a distorção e é este problema que tem de ser um dia discutido com todos os interventores políticos, os do poder, os da oposição, os maiores, os mais pequenos, os que são secretários, os que são deputados, porque ao continuar assim, estamos a desacreditar a prática política profundamente e, portanto, penso que não é sustentável por muitos mais anos uma situação destas, a nível regional, nacional e municipal.

Vimos aqui todos os anos, estamos horas a falar, estamos horas a dizer que se vai fazer. Vamos ter daqui a dias projectos que já foram falados durante anos e anos

nesta Casa, que vêm sempre ao de cima em determinada altura, mas depois caem sempre para o lado e depois fala-se de execuções financeiras de 80, 90%, etc.. Essas percentagens foram efectivamente para algumas dessas coisas, mas não foram para todas.

Uma outra observação.

É impressionante para qualquer cidadão saber que num ano económico se distribuem nesta Região 15 milhões de contos de subsídios não reembolsáveis. Isto merecia também uma análise...

**Secretário Regional da Presidência para as Finanças e Planeamento** (*Roberto Amaral*): É saber o que é que são.

**O Orador:** ... para se poder concluir. O efeito e a ideia que eu tenho é que isto funciona um pouco como o fogo de artifício, que consola, mas não resolve, ou seja, satisfaz, às vezes tem efeito importante, mas em termos estruturantes, como investimento público, é muito pouco.

Portanto, não estou globalmente a fazer a condenação duma política de subsídios, porque em certos casos eles são precisos, mas muitas vezes quando se empola esta linha está-se a tomar medidas imediatas que obtêm efeitos imediatos, mas não se está a resolver os problemas colectivos em termos estruturais nem se está a criar o desenvolvimento. Esta é também uma pecha do exercício do actual poder político, mas já foi e é também exercida por outros. Esta é uma questão que tem de estar também presente.

Antes de terminar queria anunciar que o Grupo Parlamentar do PCP se vai abster, mas espero que esta minha pequena intervenção tenha servido para alertar no sentido de que tudo isto tem que ser repensado. Se continuarmos por este caminho, em termos do exercício democrático do poder, estamos a fazer um mau trabalho.

Muito obrigado.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Duarte Freitas.

**Deputado Duarte Freitas** (*PSD*): Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Depois de uma primeira intervenção em que pretendemos fazer uma abordagem mais específica e, de alguma forma, técnica do parecer do Tribunal de Contas e da

Conta, houve aqui algumas questões trazidas, nomeadamente pelos Srs. Deputados Alvarino Pinheiro e José Decq Mota, que me fazem ter vontade de participar de novo neste debate, extrapolando um pouco, se calhar, a análise mais intrínseca e técnica do parecer e da Conta, mas falando de matérias que neste âmbito que estamos aqui a discutir a Conta da Região e desta fiscalização que se faz da acção governativa, penso que são muito importantes e foi bom terem sido trazidas aqui.

Desde logo, para além da tal execução financeira, digo à vossa bancada que não me vangloriava muito da execução financeira de 2000, porque sabem o que é que vos aconteceu em 2001.

Isto não é, desde logo e à partida, motivo de uma vanglória, porque é, essencialmente, no cruzamento que se faz da execução financeira com a execução material que se deve fazer a análise mais aprofundada e sobre esta questão gostaria de referir o seguinte:

No dia 22 de Maio de 2002 foi publicado o Decreto Legislativo Regional 20/2002/A, mais conhecido pelo SIRPA, (Sistema Regional de Planeamento da Região Autónoma dos Açores) com muita pena nossa, porque nos associámos e colaborámos, inclusivamente com propostas, tentando arranjar consensos relativamente a esta matéria, porque, em princípio, este era para ser um diploma para ficar e para enquadrar o sistema de planeamento do Governo Regional, qualquer que ele fosse e, portanto, houve aqui uma colaboração das várias bancadas nesta matéria. Aproveitando o facto de se estar aqui a discutir esta Conta, quero dizer que, infelizmente, neste momento o que nós aprovámos há pouco mais de um ano não faz quase sentido político e digo porquê:

Em primeiro lugar, porque o que está previsto, nomeadamente no seu artigo 15º, que contém os elementos para que possamos fazer a fiscalização da acção governativa, isso não está a ser cumprido e foi uma das matérias em que tentámos chegar a um consenso.

Como já foi referido pelo Sr. Deputado Alvarino Pinheiro e também penso que pelo Sr. Deputado José Decq Mota, os relatórios de execução material não estão a ser entregues, nem sequer é uma questão de tempo, e os financeiros também não estão a ser entregues atempadamente e, portanto, alguns dos elementos essenciais que os

deputados precisavam para a sua acção estão a ser esquecidos, não estão a ser, se calhar, deliberadamente, facultados aos deputados e isso dificulta extremamente e bloqueia boa parte da nossa acção na fiscalização da acção governativa.

Fazer a análise de uma Conta passados dois ou três anos é muito mais difícil.

Quero lembrar aqui que foi pela mão dum Governo do Partido Socialista na República, do então Ministro Oliveira Martins, que foi prometido, cumprido na altura e está a ser também cumprido agora, a apresentação dos relatórios de execução financeira 15 dias após o término de cada mês. Se isto é possível fazer na República, como é que não é possível cumprirmos na Região as obrigações da entrega dos documentos de execução financeira e até de execução material do Governo Regional? Assim é muito difícil.

Infelizmente acresce a tudo isto que cada vez mais se estão a criar instrumentos de gestão do erário público e de gestão da causa pública que fogem ao controle da Assembleia, tais como a SPRI, as Junta Autónomas, a SAUDAÇOR, as SCUT'S, etc..

Se o Governo nem sequer cumpre com as suas obrigações de apresentar as provas documentais da sua acção governativa, que estão definidas no âmbito do Sistema de Planeamento, concretamente dos orçamentos, da sua fiscalização e dos seus relatórios, qual vai ser o papel destes Srs. Deputados daqui a dois, três ou quatro anos, seja qual for o governo que cá esteja, se não houver aqui uma nova maneira de apresentar e prestar contas?

Nós já o referimos aqui anteriormente, mas é mais uma oportunidade para chamarmos a atenção de todos nós, no sentido de haver alguma preocupação em relação a algumas matérias, para termos alguma estabilidade neste processo de planeamento, no processo de execução material, financeira e política da actividade governativa, dentro dos sistemas de planeamento normais e usuais que têm que ser cumpridos e não estão a sê-lo, porque hoje os senhores estão aí e nós estamos aqui, mas amanhã vai ser ao contrário, amanhã vai haver outros partidos no governo e depois de amanhã será novamente ao contrário.

Também quero dizer que estão a surgir novos instrumentos, uns bem, outros menos bem, uns melhor usados, outros pior, fora deste Sistema de Planeamento Regional.

Tendo em conta que estou numa segunda intervenção e que deverei estar quase a esgotar o meu tempo, queria deixar, em nome da bancada do PSD, um apelo sincero a todas as bancadas. Já o fizemos antes e renovamo-lo:

Em primeiro lugar, apelamos ao Governo Regional e à bancada da maioria para que se concienalizem a cumprir aquilo que está determinado no SIRPA, nomeadamente que nos faculte a nós, deputados, os relatórios financeiros e materiais, porque ao não fazê-lo estão a ser uma força de bloqueio à acção fiscalizadora desta Assembleia.

**Deputados Luís Medeiros e Mark Marques (PSD):** *Muito bem! Muito bem!*

**O Orador:** Em segundo lugar, um apelo a todas as bancadas para que, tendo em conta a novas formas de investimento público, sem ser através do Orçamento Regional, que estão a surgir na Região Autónoma dos Açores, e não só de investimento, como vamos ver daqui a pouco, mas também formas de tapar os buracos que a Administração e o Orçamento Regional por si próprios não conseguem fazer.

Havendo estas novas cambiantes, é preciso termos todos consciência, os que estão na oposição e no poder hoje, os que hão-de estar amanhã na oposição e no poder, de que é preciso fazer algo, porque isto não é nosso, não é de hoje, isto é para o futuro e há instrumentos, medidas e formas de melhorar a ética com que se está na política e a fiscalização que o povo nos exige que façamos dos políticos e que têm de ser implementadas rapidamente.

É um apelo que fica a toda esta Casa.

**Deputados Luís Medeiros e Mark Marques (PSD):** *Muito bem! Muito bem!*

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Secretário Regional da Presidência para as Finanças e Planeamento.

**Secretário Regional da Presidência para as Finanças e Planeamento (Roberto Amaral):** Sr. Presidente, Srs. Deputados:

Foram muitas as considerações feitas pelas diversas bancadas parlamentares desta Assembleia e devo dizer que já estava à espera delas.

Vou tentar, de uma forma breve, responder às principais questões que ainda não ficaram respondidas, porquanto, muitas delas, a bancada do Partido Socialista já deu resposta.

Algumas são cruzadas e outras são efectivamente novas e vou começar pela última intervenção feita pelo Sr. Deputado Duarte Freitas quando faz um apelo ao Governo para cumprir a legislação.

Sr. Deputado, eu não tenho a certeza, mas tenho a consciência de que todos os elementos, no que respeita ao Plano e ao Orçamento, estão a ser fornecidos a esta Assembleia no âmbito da lei, mas eu vou confirmar.

Da parte das finanças tenho a certeza que sim. Em relação aos relatórios trimestrais de execução eu vou confirmar.

Srs. Deputados, na minha Secretaria eu acompanho isto e sei, ao dia, a execução financeira.

**Deputado Duarte Freitas (PSD):** Naturalmente.

**O Orador:** Se há alguma informação, e admito que haja um lapso qualquer, que não esteja a ser fornecida, eu vou tentar colmatar esta deficiência, porquanto é interesse do Governo que a Assembleia saiba o que é que o Governo faz.

Portanto, o seu apelo, se é que existe alguma falha, não está a ser conscientemente iludido.

Relativamente aos subsídios já se falou aqui em montantes, o Sr. Deputado Decq Mota falou em 15 milhões de contos. Srs. Deputados, não é só falar em números, mas é preciso saber o que lá está dentro.

Grande parte desses subsídios são verbas comunitárias que correspondem aos incentivos, aprovados por Bruxelas, e que têm os seus controlos próprios, porque se formos ver aqueles que são dados por portarias, e que o próprio Deputado Duarte Freitas aqui lembrou, eles correspondem apenas a centenas de milhares de contos, mas não são os 15 milhões.

Grande parte disto tem o nome de subsídios, mas são incentivos ao investimento e outras coisas do género.

Eu próprio junto do Tribunal de Contas estou a tentar arranjar uma outra designação para separar aquilo que é o subsídio, na verdadeira, antiga e clássica acepção da

palavra e o que é o incentivo ao investimento, que grande parte até são feitos com verbas comunitárias, tais como construções de hotéis e para todos os projectos e incentivos que nós temos aqui na Região.

Em relação às despesas correntes, elas subiram em 2000 e isso já foi explicado por mim e também pela Sra. Deputada Andreia Cardoso.

Mais de 4 milhões de contos resultam de legislação aprovada por esta Assembleia.

Por outro lado, o Governo não comanda os aumentos nem negocia as tabelas dos salários dos funcionários públicos. As tabelas que são aplicadas na Região são aquelas que são aplicadas no Continente.

Agora, o que seria interessante ver era se as taxas de crescimento das despesas com pessoal consignadas no orçamento a nível nacional, são maiores ou menores do que as nossas na Região.

No ano de 2002 teve que se expurgar das despesas da Região mais de 4 milhões de contos que foram para as pensões de reforma e para os complementos aprovados por esta Assembleia. Façam esse exercício, Srs. Deputados. Eu não o fiz nem tenho aqui elementos para o fazer, mas era engraçado que o fizessem, porque as comparações devem ser feitas assim.

Mexer e comparar números é difícil, porque temos que saber o que é que está por detrás da natureza de cada um deles e não se pode misturar alhos com bugalhos.

Quanto às taxas de execução de Plano, eu estou com muita curiosidade, quando vier aqui a Conta do ano de 2001, em saber a opinião de V. Exas. sobre as taxas de execução do Plano de 2001. Fico, sinceramente, ansioso à espera das vossas apreciações.

Quanto ao Sr. Deputado Duarte Freitas, deve haver alguma confusão nos seus conceitos.

O Sr. Deputado aponta como quase uma coisa censurável o facto de haver um desequilíbrio no Orçamento de 2000 de 4,9 milhões de contos.

O conceito de equilíbrio agora é diferente daquele que era antes, porque antes havia um equilíbrio entre despesas correntes e receitas correntes, agora isto não faz qualquer sentido e adoptou-se um outro sentido de equilíbrio entre a receita efectiva

e a despesa efectiva. O que é que está por detrás de cada um destes conceitos? O Sr. Deputado com certeza que não sabe, senão não teria dito a enormidade que disse.

Na despesa efectiva entra os juros, na receita efectiva não entra os empréstimos e é esta a razão do desequilíbrio. O desequilíbrio que é apontado aí corresponde ao défice que, nas contas nacionais, são aqueles que o EUROSTAT apura para saber se o País está a cumprir ou não os critérios de Mastrisch e os critérios impostos pelo Pacto de Estatibilidade. É esta a diferença.

Sempre que a Região tiver endividamento e recorrer a empréstimos, pois o orçamento estará desequilibrado, e isso chama-se défice.

Será sempre assim, Sr. Deputado, e só quando nós não tivermos empréstimos, só quando nós formos impedidos, como estamos a ser agora, de recorrer a empréstimos para financiar despesas de investimento, aí estamos com o orçamento equilibrado e quando assim é, o Sr. Deputado Duarte Freitas fica todo satisfeito. Não se investiu, não fomos autorizados a contrair empréstimo, temos o orçamento equilibrado.

**Deputado Duarte Freitas (PSD):** O senhor não leu isto? Não leu!

**O Orador:** Eu sei que isso está aí, mas é uma deficiência.

O objectivo é ter um orçamento equilibrado? É sim senhor.

Quando todos os países não tiverem necessidade de recorrer a poupança de outrém para fazer os seus Planos, estamos no paraíso, ou seja, todas as nossas receitas dão para as nossas despesas.

Há desequilíbrio? Há sim senhor. Mas há algum mal nisso?

**Deputado Duarte Freitas (PSD):** Há e está nas críticas do Tribunal de Contas!

**O Orador:** O Tribunal de Contas sabe, o senhor é que não interpretou o que o Tribunal de Contas quis dizer.

O Orçamento de Estado tem um défice que agora a Sra. Ministra das Finanças diz que é de 2,94%.

Portanto, isto está dentro do critério. É um desequilíbrio e todos nós gostaríamos que o défice fosse zero ou que houvesse mesmo um superavit como há em muitos países, nomeadamente os países escandinavos que têm superavites nos seus orçamentos. Isto não é nenhum defeito, é apontar uma evidência. Temos um défice? Temos sim senhor. Seria melhor não ter? Com certeza que sim.

Quanto aos subsídios quero dizer que o próprio Tribunal de Contas também reconhece que tem havido muita evolução nesta matéria e nós próprios temos feito muito neste sentido, porque as críticas são muito menores.

O Sr. Deputado Duarte Freitas, que leu o parecer do Tribunal de Contas, há-de reparar se nos anos anteriores havia tantas referências positivas à Conta.

Eu há não me lembro dos pareceres de todas as Contas passadas, mas creio que este parecer relativo a 2000 é dos melhores que tem sido feito pelo Tribunal de Contas às Contas da Região.

**Deputado Duarte Freitas (PSD):** Já disse isso o ano passado, aliás, diz isso todos os anos.

**O Orador:** Eu digo isto, porque eles vão sempre melhorando. A tendência é esta, Sr. Deputado.

Isto é assim, porque o Governo lê e acolhe com satisfação as críticas que lhe são feitas e procura remediá-las e daí que também tenha havido aqui referências a observações que estão a ser cumpridas.

Sr. Deputado, é mesmo assim e haverá sempre falhas, algumas até resultam depois de melhorias que foram introduzidas e dou como exemplo o caso concreto do património. A relação do património da Região foi feita por este Governo, porque anteriormente nunca existiu uma relação de património que constasse das Contas. Este Governo fez, muito bem. O Tribunal de Contas acolhe, mas diz que ainda falta isto ou falta aquilo nessas relações. Tudo isto é verdade, mas hão-de ir sendo melhoradas aos poucos e não pode ser de um dia para o outro.

Muitas vezes a observância de uma recomendação leva a que no ano seguinte apareçam três ou quatro relativamente àquele aspecto que foi melhorado, mas ainda não está bom, porque detectou-se isto ou aquilo. É preciso melhorar e é assim que temos de andar para a frente.

Srs. Deputados, eu não vos vou tirar mais tempo, mas sinceramente gostaria que o próximo Orçamento de 2004, que nós daqui a dias vamos aprovar, e que também é último de uma legislatura, corra tão bem, tão bem como correu o de 2000 e que conduza aos mesmos resultados eleitorais.

Muito obrigado.

(Aplausos das bancadas do PS e do Governo)

**Presidente:** Srs. Deputados, não tenho mais inscrições, vamos passar à votação da Proposta de Resolução – Conta da Região Autónoma dos Açores, referente ao ano de 2000.

Os Srs. Deputados que concordam, por favor mantenham-se como se encontram.

Os Srs. Deputados que se abstêm, façam o favor de se sentar.

**Secretário:** A Proposta de Resolução - Conta da Região Autónoma dos Açores, referente ao ano de 2000, foi aprovada com 29 votos a favor do PS, 15 abstenções do PSD, 2 abstenções do PP e 2 abstenções do PCP.

**Presidente:** Passamos agora ao ponto 7 da nossa Ordem do Dia, **Proposta de Resolução – Conta de Gerência da Assembleia Legislativa Regional dos Açores, referente ao ano de 2002.**

Está aberta a discussão sobre esta Proposta de Resolução.

(Pausa)

Não havendo intervenções, vamos passar à votação.

Os Srs. Deputados que concordam, por favor mantenham-se como se encontram.

**Secretário:** A Proposta de Resolução – Conta de Gerência da Assembleia Legislativa Regional dos Açores, referente ao ano de 2002, foi aprovada por unanimidade.

**Presidente:** Passamos agora ao ponto 8 – **Proposta de Resolução – Orçamento Suplementar da Assembleia Legislativa Regional dos Açores, referente a 2003.**

Está aberta a discussão sobre esta Proposta de Resolução.

(Pausa)

Não há intervenções, vamos votar.

Os Srs. Deputados que concordam, por favor mantenham-se como se encontram.

**Secretário:** A Proposta de Resolução – Orçamento Suplementar da Assembleia Legislativa Regional dos Açores, referente ao ano 2003, foi aprovada por unanimidade.

**Presidente:** Passamos agora ao ponto 9 – **Proposta de Resolução – Orçamento da Assembleia Legislativa Regional dos Açores, referente ao ano de 2004.**

Está aberta a discussão sobre esta Proposta de Resolução.

(Pausa)

Não há intervenções, vamos votar.

Os Srs. Deputados que concordam, por favor mantenham-se como se encontram.

**Secretário:** A Proposta de Resolução – Orçamento da Assembleia Legislativa Regional dos Açores, referente ao ano 2004, foi aprovada por unanimidade.

**Presidente:** Passamos agora ao ponto seguinte – **Projecto de Decreto Legislativo Regional – Segunda alteração ao Decreto Legislativo Regional 2/99/A, de 20 de Janeiro, - Adaptação do Sistema Fiscal Nacional, alterado pelo Decreto Legislativo Regional nº 33/99/A, de 30 de Dezembro**, apresentado pelo PSD.

Está aberto o debate sobre este diploma.

Tem a palavra o Sr. Deputado Francisco Sousa.

**Deputado Francisco Sousa (PS):** É para informar a Câmara, na figura de interpelação à Mesa, que os Grupos Parlamentares chegaram a acordo de se fazer a discussão deste diploma por tempos globais, assim distribuídos:

PS – 17,5 m

PSD – 12,5 m

PP – 10 m

PCP – 10 m

Governo - 17,5 m

**Presidente:** Muito obrigado, Sr. Deputado Francisco Sousa.

Assim sendo, dou a palavra ao Sr. Deputado Duarte Freitas.

**Deputado Duarte Freitas (PSD):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Segundo fui informado, além desses tempos normais, nós como proponentes temos mais cinco minutos.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado José Manuel Bolieiro.

**Deputado José Manuel Bolieiro (PSD):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Secretário Regional:

É para esclarecer o Sr. Deputado Vasco Cordeiro que ficou também assente uma tolerância de cinco minutos para os proponentes.

**Presidente:** Esclarecida que está esta questão, o Sr. Deputado Duarte Freitas pode fazer a sua intervenção.

**Deputado Duarte Freitas (PSD):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

A Constituição e o Estatuto Político-Administrativo da Região Autónoma dos Açores consagram o poder da Região adaptar o sistema fiscal nacional, no sentido da promoção da correcção das desigualdades entre o Continente e as Regiões Autónomas decorrentes da insularidade, com a consequente diminuição das pressões fiscais.

A Lei n.º 13/98, de 24 de Fevereiro, desenvolveu os termos e os limites do exercício daquele poder.

O Decreto Legislativo Regional n.º 2/99/A, de 20 de Janeiro, concretizou a adaptação do quadro fiscal nacional a nossa realidade insular e foi a primeira expressão do poder legislativo regional nesta matéria.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Em 1998, foi criado o pagamento especial por conta, para os contribuintes sujeitos ao imposto sobre o rendimento das pessoas colectivas (IRC), designadamente as empresas que exerçam, a título principal, actividades de natureza comercial, industrial ou agrícola e não abrangidas pelo regime simplificado.

Repito: Em 1998 foi criado o pagamento especial por conta, para quem, por ignorância ou má fé, tenta divulgar o pagamento especial por conta em algo que surgiu o mês passado ou ao ano passado. Foi criado em 1998.

O regime do pagamento especial por conta, que foi actualizado em 2003, prevê que os contribuintes estejam obrigados a efectuar o pagamento de um montante correspondente `s diferença entre 1% dos proveitos e ganhos no ano anterior, com os limites mínimo de 1.250 euros e máximo de 200.000 euros, e o montante dos pagamentos por conta efectuados no ano anterior.

Ficou assim mais evidente que a redução nos Açores da taxa nacional do IRC em 30% não estava a ser considerada na liquidação do pagamento especial por conta desde 1998/99, quando nós fizemos a adaptação fiscal.

Na verdade, esta forma de liquidação que existe, e repito de novo, desde 1998 deveria ter em consideração a realidade fiscal específica dos Açores, desde a entrada em vigor da adaptação do sistema fiscal nacional promovida em 1999, através do Decreto Legislativo Regional 2/99/A, de 20 de Janeiro, em matéria de IRC.

Só assim se assegura, de facto, a coerência do sistema e se respeita a configuração regional da cobrança do IRC.

O PSD entende que por esta via normativa que estamos aqui ma apresentar e que propomos fica aclarada qualquer duvida interpretativa, resolvendo-se o problema que afecta muitas empresas e empresários açorianos.

Nestes termos, o Grupo Parlamentar do PSD propõe que o artigo 5.º do Decreto Legislativo Regional 2/99/A, de 20 de Janeiro, alterado pelo Decreto Legislativo Regional n.º 33/99/A, de 30 de Dezembro, passe a incluir um número 5, a clarificar que a mesma redução prevista para o IRC se aplique, naturalmente, a percentagem da formula de calculo para apuramento do pagamento especial por conta, e aos limites mínimos e máximos fixados.

Deste modo, para além da redução das taxas nacionais do IRC, fica claro e seguro que a liquidação do PEC passa a ter em conta a adaptação fiscal promovida nos Açores.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Explicada a motivação da apresentação do nosso projecto de Decreto Legislativo Regional, dedicamos agora algumas palavras ao processo que nos trouxe até à discussão e votação deste diploma em Plenário.

Apresentado publicamente o Projecto de Decreto Legislativo Regional pelo PSD, logo o Governo Regional, pela boca do Sr. Secretário das Finanças, veio, reactivamente, afirmar a sua discordância com a iniciativa do Grupo Parlamentar do PSD.

Na apreciação do diploma, em sede da comissão parlamentar competente, o PS votou contra, e o Governo Regional, que recusou entregar à comissão documentação relativa as diligências que havia desenvolvido com o Governo da Republica para resolver este problema, acabou, por reconhecer que só apresentou esta questão a Lisboa depois da iniciativa legislativa do PSD/Açores.

E, para quem já esteja esquecido, eu faço lembrar que no dia 29 de Julho de 2003 o PSD apresentou em público a seu Projecto de Decreto Legislativo Regional para resolver este problema.

No dia 31 de Julho o Sr. Secretário das Finanças emite uma nota e presta declarações a desconsiderar a proposta do PSD e a dizer que ele próprio já tinha tomado a iniciativa de tentar resolver por outra via, contactando o Governo da República.

O Sr. Secretário, nesta meia verdade e que revela aqui alguma falta de rigor, para não dizer mais, o Sr. Secretário, quando trouxe isto a público e quando estava a falar de passado, disse que já tinha mandado, mas “esqueceu-se” de dizer que tinha sido no dia anterior, isto é, o no dia 30, que por acaso foi o dia a seguir ao PSD ter apresentado a sua proposta. Isto tem muita piada!

Ficou então claro que o Governo Regional do PS nunca tinha tomado consciência desta situação, não tendo, por isso, até então, desenvolvido qualquer iniciativa para resolver esta injustiça fiscal.

Mais: o Governo Regional, que apenas reagiu, a reboque e com ciúme, à iniciativa do PSD, andou durante todo este tempo desorientado, a tentar desresponsabilizar-se e a justificar uma mera reacção, tardia e, julgamos nós, imponderada, desculpada apenas pela ânsia de criticar e desvalorizar tudo o que vem da iniciativa do PSD.

Ontem discordaram. Hoje, embora contrariados pelo ziguezague, já concordam, mas com argumentação fugidia e, de alguma forma, arrogante.

Em primeiro lugar, só por desonestidade intelectual ou ignorância atrevida, repito, só por desonestidade intelectual ou ignorância atrevida, se pode afirmar, como os senhores afirmaram no vosso comunicado de hoje de manhã, que a distorção detectada no PEC foi introduzida administrativamente por um despacho do actual Secretário de Estado dos Assuntos Fiscais. Os senhores ou não têm conhecimento ou então são completamente desonestos. Só por ignorância ou por má fé é que se pode fazer isso.

Na verdade, este problema, que hoje e por esta via procuramos resolver, existe e repete-se de novo, desde 1999, quando se conjugou a adaptação fiscal com o pagamento especial por conta, isto é, desde os tempos do anterior Governo da Republica, da responsabilidade do PS.

Em segundo lugar, a Câmara do Comercio e Industria de Angra do Heroísmo, ao contrário do que o PS diz, também no seu comunicado, não defendeu apenas uma solução administrativa, mas qualquer solução que resolvesse definitivamente o problema, incluindo a solução legislativa que o PSD propõe.

**Deputado Vasco Cordeiro (PS):** Qual era a 1ª solução?

**O Orador:** As provas manifestam ignorância atrevida ou desonestidade intelectual do Partido Socialista nesta matéria.

Em terceiro lugar, o PS até parece querer fazer esquecer o abaixo assinado dos Técnicos Oficiais de Contas, dirigido ao Presidente da Comissão de Economia, que defende fundamentadamente a solução que o PSD apresentou.

Absurdo se torna a tentativa do PS em responsabilizar o actual Governo da República por esta situação, como já ficou bastante provado, ou de reclamar para si, com a aprovação deste projecto de Decreto Legislativo do PSD, a solução do problema por via legislativa.

Na verdade é pela mão do PSD, digo e repito, na verdade é pela mão do PSD e com o apoio desta Assembleia, que agora se vai resolver este problema que, injustamente, afecta, desde 1999, muitas empresas e empresários açorianos.

Disse.

**Deputado Mark Marques (PSD):** *Muito bem!*

*(Aplausos das bancadas do PSD e do PP)*

**Presidente:** Apresentado o diploma, passamos à discussão do mesmo.

Tem a palavra a Sra. Deputada Andreia Cardoso.

**Deputada Andreia Cardoso (PS):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Fala de má fé o Sr. Deputado Duarte Freitas, ...

**Deputado João Cunha (PSD):** E com razão.

**A Oradora:** ... quando no primeiro parágrafo da sua intervenção nos brinda com uma frase em que diz que foi o PS a criar o PEC em 1998. De facto, o Pagamento Especial por Conta foi efectivamente criado em 1998, mas apresenta má fé quando não explica que PEC criado pelo Partido Socialista não tem nada a ver com o que a Ministra Ferreira Leite criou agora com o Orçamento de Estado de 2003 e passo a explicar para ver se isto fica claro.

Em 1998 o PEC resultava da diferença de 1% do volume de negócios e o pagamento por conta e tinha como limites 100 e 300 contos e era possível o seu reembolso.

O que introduz a Ministra Ferreira Leite no ano de 2003? Cria um pagamento especial por conta que não é mais do que uma colecta mínima...

**Deputado Duarte Freitas (PSD):** Actualiza, não cria.

**A Oradora:** ... à partida é 1% não do volume de negócios, mas dos proveitos e ganhos.

**Deputado Duarte Freitas (PSD):** Actualiza ou não Sra. Deputada?!

**Deputado Paulo Messias (PS):** Altera as regras do jogo.

**A Oradora:** Para mim tem uma natureza completamente diferente.

A Pagamento Especial por Conta resulta assim de 1% do total dos proveitos e ganhos, que é muito diferente do volume de negócio de uma empresa e estabelece como limites máximos e mínimos, passando o mínimo de 100 para 250 contos e o máximo de 300 para 40.000 contos. É isto que o senhor chama de actualização.

Este pagamento, na verdade, não é possível de reembolsar. Como o senhor sabe as regras que são impostas impedem completamente que este pagamento especial por conta seja reavido.

Daqui resulta, de facto, que de 98 a 203 não surgiram técnicos de contas nem tão pouco taxistas a insurgirem-se contra esta matéria, ao contrário do que acontece agora com os técnicos de contas da Região que se aperceberam de uma realidade. Foi detectada uma deficiência na fórmula, uma vez que a aplicar tal qual o Governo do PSD definiu...

**Deputado Duarte Freitas (PSD):** A fórmula é a mesma, Sra. Deputada.

**A Oradora:** ... implica que cria uma distorção que os pequenos e médios empresários da Região Autónoma dos Açores, para além de não beneficiarem da redução fiscal, criada por um Decreto Legislativo Regional desta Casa, de 30% no IRC, acabam por pagar mais Pagamento Especial por Conta do que qualquer empresa do Continente.

**Deputado Duarte Freitas (PSD):** A distorção técnica existe desde 99!

**A Oradora:** A distorção técnica existe desde o momento que se impõem os limites que, efectivamente, se impõem.

**Deputado Duarte Freitas (PSD):** A Sra. Deputada seja séria nessa análise.

**A Oradora:** Eu estou a ser séria.

É um técnico oficial de contas dos Açores que refere exactamente o seguinte: “A situação agrava-se exponencialmente com a entrada em vigor do Orçamento de Estado para 2003. Com efeito os limites mínimos e máximos, que figuram na fórmula de cálculo do PEC, foram substancialmente alterados (aumentados) por aquele orçamento.”

O PSD, entretanto, apresenta a presente proposta como sendo a única proposta em cima da Mesa, mas não era, de facto, até à data da reunião da Comissão, porque haviam duas alternativas para a solução deste problema. De facto, o que interessa aqui é resolver um problema que se impõe aos empresários da Região Autónoma dos Açores.

A resolução deste problema, em nosso entender, até por questões políticas e, inclusivamente, legais, passava pela alteração de um despacho que regulamenta o Pagamento Especial por Conta.

O Sr. Secretário de Estado mostra-se indisponível para proceder à alteração do despacho que, em nosso entender, seria possível para resolver esta questão.

Como o que nos interessa, de facto, é resolver a situação dos empresários, e afigurando-se que...

(Vozes inaudíveis dos Srs. Deputados das bancadas do PSD e PS)

**A Oradora:** Peço desculpa, Sr. Presidente, mas assim não consigo terminar o meu raciocínio.

**Presidente:** Deixem a Sra. Deputada concluir a sua intervenção.

**A Oradora:** ... esta solução, apresentada pelo PSD, como a solução viável para resolver o problema dos empresários açorianos, o Grupo Parlamentar do Partido Socialista vai votar favoravelmente a presente proposta.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Duarte Freitas.

**Deputado Duarte Freitas (PSD):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Muito rapidamente para dizer o seguinte:

A Sra. Deputada Andreia Cardoso, como técnica desta área, sabe bem que a distorção técnica existe desde 1998. A senhora como técnica, se não acompanha, devia acompanhar isto, sabe bem que de 98 a 2000 o problema não era gravoso por dois motivos.

**Deputada Andreia Cardoso (PS):** Sr. Deputado, o que é que eu disse?!

**O Orador:** Tenha calma, Sra. Deputada, que eu já lhe vou explicar para perceber e aprender mais qualquer coisa em relação a esta matéria.

**Deputado Vasco Cordeiro (PS):** Isso é arrogância, Sr. Deputado.

**O Orador:** Isto é uma questão meramente técnica.

De 98 a 2000 não havia, de facto, grande problema, porque era possível reembolsar e a partir de 2000 é que a progressão técnica começa a ser mais gravosa para os Açores, porque já não é possível reembolsar.

**Deputada Andreia Cardoso (PS):** E em 2003?!

**O Orador:** Em 2003 agrava-se ainda mais por causa dos aumentos dos limites, mas não por causa da fórmula,...

**Deputada Andreia Cardoso (PS):** Sr. Deputado, o que é que eu disse?!

**O Orador:** ... porque a fórmula é a mesma desde o princípio, Sra. Deputada.

Isto é a tal cambalhota que o senhores tiveram que dar, estão tontos e percebe-se que as coisas não lhes saiem nada bem.

O PEC foi criado pelos senhores. Foi a partir de 2000, com o vosso Governo, que deixou de ser possível reembolsá-lo.

A fórmula já vem desde essa altura, aumentando agora os limites. Isto foi evidente durante muitos anos e os senhores nunca deram por isso.

**Deputado Paulo Messias (PS):** E os senhores deram?!

**O Orador:** Quando o PSD apresentou a sua proposta, veio o Sr. Secretário, há pressa, apresentar no dia seguinte, com meia verdade, dizer que já tinha apresentado, dando a entender que já tinha sido há muito tempo.

Os senhores, com a pressa de tentar matar ou prejudicar as iniciativas do PSD, acabaram por exagerar, esticaram a corda, falaram de mais, votaram contra na Comissão e agora vendo que esta era a melhor solução, acabam por concluir que estavam errados em relação a tudo o que disseram, quer o Governo, quer os Srs. Deputados, na Comissão ou na Comunicação Social.

Os senhores vêm dar-nos razão e ainda bem. Acho que estamos todos de parabéns, porque vamos resolver este assunto.

É bom que o PS tenha vindo de encontro ao PSD e que seja pela mão do PSD que se resolva este problema, mas que haja acordo aqui nesta Assembleia para resolver problemas de empresários e de empresas açorianas.

Infelizmente os senhores não precisavam de ter entrado nessa escalada de derrapagem relativamente a este assunto, que vos fez ter que dar esta cambalhota.

Se desde o início tivessem tido uma atitude mais ponderada e não reagissem apenas por ser uma proposta do PSD, reagissem com mais calma e pensassem mais nos Açores, mais nas empresas, mais nos empresários açorianos e menos em ser contra tudo o que vem do Partido Social Democrata, não teriam que dar agora essa cambalhota.

(Aplausos da bancada do PSD)

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Lizuarte Machado.

**Deputado Lizuarte Machado (PS):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Secretários Regionais:

Eu penso que isto era tudo mais fácil se entendêssemos, efectivamente, o que se passou relativamente a esta questão do Pagamento Especial por Conta, desde 98.

Em 98 quando foi criado o Pagamento Especial por Conta, inicialmente começou por funcionar como um pagamento por conta, já que o reembolso no final do ano económico era imediato e não se tratava de um pagamento especial, mas apenas de um pagamento por conta.

A partir da altura em que foi criado e começou a funcionar a nova regulamentação, que ainda em 99 e 2000 e mais tarde com o Governo do PSD era um pagamento especial por conta, passou a ser outra coisa que tem que ser classificada como um roubo, porque é um expediente dum Estado que, tendo uma máquina fiscal que não funciona e que não consegue pôr a pagar impostos as pessoas que efectivamente deviam pagar e que são uma percentagem muito elevada, recorre a este expediente que, eu repito, é um roubo, para sacar dinheiro aos contribuintes para financiar as suas próprias actividades.

Portanto, é isto que é o Pagamento Especial por Conta, é assim que ele deve ser classificado, quer tenha sido instituído por um Governo do Partido Socialista, quer tenha sido agora piorado por um Governo do PSD. Isto não nos interessa nada.

O que nos interessa é que, efectivamente, isto é que é o Pagamento Especial por Conta e é uma coisa de que todos, enquanto políticos, enquanto cidadãos, num

estado de direito, nos devemos envergonhar. É disto que se trata e é disto que estamos a falar.

Relativamente à proposta do PSD, em concreto, o que se passa é uma situação um bocadinho diferente.

Efectivamente há distorções que são anteriores ao despacho do Sr. Secretário de Estado, mas que não tinham, em termos de incidência económica, o peso que têm neste momento, dado o agravamento que houve nos limites mínimos e máximos do imposto e também por via da distorção da própria fórmula e da nova base sobre a qual é calculado esse montante, que também se alterou ligeiramente, mas a distorção é bem mais antiga do que esse despacho.

De qualquer modo, o Partido Socialista vai votar a proposta do PSD e não a vota por andar a reboque, por recuar, por dar passos atrás ou passos à frente, vai votá-la, porque é perceptível desde a primeira hora e foi perceptível logo, desde a primeira vez que teve contacto com isso e em que estavam presentes os deputados do PSD, que esta situação só poderia ter esta solução, porque era uma situação que estava claramente vista pelo PSD regional e pelo Governo da República.

Esta era a solução que o PSD Regional e o Sr. Secretário de Estado dos Assuntos Fiscais tinham encontrado e queriam que fosse esta a solução, mas pode não ser a solução legal.

Esta não é certamente a melhor solução, é uma solução inviezada e torpe para resolver um problema que devia ser resolvido por via administrativa, apenas por uma ordem que o Sr. Secretário de Estado deveria dar à máquina fiscal do Estado para executar aquilo que já está aprovado em legislação.

Esta é certamente uma solução inviezada, mas não é isso que nos preocupa neste momento, o que nos preocupa neste momento é que se nós não votarmos isto, no dia 30 de Novembro os empresários açorianos vão ter que pagar, e pagar mais do que pagam os empresários nacionais.

É por isso que nós vamos votar este diploma, porque nós queremos resolver este problema e não queremos que os empresários açorianos paguem senão aquilo que a lei lhes consagra como direito de pagar. É apenas por isso e não porque esta seja uma boa solução.

Esta foi a solução que o PSD regional e o PSD nacional, na pessoa do Sr. Secretário de Estado dos Assuntos Fiscais encontraram. Não é boa, mas é a única que existe neste momento.

O Governo da República não nos deixou outra solução.

Vamos votar esta, porque queremos resolver o problema dos empresários açorianos que vão pagar só aquilo a que têm direito.

Esperemos que agora o Sr. Secretário de Estado das Finanças não se esqueça de cumprir o compromisso que certamente assumiu com o PSD regional.

(Aplausos da bancada do PS)

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado José Decq Mota.

**Deputado José Decq Mota (PCP):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Secretários Regionais:

Esta é certamente uma das matérias que nós não deveríamos estar aqui a discutir, ou seja, é uma das matérias, cuja solução deveria nascer normalmente do normal relacionamento entre as instituições nacionais e regionais.

Há uma decisão legislativa legítima desta Assembleia, porque, de acordo com a Lei de Finanças Regionais, que vale como lei de bases para adaptação do sistema fiscal, temos essa legitimidade e usámos esse poder.

Evidentemente que o instrumento, pelo qual exercemos esse poder, deve ser tido em conta nas outras situações que, do ponto de vista administrativo, resulta nomeadamente nestas formas especiais de pagamento ou de cobrança dos impostos.

Portanto, do ponto de vista de funcionamento entre as instituições, Governo da República e Governo Regional, este assunto devia ser resolvido.

Eu, sem ser jurista, penso que o despacho de Junho do Sr. Secretário de Estado devia ter previsto cabalmente a existência da redução do IRC e, portanto, dado as indicações que resultam naturalmente daí e o assunto ficava resolvido no plano administrativo e não era preciso mais nada, nem nós estarmos aqui a gastar tempo, palavras e energia.

Não foi assim que aconteceu e é pena que não o tenha sido.

É pena que, a partir de certo momento, este assunto, que é uma questão técnica, que deriva de opções políticas, legitimamente tomadas anteriormente, quer a nossa de reduzir o IRC em 30%, quer a daqueles outros que criaram esta forma de pagamento, embora concorde com o raciocínio que o Sr. Deputado Lizuarte Machado faz sobre essa questão, esta questão técnica nunca devia ter sido assumida como bandeira política como o foi a partir do dia 29 de Julho.

Mas, de facto, estamos num impasse e este assunto tem de ser resolvido para não criar mais prejuízos.

Por essa razão, embora considerando que não era necessário esta atitude, o Grupo Parlamentar do Partido Comunista Português vai votar favoravelmente este Projecto de Decreto Legislativo Regional, apresentado pelo PSD.

**Vozes da bancada do PS:** *Muito bem! Muito bem!*

**Presidente:** Srs. Deputados, eu dei a palavra ao Sr. Deputado Decq Mota ainda antes da nossa hora regimental para terminar os trabalhos, mas como já passa das 20,00 horas, eu pedia aos Srs. Líderes Parlamentares e ao Governo o favor de se abeirarem aqui da Mesa para tomarmos uma rápida decisão sobre os nossos trabalhos.

(Pausa)

*De acordo com o que ficou entendido na Conferência de Líderes, dou a palavra ao Sr. Deputado Alvarino Pinheiro.*

*Tem a palavra o Sr. Deputado Vasco Cordeiro para interpelar a Mesa.*

**Deputado Vasco Cordeiro (PS):** *Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:*

*Aquilo que eu percebi foi que se acabava hoje este ponto e continuava-se com o resto amanhã.*

*Eu gostava de saber o que é que a Mesa percebeu.*

**Presidente:** *Eu também percebi isso.*

**O Orador:** *Muito obrigado.*

**Presidente:** *Tem também a palavra o Sr. Deputado Alvarino Pinheiro para dizer o que percebeu.*

**Deputado Alvarino Pinheiro (PP):** *Sr. Presidente, Srs. Deputados:*

*Eu percebi que o PSD queria terminar agora. O PS queria continuar. Não percebi bem o PCP e para o PP é indiferente.*

**Presidente:** *Assim sendo, pedia para nos reunirmos de novo para nos acertarmos em relação a isto, na medida em que esta é uma matéria que deve ser consensual.*

(Pausa)

*Srs. Deputados, vamos terminar os nossos trabalhos por aqui e retomaremos amanhã pelas 10,00 horas.*

*Antes disso vou anunciar os tempos ainda disponíveis:*

*PS – 6,5 m*

*PSD – 5,5 m*

*PP – 10 m*

*PCP – 7 m*

*Governo - 17,5 m*

*Estão encerrados os nossos trabalhos.*

(Eram 20 horas e 10 minutos)

**Deputados que entraram durante a Sessão:**

**Partido Socialista (PS)**

**Óscar Manuel Valentim da Rocha**

**Partido social Democrata (PSD)**

**Aires António Fagundes Reis**

**Partido Popular (PP)**

**Alvarino Manuel Meneses Pinheiro**

**Deputados que faltam à Sessão:**

**Partido Socialista (PS)**

**Fernando Manuel Machado Menezes**

**Partido Social Democrata (PSD)**

**Manuel da Silva Azevedo**

---

**O Redactor de 1ª classe, *José Rodrigues da Costa***